Freitas está a prestar serviço à esquerda

— *diz Lopes Cardoso à Mesa "DL"*

«O dr. Soares optou por disputar a eleição presidencial no terreno da direita, mas o surgimento da candidatura Freitas vai empurrá-lo para o centro-esquerda», diz-nos Lopes Cardoso, dirigente da UEDS, nosso convidado de hoje à Mesa «DL» do Restaurante «Faz Figura». «O prof. Freitas — acrescenta Lopes Cardoso — está a prestar o melhor serviço possível à esquerda portuguesa.

Págs. 6 e 7

Diário de Lisboa

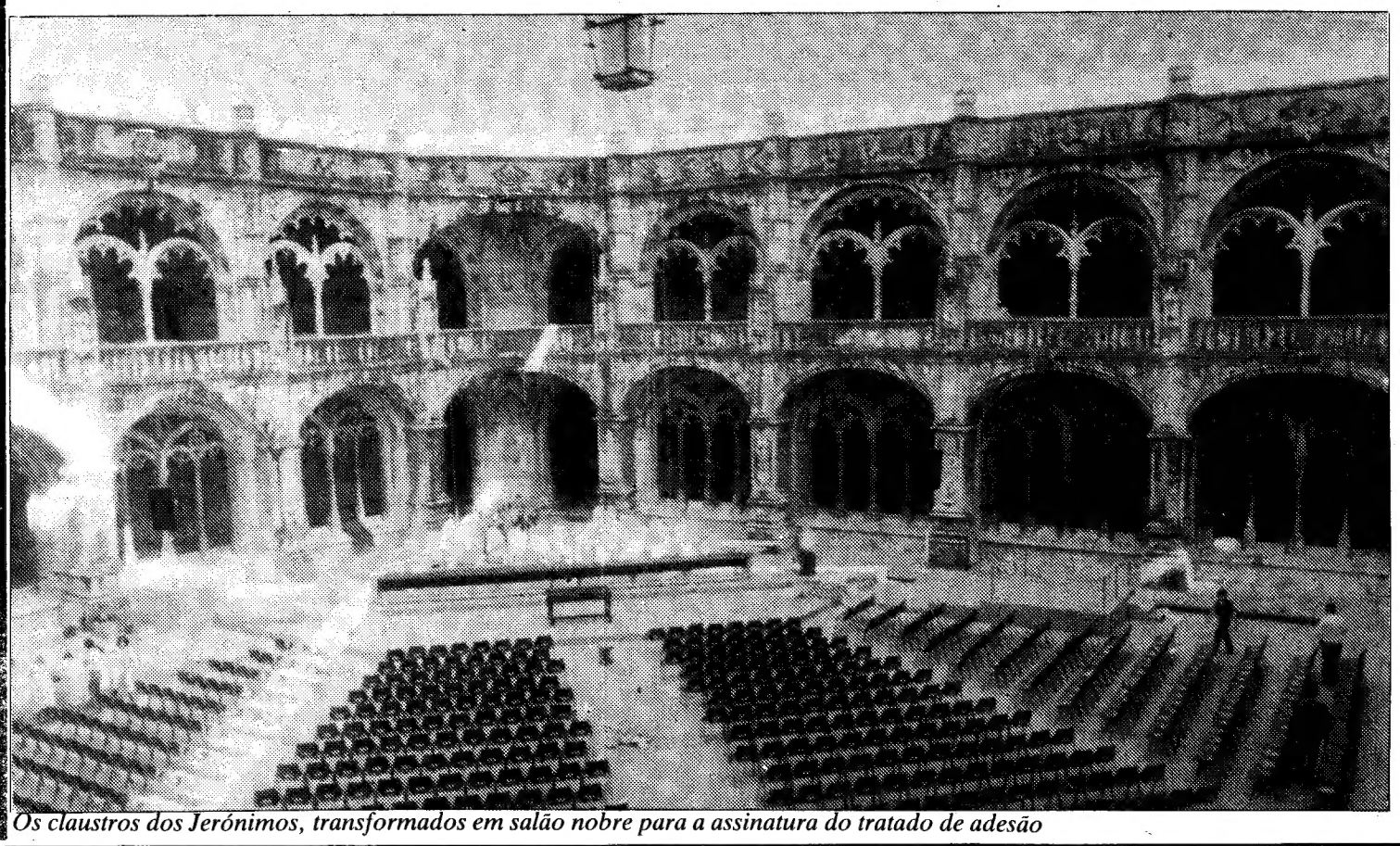
ANO 65 N.º 21 780 — Terça-feira, 11 de Junho de 1985 — Preço 40$00

Sete Ponto Sete

mais leitura no seu "DL"

O pintor Hans Hartung e o historiador Jacques Le Goff são dois entrevistados deste número do Sete Ponto Sete, que também publica um extenso dossier sobre a China de hoje e uma «viagem» até junto de dois grupos musicais : os «crass» e os «Bromnski Beats».

Entrada na CEE assinada amanhã



Os claustros dos Jerónimos, transformados em salão nobre para a assinatura do tratado de adesão

Entalada entre feriados que esvaziam parcialmente a capital, e ocorrendo quando as temperaturas de Verão começam a atingir Lisboa, a assinatura do tratado de adesão à CEE está marcada para cerca das 10 e 30 de amanhã, vindo os signatários e convidados da Torre de Belém para o mosteiro dos Jerónimos.

Curiosamente, a formalização da aliança continental, que mobilizou a vontade política dos governos na última década tem lugar nos edifícios que mais directamente simbolizam a antiga vocação marítima nacional, como se o futuro precisasse de ocupar, materialmente, os locais que significam o passado para se poder, claramente, impor.

Discursando depois de Bettino Craxi, Giulio Andreotti e Jacques Delors, Mário Soares alcança assim um dos seus objectivos «históricos»: o de assinar com o seu punho, antes das Presdenciais, a consagração formal do nosso país como membro da Comunidade Europeia.

Mau ou bom, o tratado amanhã assinado abre, de facto uma nova fase da vida nacional, e condiciona o nosso meio de desenvolvimento para os próximos decénios.

Pág. 11

Águias voaram para a Taça

...e para a tesouraria

A volta dos triunfantes: tinha terminado a disputa da «Taça de Portugal» e os futebolistas do Benfica, rubricando a melhor exibição de toda a temporada, passeiam pelo Jamor o troféu que rendeu 200 contos a cada atleta vencedor do FC Porto. Carlos Manuel. Diamantino e José Luís, precisamente os três **mosqueteiros** lusitanos que não acertaram ainda verbas para continuarem na Luz, comandam o pelotão do êxito, galopando para a tesouraria rubra onde agora os cofres vão sofrer um forte desbaste.

Págs. 14 e 15

Por uma economia sem detritos

Serviço especial Novosti/«DL»

Durante muito tempo, os homens pouco pensavam nas consequências da sua actividade económica nem na sua influência sobre a natureza. Depois, começaram a preocupar-se e, finalmente, iniciaram-se as actividades necessárias para conservar o equilíbrio de todo o sistema ecológico.

A situação, efectivamente, tornou-se crítica. A razão principal radica, sem dúvida, no facto de durante todo este tempo ter reinado o princípio, que se poderia definir como indústria pouco produtiva. Uma fábrica metalúrgica, por exemplo, só tinha que produzir metais, dedicando-se apenas a esta tarefa e a mais nada em absoluto. Os produtos secundários da matéria-prima e do processo de produção eram amontoados como lixo.

Chegou-se assim a um ponto em que o homem apenas utiliza, um ou, no máximo, dois por cento da matéria-prima que, entretanto, foi arrancada para sempre à natureza. Isto significa que 98-99 por cento desses materiais são considerados como inúteis, sendo deitados fora, de tal forma que a natureza já não pode voltar a «digeri-los». Este mineral torna-se assim inútil não só para a natureza como, ao participar em diferentes reacções químicas, aumenta até ao infinito a quantidade de substâncias prejudiciais, que alteram o equilíbrio ecológico.

As consequências de todo este processo são evidentes. A natureza «adoece» e começa a degenerar. Por outras palavras, o homem está a envenenar o seu próprio ambiente e, frequentemente, até o alheio. A Escandinávia constitui um bom exemplo do que acaba de ser dito: as correntes aéreas, que não conhecem fronteiras, levam até ela o gás sulfuroso das empresas industriais da Inglaterra e da RFA. Como resultado, a maior parte dos famosos lagos escandinavos estão mortos, sem vida.

Repara-se noutro exemplo. De acordo com as leis da termodinâmica, só podemos aproveitar 30 ou 40 por cento de toda a energia contida no carvão e no petróleo. Não podemos aproveitar o resto e, por essa razão, somos obrigados a lançar o calor para o ar. Entretanto, o ácido carbónico que se forma ao queimar-se o carvão (ou, melhor dito, o carbono) acumula-se na atmosfera.

Muitos cientistas pensam que esta situação pode conduzir a que a atmosfera se transforme numa espécie de escudo térmico, cujo efeito provocaria o aquecimento do planeta, de graves consequências (por exemplo, o derretimento dos glaciares). Isto significa que.

Não pode haver resíduos inofensivos

A Humanidade produz actualmente 2 ou 3 milhões de diferentes produtos tecnológicos. Na produção de cada um deles surge uma grande quantidade de resíduos que, ao acumularem-se na natureza, reagem com outras substâncias. Como se pode determinar o grau da sua nocividade? Como se inteirar da influência que estes exercem sobre a natureza e o homem?

O homem, de facto, só tem uma oportunidade e uma solução para esta situação crítica: eliminar os resíduos.

A contaminação do ambiente é, desde logo, um problema importante. Mas isto é apenas a ponta visível do iceberg que bloqueia o caminho da Humanidade. A sua parte submarina, por assim dizer, é o esgotamento dos recursos naturais, o que é muito mais terrível. Quanto mais escasseia a matéria-prima, mais cara ela se torna. Actualmente, cada tonelada de petróleo é mais cara para o consumidor que a anterior. Quanto custará a última tonelada?

Urge, portanto, encontrar a solução. E ela existe, de facto. Os especialistas, por exemplo, sabem que, mesmo com a ajuda dos meios mais modernos e eficientes de purificação do ar contaminado com mercúrio e chumbo, é impossível atingir o efeito ideal, sendo, além do mais, um processo caro.

Todavia, tudo se poderia solucionar de uma maneira bastante fácil. Há apenas que organizar o processo tecnológico de refinação do chumbo, de modo que seja excluído por completo o escape para a atmosfera dos vapores e gases, desde a superfície do banho no qual se funde o metal. Não será uma tarefa assim tão complicada, se colocada ao nível da elaboração dos processos tecnológicos.

As substâncias residuais desapareceriam se a matéria-prima fosse inteiramente processada. Cite-se um exemplo: o aproveitamento dos resíduos do proceso de concentração da apatite que, hoje, são utilizados na indústria dos materiais de construção.

É imutável a lei da concentração da matéria. Nenhum elemento químico da Tabela de Mendeléev pode desaparecer sem deixar vetígios. Porém, eles podem passar de uma forma para outra. A prata, por exemplo. Os seus recursos naturais estão praticamente extintos. Os homens desperdiçaram este metal e não pensaram, por acaso, nos reagentes fotográficos usados. Se antes tivessem pensado neste problema, talvez se pudesse recuperar este valioso metal.

Nada se perde, tudo se transforma

Exemplos como este há muitos. Em vez de deitar a matéria-prima para o lixo ou disseminá-la no ar, torna-se muito mais vantajoso criar de imediato processos químicos, novos em princípio, que garantissem o aproveitamento completo e integral de tudo o que está contido na matéria-prima. Hoje, felizmente, já se está a seguir esta via.

Um problema à parte é o aproveitamento da energia. Esta gasta-se para sempre e não se pode recuperar. Mas também a energia pode ser poupada, para não ser excepção ao princípio da conservação de tudo o que há na natureza. Além disso, existem fontes de energia possíveis de renovar e que, contudo, não são muito usadas pelo homem.

Do ponto de vista da produção sem resíduos, já num futuro próximo as centrais termoeléctricas deveriam ser transformadas em grandes complexos energético-agro-químicos.
Estas são empresas que geram energia eléctrica para as estufas. Dos gases residuais obter-se-ia o ácido sulfúrico. A cinza também será processada, já que esta contém em quantidades suficientes praticamente todos os metais de que o homem necessita.

Outro problema inquientante é o do homem tirar da natureza sem nada lhe devolver. Falando figurativamente, isto significa que o homem moderno, sem pensar, deita para o lixo um prego enferrujado como coisa completamente inútil..

Acaso se pode esquecer que esse prego é feito de ferro, fundido do minério concentrado, o qual, por sua vez, foi obtido do minério natural? É grande o trabalho investido para extrair o minério da mina. Por outras palavras, esse prego enferrujado deu imenso trabalho, realizado por muitas pessoas. Portanto, em vez de deitar fora o prego, devia pensar-se em como ele poderia ser de novo empregue.

A propósito de corrosão, cabe recordar os grandes prejuízos que ela acarreta. De acordo com os especialistas, a corrosão destrói anualmente até 2 por cento de todo o fundo metálico existente no mundo e cerca de 30 por cento de todo o laminado produzido é aplicado na reparação e substituição das estruturas oxidadas. É, efectivamente, uma quantidade demasiada.

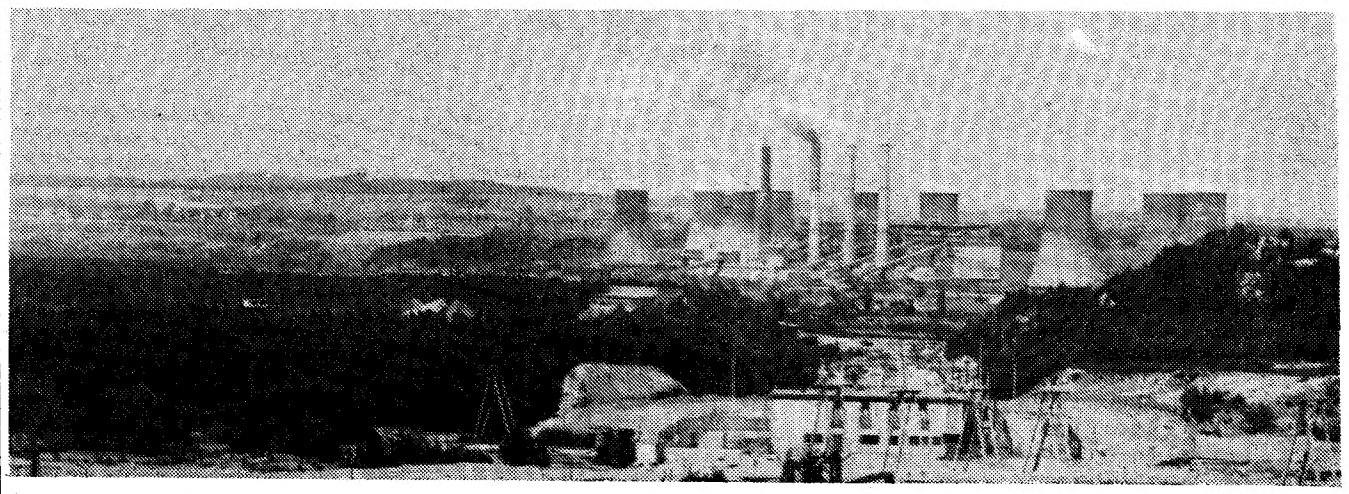
O mesmo que se diz duma tecnologia sem resíduos da indústria é aplicável à agricultura. Como se poderiam aproveitar os seus detritos, para que não envenenem nem contaminem o ambiente? Nas explorações de criação de gado, por exemplo, acumula-se uma enorme quantidade de esterco. Para uma pessoa que saiba pouco de agricultura moderna, parece não haver problema algum: basta tirar o estrume e deitá-lo nos campos, cumpindo assim a dupla tarefa de se livrar do esterco e adubar a terra.

Contudo, isto não significa que o esterco só se possa aproveitar como adubo. De facto, ele contém uma grande quantidade de energia em forma de substâncias alimentícias e proteínas residuais. Esta via já é até seguida na prática: do esterco acumulado numa exploração, pode obter-se uma grande quantidade do chamado biogás, que é suficiente não só para abastecer de calor a dita exploração como as povoações vizinhas.

Este princípio é válido também para a horticultura, pois é muito pequena a percentagem da colheita de verduras e fruta que chega até ao consumidor.

Recorde-se que as relações internacionais na esfera da protecção do meio ambiente tornaram-se possíveis depois da assinatura em Helsínquia da Acta Final da Conferência sobre a Segurança e Cooperação Europeias. Quatro anos depois, em 1979, celebrou-se em Genebra a Conferência Europeia na qual foram aprovados vários documentos. Um deles, precisamente, foi a «Declaração sobre a tecnologia de poucos resíduos ou sem resíduos e sobre a utilização dos materiais residuais».

Hoje, já é ponto assente que o melhor método para lutar contra a contaminação do meio ambiente é a produção sem resíduos. A humanidade deve ter futuro mas, para isso, é preciso garanti-lo desde já.



O poderoso contributo jugoslavo para a vitória sobre o nazifascismo

Mihaile Saranovic

in «Notícias da Jugoslávia»

Quarenta anos depois do fim da Segunda Guerra Mundial, já estamos suficientemente distanciados dos factos para falarmos das coisas que aconteceram, com calma, sem o entusiasmo da vitória e alicerçando as nossas palavras na rigorosa veracidade dos factos.

Estas quatro décadas constituíram o mais prolongado período de paz até hoje vivido pela humanidade — trata-se sem dúvida de um dos méritos mais importantes das potências que venceram o fascismo e a reacção.

À Jugoslávia coube um papel destacado em todo este processo, não só pelos sacrifícios que consentiu para alcançar a liberdade e a independência, mas também pelo contributo geral que deu à vitória sobre o fascismo. Os factos históricos não permitem quaisquer dúvidas: a Jugoslávia conta-se no número das forças que lutaram pela paz e a garantiram durante as últimas quatro décadas.

O Exército Popular Jugoslavo era o único exército aliado da Europa que mantinha uma frente independente, desencadeando operações autónomas, sob o comando do marechal Tito. A posição estratégica da Jugoslávia na fase final das operações da Segunda Gerra Mundial deu lugar, no período da paz, ao nascimento da filosofia política do não-alinhamento, base da política independente de defesa, à margem dos blocos, e à doutrina segundo a qual o país deve defender-se com as suas próprias forças. Estes dois princípios são hoje seguidos por muitas nações que se guiam por eles para manter a paz.

A Jugoslávia não se esqueceu da ajuda que lhe foi concedida pelos aliados — Inglaterra, Estados Unidos, e, sobretudo, União Soviética, muito em especial na última fase da guerra.

Por sua vez, a Jugoslávia obrigou o inimigo a manter permanentemente no seu teatro de guerra 35 divisões. Deste modo, evitou-se que centenas de milhares de soldados alemães (se contarmos com os das formações colaboracionistas, esse número ascende a 700 mil), armados até aos dentes, participassem nas operações noutras frentes de luta, pois estavam retidos nos combates com a Jugoslávia. A Jugoslávia contribuiu, pois, poderosamente para a vitória. O preço que os povos jugoslavos tiveram de pagar pela liberdade e independência foi muito alto. Só a URSS e a Polónia tiveram maior número de vítimas. A Jugoslávia perdeu um milhão e 700 mil cidadãos numa população que na altura era de 16 milhões de habitantes.

Ums em cada quatro famílias jugoslavas teve um morto na guerra pela liberdade da pátria. O número de feridos é incalculavelmente superior. Três milhões e quinhentos mil jugoslavos ficaram sem tecto. Quando a guerra acabou, a Jugoslávia era um país devastado.

Tendo em conta o esforço militar da Jugoslávia, o número de mortos sofridos e a contribuição dada para a vitória aliada, torna-se difícil compreender como há hoje quem se atreva a minimizar o papel desempenhado pelo nosso país na II Guerra Mundial. Não se compreende este equívoco, que surge como um absurdo aos olhos daqueles que combateram na II Guerra e que ainda estão vivos, podendo, pois, dar testemunho dos horrores da conflagração.

A via jugoslava para a conquista da liberdade foi particularmente difícil. Mas foram os povos e as nacionalidades da Jugoslávia que optaram por esse caminho, em cumprimento do dever que têm para consigo próprios. O marechal Tito não elaborou a plataforma da luta jugoslava por simples decreto.

O comandante supremo do Exército Popular Jugoslavo percebeu que todos os homens da nossa terra, que todos os seus povos e nacionalidades reconheciam que só mediante uma luta comum, um espírito unitário sem precedentes na história, seria possível alcançar a liberdade. À frente do Partido Comunista, o marechal Tito conseguiu canalizar este estado de espírito do povo e lançar a luta pela liberdade. Antes de acabar a guerra, um em cada 18 cidadãos jugoslavos estava nas fileiras do Exército Popular de Libertação, que contava 800 mil combatentes. É provável que exemplos destes não abundem na história da Humanidade.

Ao mesmo tempo, a Jugoslávia forjava o seu futuro, lançando os alicerces das suas instituições. Por isso podemos afirmar que o traço característico da política jugoslava — tanto internamente como a nível da política externa — no período do pós-guerra (incluindo a definição da autogestão e a política de não-alinhamento) tem as suas raízes mais profundas e indestrutíveis na guerra popular de libertação. Foi nesses tempos que os filhos de todos os povos e nacionalidades, lutando ombro a ombro, imolando as suas vidas em defesa da pátria comum, começaram a edificar o futuro da Jugoslávia.

Ao mesmo tempo, a Jugoslávia cumpria o seu dever na luta comum contra o nazismo e o fascismo. Por isso, a Jugoslávia celebra este ano o quadragésimo aniversário da vitória, em igualdade de direitos com todos os outros Estados que contribuíram para a derrota do inimigo.

Gentes e paisagem

Quereria era largar de Lisboa

Dias de Melo

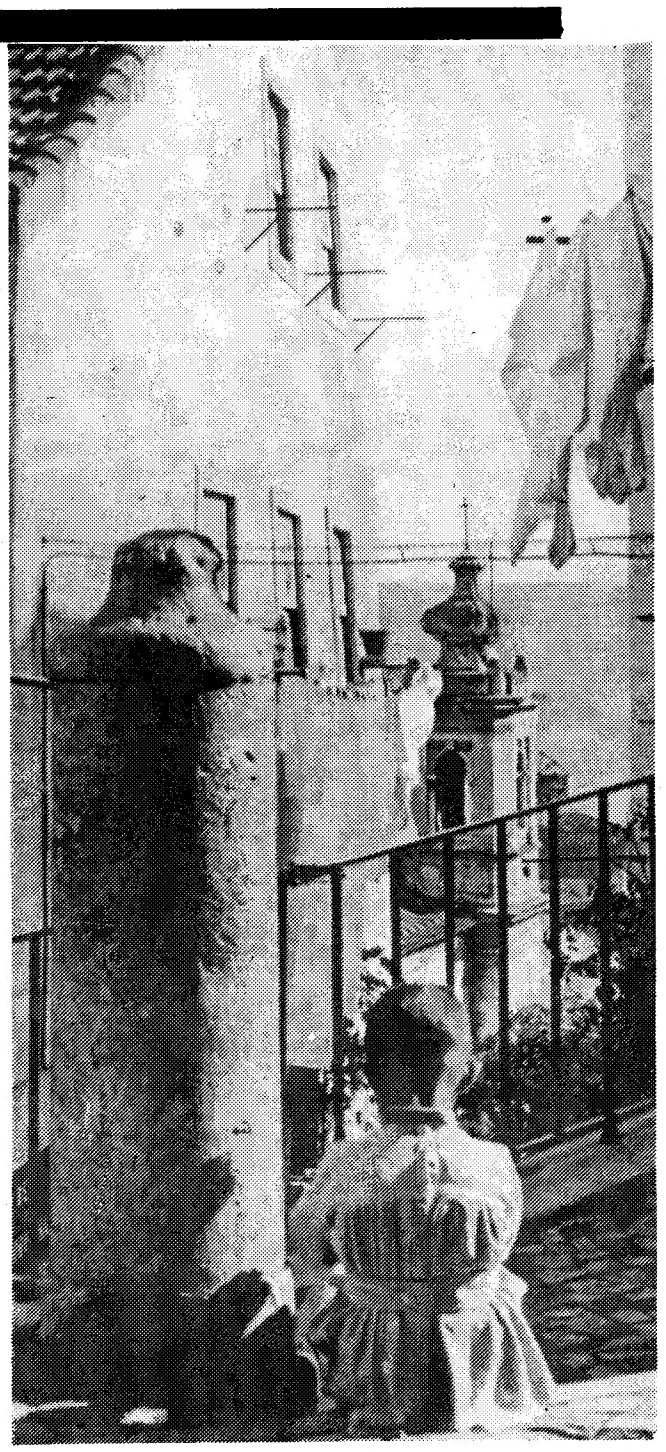
Se sem cuidados nem preocupações de doença e de morte, é bom vir por aí fora trazidos nas asas do avião, deixamos para trás a clausura cinzenta e húmida da Ilha, é como se trouxéssemos e arrancássemos dos pulsos algemas, dos pés grilhetas, procuramos para a frente, por entre os rasgões da alcatifa algodoada das nuvens e por entre o luzeiro trémulo das estrelas, a libertação (real? aparente?), a libertação azul e branca no mundo que nos espera, no meu caso um mundo que não é grande, não passa de Lisboa, fresca, colorida, a espairecer pelas encostas e pelos altos das suas sete colinas apontadas para o céu, lembram, com um sorriso, que agóra são oito, que às sete acrescentaram uma, a oitava, de cimento, ferro e vidro, o Sheraton (agora é como quem diz que já lá vão umas dezenas de anos acrescentados), e Lisboa debruçada, num recolhimento de sonho e silêncio, sobre as águas mansas do Tejo correndo sossegadas no lago limitado do estuário para as larguezas sem fim do mar turbulento. Mas libertação em Lisboa — foi. Já não é. Contudo, é bom. Para mim que muito gosto **desta Lisboa das,** ia repetir a canção popular, não o faço, na realidade não me lembro dela, de resto toda a gente a conhece.

Mas hoje, quereria era largar de Lisboa e ir por aí além, não nas asas, asas têm-nas os aviões e têm-nas as aves, as garças e os condores, os milhafres e os corvos, os pardais e os pintassilgos, também as galinhas, os perus, os patos, muito mais prosaicas, — levado no rodado ligeiro de um autocarro da Rodoviária Nacional ou num comboio da CP, galgar estradas ou cominhos de ferro a estenderem-se por campos e campinas, a treparem por colinas, montanhas, serras, como quem vai num navio diferente **por mares nunca dantes navegados** (navio a navegar por mares sem mar) a caminho de qualquer recanto deste meu País desconhecido — de mim, não de vocês, e vocês que me perdoem a ignorância longa e velha, tão longa e tão velha como a espada de D. Afonso Henriques (nunca a vi, não sei se é ou deixa de ser longa, velha é com certeza, velha de oitocentos e tantos anos, uma continha calada, há-de estar mesmo chiinha de ferrugem), se é que se me pode perdoar isto de chegar à idade que tenho, não a declaro (não estou perante nenhum polícia nem qualquer juiz especiais, raça de má memória por breve tempo em extinção que começa a dar de novo sinais de vida), se a declarasse arriscava-me ao que não quero arriscar, a perder a prenda do casamento, pelo menos do namoro, com alguma moça gentil e saborosa de pernas, ancas, cintura, busto, seios, braços de estátua grega, lábios de sensualidade rubra, rosto de cetim quente e moreno, olhos de fogo preto, cabelos de labaredas negras — estou a brincar, vocês bem vêem, percebe-se à légua, uma brincadeira de quando em quando não faz mal a ninguém, ajuda a aligeirar a vida por vezes bastante pesada, então agora com os preços das coisas a subirem por aí acima que nem um foguetão a caminho da Lua e os ganhos a descerem por aí abaixo que nem uma poita nas profundidades do abismo, bem bom os que os têm, mesmo assim, a tempo e horas, são muitos os que andam com eles em atraso de meses, se não de ano e dia (nova Nau Catrineta que tens muito que contar), mais ainda os atirados para o desemprego, não os têm, nem a tempo e horas nem com atraso, como é que vão viver, sustentar mulher e filhos, sustentar, vestir, calçar, pagar renda de casa (se a não pagarem, rua), água, luz, doutor, remédios, se a doença lhes bate à porta, vocês sabem?, eu não, nunca passei, oxalá nunca passe por trabalhos tais, não me espanta que acabem roubando — e matando quem tente impedir-lhes o roubo do pão para fome dos filhos. Ou que, caídos nos extremos do desânimo supremo, passem uma corda ao pescoço. Ou que se afoguem num poço, num rio, numa ribeira. Ou que ingiram a dose necessária do primeiro veneno que lhes caia na mão. Para que os seus olhos não vejam os filhos morrerem de fome.

Que não é assim, afirmam os senhores bem falantes que armam barraca na Televisão e na Rádio para apregoarem, graves, que neste **jardim da Europa à beira-mar plantado** (impagável Tomás Ribeiro) não há senão flores de abundância em paraísos de felicidade — ia dizer **para eles, tão bem tratadinhos e tão bem enroupadinhos que estão, benza-os Deus, à custa do dinheiro dos impostos que decretam e nós pagamos, nós, os pobres, muito mais que os ricos,** não o digo, era uma aleivosia, Deus me perdoe, eles são os grandes beneméritos da Pátria, os grandes amigos de todos nós, aí está o exemplo da sua obra, um rosário de trabalhos, e a lição das suas vidas, um calvário de sacrifícios por amor à Pátria e por amor a nós todos, o resto não passa de mentiras torpes inventadas por gente vendida...

Vocês sabem. Vêem e sabem. Não é preciso sair de Lisboa para ver e saber.

Mas, neste momento, o que eu mais quereria era sair de Lisboa e ir por aí além...



A palavra com...

Eanes e a Bastilha

João Manuel de Abreu Faria

1. — «Thatcher de calças»

EUREKA, descobri «que a melhor maneira de criar estabilidade governativa é: em primeiro lugar governar, em segundo governar bem e em terceiro governar para bem de Portugal».

Tal descoberta foi feita recentemente e comunicada aos seus camaradas de Rio Maior pelo novo líder do «PSD».

Inspirado, talvez, pela infinita sabedoria de Salomão e até com um sabor profético, o prof. Cavaco Silva descobriu esta e outras sentenças de excepcional actualidade e indiscutível valor: «somos um partido novo e com confiança em si próprio», «o fundamental é estar certo do caminho que se quer seguir» com o mesmo sentido, mas de outra forma dizia Salazar: «sabemos o que queremos e sabemos para onde vamos», «eu nego a etiqueta de liberalista selvagem e reafirmo a minha fidelidade à social-democracia». «O PSD há-de ser o motor da mudança deste país» e muitas mais do mesmo género, mas estas ficam para o leitor reflectir... e pasmar!

Senhor professor: o país está farto da lengalenga política do costume!

Exigem-se factos e não palavreado e de factos já realizou V.ª E.ª um teste negativíssimo quando foi ministro da ex-AD. Recorda-se?

Acérrimo defensor do culto do «EU» e da sua social-democracia não se cansa de falar na primeira pessoa do singular: «eu penso», «eu quero», «eu exijo», «eu não tolero»..., falando sempre com uma segurança e uma certeza, verdadeiramente axiomática.

Esquece o prof. Cavaco Silva que as certezas que aprendeu num meio cultural fechado arredio da vida e da realidade como são, em regra, as nossas Universidades são verdades contingentes com fracos índices de probabilidade e não poucas vezes de probabilidade nula. Justificam, de certo modo esta asserção os insucessos de uma série interminável de governos do passado em que os ministérios estavam abarrotados de professores catedráticos! Portugal tem sido, politicamente, uma vítima de sentenças, máximas e projectos muito bonitos mas que têm falhado sempre. É uma fatalidade! O que tem faltado é quem seja capaz de descer à rua e partir do dia-a-dia da população, da realidade concreta, para as teorias abstractas que têm na cabeça e seja capaz de formar uma síntese e que dê corpo aos seus projectos teóricos, que os humanize levando sempre em linha de conta as tradições, usos e formas do nosso viver que não é o mesmo que de outro povo qualquer. E tudo isto ser realizado de comum acordo, sem imposições, numa palavra: democraticamente.

A democracia é inimiga do culto do «ego».

De modo nenhum pretendo ensinar o padre-nosso ao vigário, mas julgando pelos factos sempre quero dizer ao sr. professor que julgava que a social-democracia era uma política muito diferente daquela que V.ª Ex.ª pratica e segue nos seus actos políticos. É interessante e sintomático citar o que alguém há pouco tempo escreveu a seu respeito: que o professor Cavaco Silva é a senhora Thatcher com calças, sendo esta política o expoente mais elevado do liberalismo conservador, tendo muito orgulho de não ser social-democrata. Referindo-se a esta política um conservador britânico dizia dela o seguinte: — «actua sempre como se só existissem metade dos ingleses — os ricos — o resto, a outra metade — os pobres — como inexistente!»

Eu julgava que o bota-abaixo indiscriminado das empresas estatais, o ataque feroz ao cooperativismo, a modificação das leis laborais, liberalizando os despedimentos, pondo entraves a greves justas, um proteccionismo ao capitalismo em detrimento do mundo do trabalho, não era social-democracia, era o liberalismo selvagem da sr.ª Thatcher. Igualmente, julgava que a bipolarização defendida pelo sr. professor era justamente o bipartidarismo da política liberal «regeneração, rotativismo e caciquismo», de outros tempos. Também julgava que a social-democracia condenava a sociedade de mercado quando o capital domina e explora completamente a vida social, mas V.ª Ex.ª quando governo não condenou esta política e deixou livre a sua prática.

A social-democracia tem, porém, como legítimo o capital que corresponde ao trabalho acumulado legitimamente. Alguma vez o seu governo ou o seu partido se interessaram pelo capital adquirido ilegitimamente? As provas estão à vista.

Como conclusão do que fica dito e porque V.ª Ex.ª é o líder de um partido que se intitula social-democrata parece-me lógico tirar a conclusão de que seria um péssimo primeiro-ministro nessa política, na hipótese, aliás muito remota, do «PSD» passar a ser o primeiro partido.

2. — A tomada da Bastilha

Como é sabido a Bastilha tornou-se o símbolo da escravidão do povo francês desde que o governo a transformou na prisão do Estado. A tomada da Bastilha em 14 de Julho de 1789 é considerada como a vitória da Liberdade sobre a opressão exercida pelo poder real.

É particularmente curiosa a coincidência de ser o próximo dia 14 de Julho o último dia em que o senhor Presidente da República poderá exercer o seu direito para dissolver a AR e convocar eleições gerais antecipadas.

Desde a primeira hora em que iniciou o mandato da Suprema Magistratura da Nação tem sido o alvo constante de ataques injustos e caluniosos só porque cometeu o grande crime, como lhe competia, de jurar cumprir e fazer cumprir a Constituição!

O Governo, aliás, não respeitando a vontade dos eleitores que elegeram, por uma grande maioria um Presidente para uma determinada Constituição, desonestamente, procurou esvaziar o Presidente dos seus legítimos poderes que lhes tolhia o passo nas iniciativas anticonstitucionais. Era a bastilha do Governo que pretendia aprisionar, politicamente, Eanes. Para bem de todos nós, dos que amam a Liberdade, foi justamente o contrário o que aconteceu: foi o Governo que caiu na bastilha do Presidente.

E digo para bem de todos nós porque desde o «rasgar» da Constituição até à alteração discricionária das leis nada havia de faltar: — Era o golpe de Estado «legal» que eles nunca conseguiriam nas urnas.

Ninguém duvida que depois de ratificada a adesão à CEE e antes do 14 de Julho, o sr. Presidente da República dará, de novo, a palavra aos portugueses e só a eles para escolherem o novo modelo de sociedade em que desejam viver.

E por último, uma pergunta, para quem me souber responder: — Alguma vez os últimos governos havidos tentaram pôr em prática uma POLÍTICA MORAL, — uma política acima de todas as ideologias (direita, centro, esquerda) — em que todos dessem as mãos para poder combater eficazmente a miséria, a fome, a droga, a prostituição, o jogo, o roubo, a vadiagem, o desemprego etc.?!...

Todos os homens, seja qual for a sua ideologia, têm a obrigação moral de reagir igualmente a tanta desgraça junta que vai por este País.

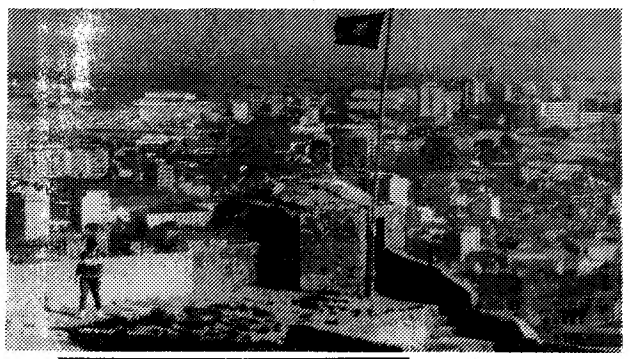
Se os homens dos partidos políticos do Governo tivessem pensado neste ingente problema com mais atenção e trocassem as «guerrilhas» pelo respeito institucional e pelo trabalho honesto, não lhes pesaria na consciência o grande **crime** de terem arrastado a Nação para o estado caótico em que se encontra.

O presidente de S. Tomé e Príncipe, **Manuel Pinto da Costa,** endereçou um telegrama de felicitações ao seu homólogo português, general Ramalho Eanes por ocasião da passagem do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas. No telegrama, o presidente Pinto da Costa deseja longa vida ao Presidente Ramalho Eanes, «na certeza de que tudo continuaremos a fazer para uma maior consolidação e aprofundamento dos laços de amizade e cooperação que existem entre os nossos respectivos países e povos».

O vereador da APU, Casais Baptista, atribuiu ao «desespero» dos socialistas a notícia da perda de mandato deste autarca anunciada recentemente pelo PS em Braga. O vereador disse, em conferência de Imprensa, que o presidente da Câmara de Braga, o socialista Mesquita Machado, «tem de responder e esclarecer a opinião pública sobre os actos de má gestão que a APU tem denunciado». O PS de Braga anunciou que Casais Baptista iria perder o mandato por ter participado numa avaliação de terrenos na Quinta do Fujacal, em Braga, pela qual teria recebido determinada quantia em dinheiro.

O deputado social-democrata Lacerda de Queiroz procura uma noiva turca, segundo o jornal "Hurryet", um dos principais quotidianos da Turquia. Segundo o mesmo jornal, após ter visitado a Turquia, Lacerda de Queiroz disse que decidira casar com uma jovem turca e terá mesmo pedido a uma deputada turca, sua colega no Parlamento Europeu, para o ajudar a encontrar essa noiva. «Os turcos são acolhedores e simpáticos», teria afirmado Lacerda de Queiroz, segundo o jornal, que sendo solteiro casaria com a noiva que a deputada lhe arranjasse...

O secretário de Estado do Desenvolvimento Regional, Fernando Nogueira, disse à ANOP desconhecer «quaisquer desvios de verbas do Plano de Regadio da Cova da Beira para outra região do país». Autarcas da região e fontes afectas ao Ministério da Agricultura contactadas pela ANOP manifestaram a sua preocupação pela eventual transferência de verbas da Cova da Beira para o Algarve o que, a verificar-se, poderia condicionar a construção de uma barragem no rio Coa, próximo do Sabugal. A referida barragem é tida pelos responsáveis do plano e da região como sendo essencial para a realização do plano de regadio referido.



AS verbas do plano de emergência do distrito de **Setúbal** foram aumentadas em 1985, para 300 mil contos, tendo, no primeiro semestre do corrente ano, sido desbloqueados 150 mil contos. A afirmação foi feita pelo governador civil de Setúbal, Mata Cáceres, ao falar à Imprensa regional sobre o plano de emergência do distrito. Segundo Mata Cáceres, o apoio económico a trabalhadores com salários em atraso ascendeu a mais de 80 mil contos, «o que é insuficiente e levou a que a verba para o próximo semestre fosse alterada».

A transportadora aérea portuguesa (TAP) à semelhança da sua congénere moçambicana, a partir de 23 de Junho passa a efectuar voos directos e nocturnos entre Maputo-Lisboa. Assim, um Boeing 707 da TAP/Air Portugal levantará voo às 21.45 de domingo em Lisboa, para aterrar em Maputo às 09.45 de segunda-feira. Terça-feira, às 20.30, sai da capital moçambicana um avião com destino a Lisboa estando a chegada prevista para as 6 horas. A TAP efectua ligações semanais entre Maputo e Lisboa com escalas em Luanda e Harare.

A Escola Prática de Infantaria vai iniciar na Tapada de Mafra exercício de fogos reais — informou o Estado-Maior do Exército. Os exercícios prolongam-se até dia 13 e ocorrem numa zona limitada pelas povoações de Mafra, Paz, Murgeira, Simões, Arrifana, Boavista, Salgados, Barreiralva, Codeçal e Ventureira.

Conselho Nacional do MDP considera

Alternativa não deve ser construída na base do PS

O MDP/CDE reuniu no domingo o seu Conselho Nacional que teve pelo menos uma originalidade: realizou-se ao ar livre, na zona Coruche, debaixo de frondosos pinheiros mansos, ao pé de uma lagoa. Mas esta saudável maneira de reunir um órgão político de partido, nem por isso tornou diferente ou mais optimista a análise da situação e as perspectivas um tanto sombrias que pesam sob a sociedade portuguesa em vésperas da assinatura do tratado de adesão à CEE, o novo mito com que se vai embalando o país.

Esta reunião destinava-se a analisar a situação política resultante da ruptura da coligação PS/PSD e fazer um balanço da intervenção do partido no processo eleitoral para as autarquias, bem como tomar posição sobre as eleições presidenciais.

Relativamente à ruptura da coligação, o MDP concluiu que, antes de tudo, ela resultou do facto de a coligação ter-se mostrado incapaz de evitar o agravamento dos problemas do país, enfrentando crescente descontentamento e impopularidade.

No comunicado final após a reunião de Coruche, o MDP salienta que aquela maioria — a maior maioria de sempre — como afirmava no início «acabou por cair como sempre cairão todas as soluções governativas que actuam contra a vontade maioritária do povo português, contra a realidade das instituições democráticas, contra o 25 de Abril».

Reconhece todavia o MDP que, para a ruptura da coligação, contribuira também «as tácticas opostas do PS e do PSD sobre as presidenciais, resultantes da tentativa de consumar ambições estritamente pessoais como de reconstituir um plano globalizante de poder: um presidente, uma maioria, um governo».

Por outro lado acusa também que, «mais uma vez se provou que os partidos da coligação usaram o poder sem o sentido de Estado e dos interesses nacionais».

Alternativa sem o PS como base

De tudo isto concluiu o MDP que «qualquer solução governativa alternativa não deverá ser constituída na base do PS, cuja permanência à frente do poder conduziria ao agravamento da situação económica e social do país, acentuaria a dependência perante o estrangeiro e não garantiria a genuinidade dos processos eleitorais».

Nesse sentido o MDP considera que o PR deverá dissolver a AR que «enredada nos actuais jogos partidários perdeu legitimidade e impede o desbloqueamento do processo democrático», e que deverá formar um Governo integrado por todos os partidos parlamentares e personalidades democráticas que garantam a limpidez e democraticidade dos processos eleitorais e assegure o normal funcionamento das instituições».

Sobre as presidenciais o Conselho Nacional do MDP considera que a actual situação resultante da ruptura da coligação, «com a forte probabilidade de eleições legislativas antecipadas, gera factores conducentes à concretização de uma candidatura democrática que apresente condições muito favoráveis de vitória».

A questão das eleições autárquicas acabaria, face à situação política existente, por se tornar de certo modo secundária, tendo o Conselho Nacional do MDP procedido ao balanço das iniciativas que estão em curso em todo o país no sentido da formação das listas APU.

Tengarrinha manifestou-se pela dissolução da AR e eleições antecipadas

Como tem acontecido noutros actos eleitorais este tipo de negociações nem sempre são fáceis. Segundo responsáveis do MDP até agora não têm surgido dificuldades de maior e as que surgem nos diversos pontos do país estão a ser ultrapassados pelas organizações locais dos dois partidos.

Trata-se, todavia, de negociações longas dados os milhares de pessoas envolvidas nas listas para as autárquicas.

Convívio ao ar livre

Paralelamente aos actos políticos o MDP reuniu centenas de militantes e simpatizantes no seu 6.º Acampamento Nacional. Foi um convívio são que se prolongou por alguns dias, ao longo dos quais se multiplicaram as iniciativas de carácter cultura e recreativas.

Uma parte importante dessas actividades foi preenchida com a participação do Teatro Amador de Sines que num palco improvisado sobre a Lagoa do Monte da Barca montou uma peça completa maioritariamente integrada por elementos jovens, este ano largamente representados nesta iniciativa do MDP.

Um stand com uma exposição sobre as principais actividades do partido e bancas para venda de artigos diversos a cargo das várias distritais, davam a dimensão nacional deste Acampamento, que constitui já uma tradição daquele partido.

INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

APOIO TÉCNICO - FINANCEIRO À FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM COOPERAÇÃO COM OUTRAS ENTIDADES

Decreto - Lei nº 165/85 de 16/5

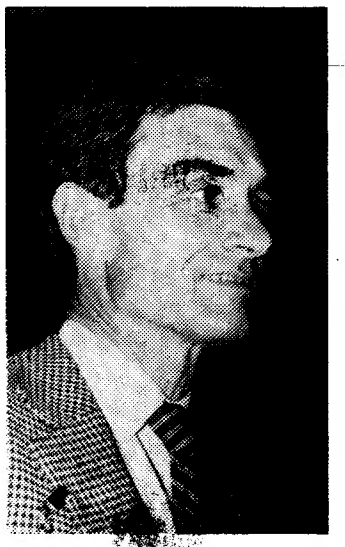
1. Nos termos do Decreto-Lei n.º 165/85, o IEFP concede apoio técnico-financeiro para Programas de Formação Profissional, a desenvolver em Cooperação com outras entidades, designadamente:
   - Empresas públicas e privadas;
   - PME's (Peq. e Medias Empresas);
   - Cooperativas;
   - Sindicatos;
   - Autarquias;
   - Outras instituições.
2. Para 1985 a data-limite de entrega dos processos de candidatura é de 15/7/85. Para 1986 essa data termina em 1/9/85.
3. Encontram-se já aprovadas por despacho do Secretário de Estado do Emprego e Formação Profissional:
   - As «Linhas de Orientação» para os anos de 1985 e 1986;
   - Os «Níveis de Prioridade»: 1.ª prioridade - 75% de cofinanciamento das despesas de funcionamento elegíveis; 2.ª prioridade - 60% e, 3.ª prioridade - 45%;
   - Os plafonds financeiros por conjunto de programas, para 1985;
   - E, ainda, os critérios a adoptar sempre que os pedidos sejam superiores às disponibilidades financeiroas do IEFP;
4. A partir de 15/6/85, as entidades interessadas em concorrer ao apoio técnico-financeiro do IEFP, terão à sua disposição *dossiers informativos*, nos seguintes locais:
   - Centros de Emprego do IEFP;
   - Centros de Formação Profissional do IEFP (estatais e protocolares);
   - Centros Coordenadores do IEFP (Porto, Coimbra, Lisboa, Évora e Faro);
   - Nos Serviços Centrais do IEFP/Direcção de Serviços de Formação Profissional, em Lisboa.
5. Decorrem, entretanto, por todo o País, reuniões de informação sobre a operacionalização do Decreto-Lei n.º 165/85 e sua correlação com os apoios a prestar pelo IEFP aos projectos que lhe forem presentes para serem cofinanciados pelo FUNDO SOCIAL EUROPEU.

GAREP/85

Cavaco Silva e Almeida Santos não fizeram "ponte"

PSD e PS admitem eleições antecipadas

Políticos dos partidos da ex-coligação governamental concederam diversas entrevistas este fim-de-semana tentando explicar a actual crise política e apontar soluções que melhor se coadunem com as várias estratégias.



Em entrevistas separadas, eles fizerm «o ponto» da situação

Assim, Cavaco Silva, o actual líder do PSD, em entrevista ao programa da Rádio Renascença «Cartas na Mesa», imputou ao PS a responsabilidade da ruptura afirmando que os socialistas não desejararam tomar medidas para reduzir os recursos financeiros das empresas públicas.

Disse também Cavaco Silva, que o PSD pretendeu «responsabilizar o ministro das Finanças por conceder sempre verbas «para aquelas empresas, mas não foi atendido pelo seu parceiro do Governo.

Quanto à saída para a crise, o líder dos sociais-democratas considerou que seria «uma situação límpida as eleições legislativas antecipadas» e que seria «justo dar a voz ao povo, através do voto, para decidir o seu destino».

Por outro lado, Cavaco Silva rejeitou a possibilidade de o seu partido vir a apoiar na Assembleia da República um Governo minoritário formado pelo Partido Socialista. Recusou igualmente a constituição de um Governo PS/PCP, embora admitindo que tal hipótese poderia constituir «uma tentação para o PS, mas perigosa».

A propósito da crise, o presidente da Comissão Política do PSD disse que «não é nova» só que «agora caiu o véu». A sua origem assenta no facto de «o Governo não estar a governar bem».

«Tornou-se muito nítido quando o PS percebeu que o PSD tinha uma estratégia presidencial muito diferente», afirmou ainda. Para Cavaco Silva, «o PS percebeu que, se tomasse medidas e os problemas se resolvessem, os louros podiam vir a ser atribuídos ao PSD, o que não servia os seus interesses partidários, nem os interesses da sua candidatura presidencial».

Quanto ao facto de ter ameaçado «ponderar» ou mesmo «não assinar» o Tratado de Adeão às Comunidades, o líder social-democrata recordou que esta questão foi colocada a 24 de Maio, quando existiam ainda «pontos em aberto» e que este «alerta» levou, três dias depois, «uma delegação de alto nível portuguesa» a Bruxelas.

E perguntou: «Quem é irresponsável: quem defende os interesses nacionais ou aquele que se preocupa apenas com a cerimónia de assinatura»?

De qualquer forma, para Cavaco Silva, essa «ponderação não poria em causa a adesão, no prazo estipulado» (1986) e com ela o PSD «pretendia uma posição negocial mais forte» já que, em sua opinião, «O espírito do acordo estava a ser subvertido».

Quanto às medidas levantadas pelo PSD na mesa das negociações, destinavam-se, sobretudo, a «testar a sinceridade do PS para as cumprir», afirmou.

«Árvore mais cintilante»

Entretanto, Almeida Santos, também em entrevista à Rádio Renascença, afirmou que Mário Soares, como candidato presidencial, «beneficiará da circunstância de ser o político mais conhecido do País», pois este tipo de eleiçõ é «muito personalizada».

Em sua opinião, «há muito voto solto que poisará na árvore mais cintilante e é desse que ele precisará para ganhar», afirmou, depois de considerar «absurdos» os resultados das sondagens que qualificou de «não muito dignos e sérios».

Para o ministro de Estado socialista, Soares «tem, sempre, possibilidades de ganhar as presidenciais», principalmente numa «época em que vai ter muito significado o relacionamento internacional».

Segundo Almeida Santos, Soares tem possibilidades de vencer as presidenciais por causa do seu «prestígio interno», do seu «relacionamento internacional», da sua «riqueza política e experiência» e do «seu passado», para além de ter «atrás de si o apoio de um grande partido como o PS».

Por outro lado, Almeida Santos considera que Freitas do Amaral «não é um mau candidato para o PS», pois não fará «nem o pleno do CDS, nem o pleno do PSD», pelo que não acredita que «crie ou venha a criar problemas de maior ao candidato socialista».

Quanto à candidatura de Lourdes Pintasilgo, o dirigente socialista acha que «irá esvazi-ar-se, com certeza, sobretudo com eleições legislativas antecipadas».

Embora recusando-se a prever cenários para sair da actual situação política, Almeida Santos garantiu que os socialistas «estão sempre preparados», pois «um partido nunca faz férias» e «se não houver outra solução, senão eleições legislativas, aceitamo-la».

Remetendo para o Presidente da Republica a escolha da solução o ministro de Estado mostrou-se adverso a governos minoritários, «em vésperas de eleições», em nome do risco de «se ser fustigado por todos os outros partidos».

Todavia, admitiu a hipótese «durante algum tempo, para não criar situações de vazio».

Entorse na democracia

Quanto a um Governo de iniciativa presidencial, considerou-o «uma entorse numa democracia de partidos, mas que pode corresponder em determinadas circunstâncias, ao interesse nacional».

Considerou que «o poder, neste momento, é um ónus» e admitiu a possibilidade de «um reexame» por parte de Mário Soares, «se e quando o entender» a propósito da sua declaração de não se demitir.

Sobre o sucessor de Soares como Primeiro-Ministro, Almeida Santos considerou o seu partido «rico em primeiros-ministros» e é um assuntro a tratar pelos órgãos do PS», acrescentando que «gostaria ardentemente que esse ónus recaisse sobre outra cabeça» que não a sua, embora tenha reconhecido que «um político que se dirá disponível ou é hipócrita ou não é político».

Também no interior do PS, a substituição do secretário-geral será da conta dos órgãos e admitiu que se o seu partido entender que precisa de mim não fujo» e considerou ser «um dos muitos homens de confiança de Mário Soares» e Jaime Gama «um candidato e um rapaz cheio de mérito».

Quanto à coligação Almeida Santos disse que «não é maneira de estar na política» renegociar acordos sempre que há mudança de liderança partidária, como acontece com o PSD.

Para este dirigente socialista «houve só uma razão» para que Cavaco Silva rompesse o acordo: «o apoio a um candidato contra a coligação, o que é uma contradição insanável.

Jardim não quer eleições já

Por seu lado, Alberto João Jardim, a solução ideal para a saída da crise actual» é um Governo de iniciativa presidencial, viabilizado parlamentarmente, para evitar eleições legislativas antecipadas».

Para o chefe do Governo Regional da Madeira que falava para a Antena 1, a crise assenta «no sistema político, com o qual não é possível a qualquer coligação sobreviver».

«Se o sistema subsiste deve-se praticamente ao Presiente da República que teve na mão a possibilidade de desencadear uma iniciativa referendária, em relação ao sistema, e nunca a aproveitou», disse a certa altura.

Jardim afirmou ainda que a mudança do sistema dependerá da eleição presidencial, mas que não passa por nenhum dos três candidatos — Lourdes Pintasilgo, Freitas do Amaral e Mário Soares — pois «são três candidatos do sistema».

O líder do PSD da Madeira que não considera Cavaco Silva como o candidato natural do seu partido, acabou por admitir a apresentação da sua própria candidatura.

Também o presidente do Governo Regional dos Açores, Mota Amaral se pronunciou sobre a situação política afirmando que o Executivo «deve ser substituido pois perdeu a sua base de apoio».

Mota Amaral, que falava à chegada à Madeira para participoar nos jogos desportivos insulares, adiantou que a presente situação è confusa e exige uma profunda reflexão».

Salientou que «o regime democrático comporta alternativas» mas disse ser necessário escolher «a de menores inconvenientes e cujas consequências sejam as menos danosasa para o País». Quanto às eleições presidenciais, Mota Amaral disse que após o Congresso da Figueira da Foz «as coisas encaminham-se para o apoio a uma candidatura do líder nacional do partido». Sobre o apoio que manifestou no Congresso a uma candidatura de Alberto João Jardim, Mota Amaral disse que tomou essa posição em virtude de os arautos dessa candidatura a terem abandonado «para apoiar um pseudo-candidato independente como Freitas do Amaral».

«Se isto é assim então também o PSD poderá fabricar um candidato independente» — sublinhou.

Mota Amaral concluiu que neste momento o PSD, encaminha-se para uma candidatura do líder e que logo se verá» da sua viabilidade.

Sete opiniões

A solução política para Portugal, depois de consumada a ruptura da coligação, passa, em qualquer dos casos, pelo Presidente da República, segundo o depoimento de sete personalidades políticas-partidárias registado pelo «Diário de Notícias» de domingo.

Pedro Coelho (PS), André Gonçalves Pereira (independente e ministro dos Negócios Estrangeiros de Sá Carneiro), Teresa Santa Clara Gomes (UEDS), Nogueira de Brito (CDS), José Carlos Vasconcelos (PRDA), Octávio Pato (PCP) e Correia Afonso (vice-presidente da Comissão Política do PSD) defendem soluções diferentes embora convirjam no ponto de vista de que solução passa pelo chefe do Estado.

O dirigente socialista entende que deveria ser chamado «o partido com maioria relativa no Parlamento para formar Governo» e caso este não passasses na Assembleia da República ocorreria a sua dissolução com convocação de novas eleições.

Gonçalves Pereira é favorável a um «Governo de iniciativa presidencial que permita a realização de eleições presidenciais e evite que haja duas dissoluções (já que o novo PR terá também de dissolver a Câmara), mas «competente no plano administrativo e rigorosamente imparcial perante as várias candidaturas».

Teresa Santa Clara Gomes considera como «a única solução viável», a válida nomeação de um Governo de iniciativa presidencial «apto a gerir o País às próximas eleições presidenciais», excluindo a imediata dissolução do Parlamento e / ou a renúncia do Presidente Eanes.

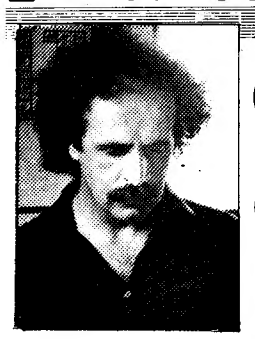
Nogueira de Brito é favorável a uma «solução que não altere o significado do calendário político», traduzida numa «antecipação das suas eleições (presidenciais e legislativas) tornada possível pela renúncia do Presidente da República» e só «em última análise a dissolução do Parlamento».

José Carlos de Vasconcelos entende que «a solução lógica» para a ruptura da coligação é a realização de «eleições legislativas antecipadas», excluindo a hipótese de renúncia do actual Presidente da República e também a de que o futuro PR venha a dissolver o novo Parlamento, entretanto eleito.

Octávio Pato advoga a «imediata demissão do Primeiro-Ministro e do Governo, a dissolução da Assembleia da República e a convocação de eleições antecipadas», com a formação de um Governo de gestão que assegure «a isenção das eleições».

Correia Afonso entende que a queda do Governo «coloca a situação política num vazio governamental, não em termos de direito, mas em termos políticos», cabendo ao Presidnete da República «a palavra determinante na evolução dos acontecimentos, bem como na solução a encontrar».

Pontos De Vista



O velho, o mosteiro e a CEE

O belo mosteiro gótico do Restelo vai ter festa amanhã Vai ter convidados ilustres, desfiles, reportagens em directo, entrevistas, assinaturas e outras cenas mais. Vai ter a CEE.

Porém (e tal com há quinhentos anos, quando as primeiras caravelas largaram o preguiçoso Tejo à caça das pimentas, canelas e demais raridades orientais) que sabe a população portuguesa da nova aventura da próxima quarta-feira?

Debates não houve. Fizeram-se sondagens. A Confederação da Indústria consultou mil dos principais empresários. Metade respondeu que «ainda não se encontram reunidas as condições para fazerem face à adesão à CEE». Quanto aos pequenos e médios, já adivinham o futuro. Nem valeu a pena consultá-los. A Associação do Comércio Automóvel apurou, por exemplo, que a aplicação dos regulamentos comunitários afectará, gravemente, cerca de 1500 empresas retalhistas de peças e acessórios. Os comerciantes de carnes prevêem cinco mil falências até 1990. As pescas serão boas para espanhóis e demais parceiros de Bruxelas. As terras irão produzir mais eucaliptos. Os grandes projectos nacionais (Siderurgia, Alqueva, Cova da Beira, minérios, etc.) aguardarão «sebastiões» recheados de marcos, francos ou libras. Os nossos camponeses talvez emigrem para África. Os operários continuarão com salários em atraso. E, mesmo os nossos produtos vendáveis (têxteis, calçado, conservas, tomate) sujeitar-se-ão a quotas e outras «amigáveis» e «comunitárias» (in)definições.

«Não nos deixemos transportar e embriagar...», disse, há dias, no Porto, o ministro Coimbra Martins, a propósito da CEE. O titular da Cultura viveu largos anos numa das capitais «europeias». Conhece as diferenças. Sabe das realidades. Não é sócio da CIP, não é simpatizante do PCP, nem tem, que se saiba, terras, empresas ou mercearias.

Do Restelo, do cais de onde partiram as caravelas deixou-nos Camões no Canto IV do poema épico da imagem de um «velho honrado, de aspecto venerando», com «um saber de experiência feito» que denuncia a «glória de mandar, a vã cobiça desta vaidade a que chamamos fama».

Do velho honrado, que alertava contra as aventuras mal preparadas e contra o desleixo e desinteresse pelo próprio País, ficou, ao longo dos séculos, a imagem do pessimista contrário à mudança.

Seria o «velho do Restelo» contrário à mudança? Ele apenas perguntava: «A que novos desastres determinas / De levar estes Reinos e esta gente? / Que perigos, que mortes lhes destinas / Debaixo de algum nome perminente?/ Que promessas de reinos e deminas / De ouro, que lhes farás tão facilmente? / Que famas lhes prometerás? / Que histórias? Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?»

Que vitórias?

UCP's e Cooperativas prenunciam

Governo queima "últimos cartuchos" em ofensiva contra a Reforma Agrária

O Governo está a aproveitar os seus últimos dias, até à sua demissão efectiva, para lançar uma nova ofensiva contra a Reforma Agrária, denunciam em comunicado o Secretariado das Unidades Colectivas de Produção e Cooperativas dos distritos de Beja, Évora e Portalegre.

«Nas últimas 24 horas, apressadas reuniões da Direcção Regional da Agricultura do Alentejo e nos Serviços de Gestão e Estruturação Fundiária de Évora em que participaram responsáveis da GNR e do Ministério da Agricultura confirmam que o Governo se prepara para intensificar neste período os assaltos às UCP's e Cooperativas Agrícolas», sublinha o texto divulgado na passada sexta-feira. Depois de considerarem que o Governo e a coligação que o suportava estão mortos — «o rompimento da coligação PS/PSD corresponde a uma aspiração e reclamação nacional e é o resultado fundamental da luta dos trabalhadores, designadamente contra o pacote agrícola e a nova lei do latifúndio e contra o pacote laboral» —, aquelas estruturas de coordenação da Reforma Agrária sublinham que «compete ao Presidente da República demitir o Governo, dissolver a Assembleia da República e convocar eleições gerais antecipadas». «O País e o Povo», prossegue o comunicado, «não compreenderiam que em hora tão grave e decisiva para o futuro do regime democrático, as instituições não funcionassem e não tomassem as medidas adequadas à salvaguarda do regime democrático».

Os secretariados das UCP's e Cooperativas Agrícolas dos Distritos de Beja, Évora e Portalegre sublinham ainda que não reconhecem, «agora mais do que nunca», qualquer legitimidade constitucional e moral ao Governo e ao Ministério da Agricultura para prosseguirem na entrega de reservas e bens. Por fim, chamam a atenção da GNR para a sua utilização na cobertura de actos manifestamente ilegais e responsabilizam o Governo, o director Regional da Agricultura do Alentejo e os funcionários dos serviços de Gestão e Estruturação Fundiária de Évora pelas acções que eventualmente venham a desencadear contra a Reforma Agrária, reclamam a imediata suspensão de todas as operações em curso visando a entrega de novas terras e bens e apelam ao PR para que intervenha de imediato, impedindo a concretização de novos roubos de terras.

Congresso da Escola Moderna em Julho

O VII Encontro-Congresso do Movimento da Escola Moderna decorre de 15 a 19 de Julho próximo, na Escola Preparatória de Paula Vicente.

O Congresso destina-se a professores-educadores de todos os graus de ensino interessados na prática do MEM «em prol de uma educação popular». A comissão organizadora do congresso funciona na Rua Dr. Teófilo Braga, 56 R/C - 1200 Lisboa, Telefone 669804.

O programa do encontro incluirá, além das sessões de abertura e encerramento para debate e aprovação do Plano de Acção 85/86, um simpósio sobre o modelo pedagógico do MEM, painéis para apresentação e debate de trabalhos realizados em diversos graus de ensino, como forma de aprofundar a prática pedagógica do MEM.

Os grupos de trabalho abordarão o trabalho com profissionais de educação, com alunos e de animação cultural e sócio-educativa, e alfabetização de alunos.

Acompanhará o congresso uma exposição das produções de trabalho pedagógico. O programa inclui também actividades de convívio e animação cultural.

CÁUCASO

Do Mar Negro ao Mar Caspio

- Uma única partida: 2/7
- **2 semanas de viagem, visitando Moscovo (Rússia) Tbilissi (Geórgia), Ierivan (Arménia) e Baku (Azerbaijão)**
- *Pensão completa, quartos com banho, excursões diárias, visitas sociais, um espectáculo, guia local*
- **Preço: 103.000$00**

voando com a AEROFLOT

Peça programas AGITURISMO

Agiturismo
Rua da Glória, 43
(aos Restauradores)
1200 Lisboa
Telef. 373110/1
Alv Op. 414

Almoçámos com o eng. Lopes Cardoso há precisamente uma semana, no dia da jornada nacional de luta da CGTP, dia em que, um par de horas depois de terminada a nossa conversa, Cavaco Silva explicou a Mário Soares que os ministros sociais-democratas sairiam do Governo logo após a assinatura do tratado de adesão à CEE.
Ficou convencionado entre nós que a entrevista poderia não se publicar caso a situação política evoluísse de modo a ultrapassar a maioria dos seus conteúdos, mas tal não aconteceu. Nela abordámos, sobretudo, as saídas para a crise de Governo provocada pela ruptura do «bloco central», a próxima eleição presidencial e o hipotético desaparecimento da UEDS da cena política portuguesa.

LOPES CARDOSO

Lopes Cardoso considera que a formação, pelo PS, de novo Governo, que tentaria passar na Assembleia com base no jogo das eventuais abstenções, seria a saída preferível para a crise actual. Aqui fica, desde já, a solução que ele preferia, apesar de Cavaco Silva já ter anunciado publicamente que votaria contra um governo socialista, defendendo igualmente a realização de eleições legislativas antecipadas.

A nossa conversa, à mesa "DL" do restaurante «Faz Figura», iniciou-se, porém, sob o signo da próxima eleição presidencial, dizendo-nos o eng. Lopes Cardoso que Freitas do Amaral prestou, à esquerda portuguesa, um inestimável serviço.

— O dr. Mário Soares fez em determinado momento a opção de disputar a eleição presidencial no terreno da direita. Ora acontece, que agora esse terreno parece ter sido ocupado, e é positivo que a candidatura Freitas do Amaral «empurre» Mário Soares para o centro-esquerda. Mais: ou a candidatura de Mário Soares se desloca de facto para o centro-esquerda, ou então as suas chances são nulas. Se a candidatura Freitas está, como parece, destinada a ter o apoio não só do CDS mas também o do PSD, então é evidente que grande parte do eleitorado de direita de Mário Soares se esboroa. Soares só reconquistaria votos à direita se o PSD apresentasse o seu próprio candidato contra Freitas. Neste caso, ambos os candidatos de direita perderiam credibilidade, ambos perderiam a dinâmica de reunificação do eleitorado, e o reflexo de «voto útil» de direita poderia beneficiar o dr. Soares.

— Mas crê que o PSD vai mesmo apoiar o prof. Freitas do Amaral?

— Creio que sim. Se o PSD apresentasse o seu próprio candidato, ele ficaria espartilhado entre Freitas e Soares, e arriscar-se-ia a obter um «score» ridículo. Mas se o PSD apoiar Freitas, pode afirmar-se como motor dessa candidatura. Por isso, e para além das grandes afinidades ideológicas entre boa parte do PSD e Freitas do Amaral, pareceu-me sempre impossível que o PSD viesse a apoiar Mário Soares. Nunca acreditei que tal fosse possível.

Com Freitas, o PSD pode ser a força que lidera o processo. Com Soares, nunca passaria de uma força de apoio. O PSD é largamente hegemónico em relação ao CDS, mas é secundário em relação ao PS.

A outra possibilidade para o PSD é jogar nas legislativas antecipadas: baralhando e dando de novo, voltamos à estaca zero. Mas ainda assim, o PSD pode querer reforçar-se como partido em resultado de legislativas para poder liderar o processo presidencial contra Soares.

Eu em Belém e tu em S. Bento

Outra coisa que sempre me pareceu irrealista foi a hipótese de um contrato PS-PSD, como se dizia durante a liderança Mota Pinto, em que Soares iria para Belém e o PSD para São Bento. Era irrealista por duas razões: do ponto de vista do PS, e mantendo-se este como principal partido; como aceitaria ele não formar Governo? Do ponto de vista do PSD, como evitar a ideia de que ficaria em São Bento por favor do PS?

Ora, a possibilidade de um acordo Freitas-Cavaco do tipo «eu em Belém e tu em São Bento» tem outra dimensão: o PSD sonha estar em São Bento por direito próprio — o que aconteceria com Freitas em Presidente — e não por condescendência, o que aconteceria no quadro do acordo com o PS.

— Mas não lhe parece que muita gente, no PSD, continua convencida que o dr. Soares vai ganhar as presidenciais?

— Não estou nada certo disso, e mesmo que ele as ganhasse, para Freitas e Cavaco surge, em todo o caso, a possibilidade de fazer renascer uma AD. Não é de excluir a possibilidade Soares em Belém e PSD em São Bento, já não por condescendência mas por direito próprio, ganho em Legislativas. Para o PSD pode ser muito mais importante estar em São Bento do que em Belém. E, como os últimos anos demonstram, estar em Belém sem estar em São Bento pode significar muito pouco.

— Suponha que Freitas perde; fica ele «condenado» a liderar a direita portuguesa, a partir daí?

— Creio até que a sua aposta, à partida, foi menos a de ser eleito Presidentes do que a de se posicionar para liderar a direita. Se pudesse ganhar as presidenciais melhor, mas o grande objectivo de Freitas é liderar a direita, e julgo que as coisas, nesse aspecto, não lhe têm corrido mal. Essa aposta, aparentemente, já ele ganhou.

— Repare no entanto que a candidatura Freitas começou por não ser desejada por Lucas Pires e Adriano Moreira, para não falar da futura relação, em termos de liderança, com o próprio Cavaco...

— Sim, mas duvido que essas questões pessoais de liderança da área política de direita tenham sérios e significativos reflexos ao nível do eleitorado.

Soares-Freitas e o PCP

— O prof. Freitas do Amaral é candidato da direita. E a eng.ª Pintasilgo não rouba a Soares votos à esquerda?

— Independentemente da eng.ª Pintasilgo, é evidente que Mário Soares tem agora graves problemasá ua esquerda, problemas que não lhe será fácil ultrapassar. O problema para o dr. Soares vai também ser o de conseguir vencer à primeira volta um candidato à sua esquerda. Devo dizer que tenho as maiores dúvidas quanto ao comportamento do PC numa segunda volta disputada entre Soares e Freitas. Não seria para admirar — já vivi, como observador, uma situação comparável — que o PC, perante tal cenário, preferisse viabilizar a candidatura Freitas.

— Mas porquê? Porque «quanto pior, melhor»?

— Porque eles «são iguais». A situação concreta que citei é a francesa, em 1969 se a memória me não falha, quando a alternativa era Pompidou-Poher. Na segunda volta, o PCF disse «bonet blanc, blanc bonet», defendendo a abstenção. Ora, é evidente que é difícil a um candidato ganhar à esquerda sem os votos do partido comunista. Não quero dizer que o eleitorado comunista seja totalmente monolítico, mas há sem dúvida aqueles 7 por cento que votaram Octávio Pato, que obedecem cegamente às indicações de voto.

Pintasilgo

— Pode dizer-nos o que pensa da candidata Maria de Lourdes Pintasilgo?

— ...Tenho por ela a maior das simpatias pessoais...

— É sempre assim que se começa a dizer o pior possível de alguém.

— Não, não é verdade. Aliás, eu votei a favor do programa de governo da eng.ª Pintasilgo! Portanto não estou a fazer uma flor, nem a adocicar o que a seguir possa dizer! E também posso confiar-vos que, quando entrei para a Assembleia para ouvir o seu discurso de apresentação do Governo, tinha, «a priori», a maior das desconfianças. Estas coisas racionalmente serão absurdas, mas eu não podia esquecer o passado político da eng.ª Pintasilgo. Era um preconceito negativo e no

MESA DL

Texto de João Mendes
Fotos de Rui Pacheco

■ O PSD vai mesmo apoiar o prof. Freitas do Amaral ■ O prof. Freitas do Amaral prestou um imenso serviço à esquerda portuguesa ■ A eng.ª Pintasilgo quer ir à outra banda mas não tem barco ■ O dr. Soares é o candidato que melhor se identifica com o sistema ■ O PS é um partido monárquico, e para haver monarcas é preciso haver súbditos ■ O voto em Soares poderia significar o desaparecimento da UEDS ■ A hipótese de desaparecimento da UEDS é, de facto, uma hipótese.

Lopes Cardoso com João Mendes, Manuel Anta e José António Cerejo: *«Com Freitas, o PSD pode ser o motor que lidera um processo, ao passo que com Soares nunca passaria de uma força apoiante...»*

Freitas do Amaral está a empurrar Mário Soares para o centro-esquerda

entanto, depois de a ter ouvido, votei a seu favor.

— E agora, o que pensa dela como candidata?

— Eu não entendo a candidatura da eng.ª Pintasilgo. É uma candidatura que vai conduzir a uma inevitável frustração. Como é que uma pessoa pode candidatar-se à Presidência da República afirmando-se portadora de um projecto de mudança, e recusando ao mesmo tempo os instrumentos que podem possibilitar essa mudança? Eu pergunto: caso a eng.ª Pintasilgo fosse eleita, o que é que mudava no dia seguinte? Ela dissolveria a Assembleia: muito bem, e quem é que, em eleições legislativas, é portador do seu projecto? Ninguém. E que fará ela quando, dissolvida a Assembleia e depois das Legislativas, se encontrar diante de um novo quadro que eu não sei qual é, mas onde ela certamente não se reconhece? O que faz então com o seu projecto de mudança? Ou se submete, ou se demite.

«Eu compreendo a posição de um Presidente suprapartidário, que diz não pretender senão fazer cumprir a Constituição e viabilizar, em cada momento, o funcionamento das instituições democráticas. Para executar este programa não é preciso ter partido nenhum. E não se pense que é pouco como programa! Os presidentes não perceberam, até agora, que podem, de facto, exercer uma função moderadora, exactamente porque são eleitos por sufrágio universal e não estão directamente dependentes de partidos.

«Ora, o projecto Pintasilgo não é esse! Porque, neste quadro, não faz sentido propor grandes mudanças. O seu programa é um programa de mudança! Ela diz que vai mudar, mas não diz como. É por isso que penso que ela faz correr ao eleitorado um risco de grande frustração. Caso seja eleita, quem votou nela verificará, três meses depois, que afinal nada mudou. Caso não o seja, quem se mobilizou por ela ficará totalmente descalço.

— O PCP lançou, de início, a ideia de que a candidatura Pintasilgo era a candidatura de «um novo Otelo». Acha correcta esta interpretação?

— Não. O Otelo tinha uma dimensão revolucionária que a eng.ª Pintasilgo não tem. A candidatura era um instrumento como qualquer outro para uma transformação revolucionária do País. Era como o Parlamento para a UDP. Contesta-se o sistema, mas utilizam-se todas as armas, mesmo aquelas que o sistema oferece. A única semelhança entre esta atitude e a da eng.ª Pintasilgo é talvez o apelo às massas por cima das instituições. Mas ainda ninguém me explicou como é que se governa um país com os «movimentos sociais», ou com o «diálogo directo com as populações». Além disso, também critico nesta candidatura a adesão fácil à posição antipartidos. Como é que em democracia se funciona sem partidos políticos? Os proponentes da candidatura Pintasilgo estão convencidos de que os partidos estão desacreditados, de que o Parlamento «é uma vergonha», e portanto vá de cascar neles, porque isso paga. Eu duvido muito de que isso pague.

— Então crê, com a eventual vitória da eng.ª Pintasilgo, iríamos de mal a pior.

— Eu ousaria esperar que, daqui até Dezembro, a eng.ª Pintasilgo clarifique minimamente o seu discurso, para que, de facto, as pessoas possam escolher de forma consciente. E desejaria que ela se definisse face a algumas questões concretas. Que pensa do papel do sector público? Que pensa da nacionalização e das desnacionalizações da banca? Que pensa, concretamente, da CEE? Em que perspectiva nos devemos integrar na Europa? Que pensa das relações entre o Estado e a Igreja? Que pensa sobre o aborto? Porque, como vimos, a sua posição não é apenas a de cumprir a lei, visto que ela tem um projecto de mudança, um projecto de sociedade. Mas esse projecto tem-me parecido, até aqui, extremamente nebuloso.

«Não vale a pena discutirmos se é bom chegar-se à outra banda, se primeiro não tivermos um barco.

— E acha que a eng.ª Pintasilgo quer ir à outra banda mas não tem um barco?

Acho.

— E acredita que ela ainda abandonará a corrida para Belém?

— No quadro actual, penso que a eng.ª Pintasilgo se atirará ao Tejo. Se chega ou não à outra banda, isso é outra coisa...

Soares

— Em termos de presidenciais, falta-nos saber quem é hoje, para si, o candidato Mário Soares.

— Mário Soares é para mim, neste momento, o candidato que melhor se identifica com o sistema. É, pelo menos, o único candidato que não se assumiu contra, ou fora, do sistema. Falando a título pessoal, devo dizer que este é, para mim, um aspecto positivo. Contra o que está hoje na moda, eu sou partidário do sistema, porque ainda não se descobriu nenhum melhor.

— Quando fala de sistema quer dizer, exactamente, o quê? Democracia parlamentar? Incluindo o nosso semi-presidencialismo e o tipo de relações que, segundo a Constituição, deveriam existir entre a Presidência da República e os restantes poderes?

— Exacto.

— E pensa que o dr. Soares é um candidato socialista? Ele não levou o PS a esvaziar-se de conteúdo ideológico, a pensar exclusivamente na sua candidatura a Belém?

— Mas qual é o partido onde há produção ideológica, em Portugal? O CDS? O PSD? O PC não, seguramente... compare-se com o PCI... As raízes são outras, não creio que a culpa da falta de produção ideológica do PS seja o dr. Soares.

Mas o PS é um partido monárquico. E para haver monarcas é preciso que haja súbditos, que as pessoas aceitem ser súbditos...

— O PS ainda existe, como partido?

— Se entendermos que um partido é uma presença actuante no quotidiano da vida portuguesa, o PS não existe. Agora se é também o manter uma base potencial que, depois, se traduz em eleições, penso que sim: continua a existir, mantém-se.

— Se o dr. Soares, no seu caminho para Belém, deixar o lugar de secretário-geral do PS, e até abandonar o seu partido, para reforçar o carácter «nacional» da sua candidatura, pensa que o PS continuará a ser um partido «monárquico», como disse?

— Mesmo em Belém, se fôr eleito presidente, o dr. Soares continuará a ter um a influência imensa no PS, como se passou em França com Mitterrand. E na Rua da Emenda deixará de haver um rei, e passará a haver um regente.

Mas eu espero que o PS não esteja condenado a ser, eternamente, monárquico, porque ainda não deixei de alimentar a esperança de um dia poder encontrar-me à vontade num Partido Socialista (este ou outro) que preencha a área onde me reconheço. Estão a obrigar-me a falar de uma coisa de que eu evito sempre falar, que são as questões internas do Partido Socialista...

— Porquê?

— Porque encaro o PS como sendo da família, e a gente não gosta de falar das questões da família.

Sobrevivência da UEDS

O eng. Lopes Cardoso diz-nos, ainda, a propósito da próxima eleição presidencial, que, de momento, não se identifica com qualquer dos candidatos em presença. «Falta um candidato de esquerda», acrescenta. Mas considera «extremamente improvável» que esse candidato ainda surja crivelmente, e com possibilidades de disputar a vitória.

— A candidatura do dr. Soares aparece-lhe então como um «mal menor»?

— O que estão a perguntar-me é se apoio, ou não, o dr. Soares. Ora eu, sinceramente, não sei se apoio a candidatura do dr. Soares.

— De que depende esse apoio?

— Depende do quadro em que, de facto, se disputarem as eleições presidenciais.

— Depende dela ser uma candidatura de centro-direita ou de centro-esquerda?

— À partida. Mas isso não basta. Neste momento, admito todas as hipóteses (menos a de votar Freitas), inclusive a de, perante a primeira volta, dizer que aquilo não me interessa — o que já aconteceu. Mas a única posição que a UEDS tem, nesta matéria, já há alguns meses, é a de que nunca apoiaria um candidato do bloco central.

— Mas a sobrevivência da UEDS não passa, obrigatoriamente, pelo apoio ao dr. Soares?

— Não. O voto no dr. Soares pode, até, eventualmente, representar o desaparecimento da UEDS. Isto é: a sobrevivência da UEDS não é, para nós, sinónimo de permanência no Parlamento, embora eu pense que ter voz no Parlamento é, para nós, muito importante. No entanto, se a nossa presença no Parlamento fosse fictícia, se a nossa voz passasse a ser, de facto, a «do outro», então mais valia não estar lá. Ora nós, apesar de todos os contratos que assinámos com o PS, conseguimos — dir-nos-ão que foi uma «habilidade», e, se calhar, foi — manter a nossa voz totalmente independente. A UEDS é um instrumento. Se a lâmina do instrumento já não cortasse, mais valia deitá-lo fora.

— A hipótese de desaparecimento da UEDS é real, hoje, ou não?

— É uma hipótese.

— E essa hipótese prende-se com as presidenciais?

— Prende-se com tudo. Prende-se, também, com a extrema dificuldade de subsistência dos pequenos partidos quando eles pretendem afirmar, continuadamente, a sua autonomia. Seriam precisas mudanças na lei eleitoral, a criação, por exemplo, de um círculo nacional... Visto que 2 por cento à escala nacional não são 2 por cento à escala regional.

— Está à vista a reintegração no PS?

— A convergência pontual de pontos de vista não significa, necessariamente, fusão. Quando o PS votou com o PC a lei sobre o aborto, ninguém os acusou de estarem a operar a grande reunificação dos partidos da classe operária. O que acontece, é que neste momento, se levantou uma grande hipoteca que pesava sobre qualquer aproximação... que era o bloco central. No momento em que falamos, parece que o bloco central deu a alma ao Criador. Isso melhora as coisas...

Vejam, no entanto, que os pequenos partidos que subsistem na Assembleia são os que chegaram a acordo com outros maiores. É o caso do MDP, é o nosso e foi o da ASDI... No nosso caso, a proximidade ideológica com o PS é evidente, mas, em política, a fronteira não se situa, muitas vezes, ao nível ideológico, e sim ao nível da prática, na transposição da ideologia para a prática. Veremos...

Nos primeiros quatro meses deste ano

Inspecção Económica: 92 mil contos de mercadorias apreendidas

A Inspecção Económica apreendeu 92 mil contos de mercadorias, nos quatro primeiros meses do ano, disse à ANOP, Leonardo Matos, director-geral daquele organismo. «A Direcção de Inspecção Económica actua em todo o Continente através de serviços especiais e de serviços regionais sediados nas capitais de distrito e cobre um vasta malha económica desde a produção até à comercialização», concluiu Leonardo de Matos.

Até inícios de Maio a inspecção já vistoriara 26.500 estabelecimentos, num universo constituído por 300 mil agentes económicos.

Os resultados destas acções de inspecção, disse Gonçalves Cardoso, responsável pelo Departamento de Estudos de Planeamento da Direcção-Geral de Inspecção Económica (DGIE), «saldaram-se pela instauração de 116 processos sumários, a que corresponderam 2300 contos em multas e 55 condenações a penas de prisão».

Organismo público, a Inspecção Económica está sob a tutela do Ministério do Comércio e Turismo. Actualmente, opera com um total de 800 efectivos, meio milhar deles elementos de inspecção, organizados em 153 brigadas de actuação permanente (13 centrais e 140 regionais), além de contar ainda com a colaboração de pessoal da GNR, Guarda Fiscal e da PSP em acções de âmbito nacional.

«A média etária dos funcionários da Inspecção Económica é bastante elevada, 45 anos, enquanto que ao nível das chefias a média de idades ronda os 60 anos», disse Leonardo de Matos.

A este propósito, o director da IE afirmou «ser imperioso alterar esta situação com a introdução de um dispositivo legal que fixe a obrigatoriedade de aposentação aos 60 anos».

Em seu entender, esta medida «não só visaria objectivos humanitários como possibilitaria o refrescamento da organização».

Quanto às colheitas de amostras recolhidas pelas brigadas de inspecção até Maio de 1985 o seu número foi de 1040 tendo dado lugar à instauração de 690 processos.

Dos resultados já conhecidos, de 534 processos, 24,3 por cento reportam-se a crimes lesivos da economia nacional ou da saúde pública, enquanto os restantes apresentam características normais, ou deram origem a infracções de menor gravidade.

Por produtos, o azeite, o vinho, o arroz, a aguardente e os elementos compostos para animais foram aqueles «onde se detectou maior índice de fraude», indicou Gonçalves Cardoso.

Prevenção em vez de repressão

«A filosofia de actuação da DGIE, outrora repressiva, sofreu a partir de finais de 1983 uma inflexão gradual, privilegiando a prevenção, com a informação, moralização e enquadramento dos agentes económicos nos dispositivos legais e a formação do pessoal de inspecção», disse Leonardo de Matos, sublinhando «não caber à DGIE qualquer decisão exclusiva em matéria de aplicação de sanções, por motivos de isenção que devem pautar a sua intervenção».

Este tipo de competências foi delegado no Instituto de Qualidade Alimentar (IQA), que avalia as características legais, de asseio e higiene dos bens alimentares, e na comissão central de aplicação de coimas, composta pela DGIE, o IQA e o Instituto Nacional de Saúde Pública, sendo presidida por um juiz de Direito.

Em 1984, o valor das mercadorias apreendidas pela IE ascendeu a 355 mil contos e o total de acções de inspecção a estabelecimentos, mercados e feiras, estimou-se em 97 mil.

A actuação ao longo do ano passado exerceu-se sobretudo «no sector retalhista (62 pr cento), hotelaria e similares (17,5), mercados e feiras (13,4), junto dos importadores (3,8) e dos produtores (3,2 por cento)», referiu Gonçalves Cardoso.

As mercadorias apreendidas, segundo o seu valor, foram em primeiro lugar o vinho, depois o azeite, a carne, o peixe, os ovos, o gado, o marisco e por último o bacalhau.

Dos 23 mil processos instaurados, aproximadamente 88 por cento foram tipificados como acções antieconómicas

Barcos apresados em Marrocos

A Marinha marroquina anunciou que o pesqueiro português «Pérola do Liz», do porto da Fuzeta, no Algarve, oi apresado dia 7 do corrente e conduzido a Agadir por pescar sem licença em águas territoriais daquele país. Pela mesma razão fora apresado no dia anterior o navio congelador espanhol «Zapata», enquanto os arrastões também espanhóis «San António» e «Segunda Andrea Cayuela», foram apresados por pescarem em águas proibidas.

Presidente da Murtosa morre em acidente

O presidente da Câmara da Murtosa, padre António da Fonseca, morreu sábado, num acidente com o tractor que conduzia, ao lavrar a terra da sua propriedade, perto da Ribeira de Pardelhos. O extinto, e 48 anos, natural de S. Tomé da Ribeira, ocupava a presidência daquele concelho do distrito de Aveiro, pela terceira vez consecutiva, tendo sido eleito pelo PSD.

Moedas de 25 escudos roubadas em Coimbra

Cerca de oito mil moedas de 25 escudos (200 contos) foram furtadas, na madrugada de ontem, da sala de jogos do pavilhão dos Olivais, em Coimbra. Os assaltantes, que «igni aram» um número significativo de moedas de mesmo valor existente no local, introduzir? n-se nas instalações após terem arrombado o gradeamento de uma das janelas por meio de escopro.

Electrodomésticos de contrabando

A Guarda Fiscal apreendeu, nos arredores do Porto, electrodomésticos no valor de 6500 contos. Entre o material apreendido em dois armazéns comerciais de Valadares (Vila Nova de Gaia) e Senhora da Hora (Matosinhos), por evasão fiscal, contam-se aparelhos de vídeo, máquinas de lavar roupa, auto-rádios e televisores a cores. Os autos de notícia e a mercadoria apreendida foram entregues ao juiz de Instrução Criminal de Matosinhos.

Lançaram SOS e tentaram fuga

Mais barcos espanhóis apresados no Algarve

Duas embarcações de pesca espanholas («Princesa Cristina» e «Ninos Rafael») foram apresadas ao princípio da tarde de sábado quando pescavam a cerca de 28 milhas de Vila Real de Santo António.

Interceptadas por um navio-patrulha da Marinha de Guerra portuguesa, o «Cunene», os barcos espanhóis cortaram os cabos de arrasto e tentaram à fuga, que não conseguiram.

Os 11 tripulantes dos dois barcos distribuiram-se então por duas lanchas salva-vidas e lançaram-se ao mar ligando o transmissor de pedido de socorro, o que, segundo o chefe do Departamento Marítimo do Sul, comandante Metelo de Nápoles, provocou interferências noutras embarcações, em aeronaves e estações de terra que receberam o pedido de socorro.

Posteriormente, os elementos da tripulação foram detidos e aguardam juogamento no Tribunal Judicial de Faro. Os dois barcos foram conduzidos ao porto de Faro.

Das duas embarcações agora apresadas, o «Princesa Cristina» é reincidente em casos desta natureza, tendo sido julgada e condenada no dia 31 de Maio no tribunal de Faro a uma multa de 1500 contos.

Houve distúrbios à porta de discoteca em Braga

Trinta pessoas foram assistidas na noite de sábado e madrugada de domingo no Hospital de S. Marcos, em Braga, em consequência de distúrbios registados à entrada de uma discoteca local.

Os problemas junto de uma discoteca existente no centro comercial Galécia, em Maximinos, começaram cerca das 23 horas quando um grupo de indivíduos aí pretendeu ingressar.

A gerência da discoteca informou que a lotação se encontrava esgotada, pelo que o grupo deveria procurar uma outra discoteca da cidade. Assim o não entendeu o referido grupo que procurou o ingresso à força, partindo a porta de entrada.

A gerência, enquanto aguardava a chegada da polícia, recorreu ao uso de gases lacrimogéneos para dispersar o grupo enquanto a clientela saía por uma outra porta de segurança.

Todavia, quer pessoas do interior da discoteca, quer as que se encontravam no exterior, apanharam com os gases lacrimogéneos, o que fez com que fossem para o Hospital de S. Marcos onde, depois de atendidas, regressaram às respectivas residências.

A multidão que se encontrava nas imediações do centro comercial procurou agredir os membros da gerência e empregados da discoteca, o que levou a polícia, que entretanto fora reforçada, a usar bastões para conseguir controlar a situação.

Um dos polícias teve de receber tratamento hospitalar por ter sido agredido com uma pedra na cabeça, regressando a casa mais tarde.

O comissário Franklin, da PSP, disse à ANOP que se iniciaram averiguações tendentes à descoberta dos indivíduos que estiveram na origem dos distúrbios.

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

***REPÓRTER** — Salve, Majestade.*
***AFONSO HENRIQUES** — Como disse?*
***R** — Saudei-o.*
***AH** — Desculpe, sim? Com a idade fiquei mouco.*
***R** — Com 77 anos não se pode dizer que seja assim tão velho.*

***AH** — Setenta e sete, não. Pelas minhas contas, são 877, que os fiz a seis de Dezembro.*
***R** — São de facto muitos anos.*
***AH** — Lá isso são. Mas ainda conto fazer muitos mais. Com a vossa ajuda, claro.*
***R** — Então que tal lhe pareceu a festa?*
***AH** — Um bocado barulhenta. Já não tenho paciência para estas coisas. Depois estou para aqui, não me posso levantar.*
***R** — Doente?*

***AH** — Não, não. São ainda restos daquela história de Badajoz. Se fosse hoje, punha-me bom num instante. Mas naquele tempo a cirurgia estava um bocado atrasadota.*
***R** — Isso quer dizer que não viu bem o espectáculo desta noite?*
***AH** — Vi, vi. A televisão pôs uns televisores para mim, para o Mem Ramires, para o Gonçalo Mendes. Parecia o Natal dos Hospitais.*
***R** — Sempre na brincadeira...*

***AH** — Quem gostou muito foi o nosso esforçado Febo Moniz.*
***R** — Mas esse não está entalado?*
***AH** — Ora, ora, quem é que não está entalado neste país.*
***R** — E a rainha sua mãe?*
***AH** — Refere-se a D. Tareja e ao Peres de Trava?*
***R** — Sua mãe. Mãe há só uma.*

***AH** — Minha única mãe é a minha pátria. Pois quanto a D. Tareja ouvi que sim, que também lhe puseram um televisor. Para ela, para o Trava e para todos os de fora que contra nós pelejaram. Esta RTP é o que se vê...*
***R** — Que me diz da integração?*
***AH** — Olha, rapaz, eu de política não entendo nada. A minha política é Portugal. Por isso, quando os reinos de Leão, Castela e Aragão me propuseram a integração, eu mandei-os passear.*
***R** — Refiro-me à integração económica.*
***AH** — Isso era o que eles diziam. Quem depende da barriga, depende da alma. Eu é que os topo. Há aqui uma coisa que eu não entendo. Por que é que o povo me assobiava tanto? Que mal é que eu fiz?*
***R** — Os assobios não eram para vossa Majestade.*
***AH** — Livra!, fico mais descansado.*
***R** — Nem podia ser. Vossa Majestade é o pai da Nacionalidade, é o fundador.*
***AH** — Credo, rapaz, não me chames isso.*
***R** — Então porquê?*
***AH** — Porque é nome de brande. Integração ibérica — mas não tanto...*

Ramalho Eanes na sessão solene do 10 de Junho

Há vícios políticos que ameaçam desagregar as virtudes da solidariedade e mobilização

Realçando não serem as comemorações do 10 de Junho o local apropriado para o «equacionamento e avaliação da crise política nacional», e «menos ainda para apresentação das soluções concretas que deverão no futuro imediato dar resposta aos novos problemas entretanto surgidos», o Presidente da República, na ssessão solene ontem realizada no Porto, reflectiu, no entanto, sobre o trajecto colectivo de onze anos de regime democrático. «Há vícios políticos que ameaçam desagregar essas virtudes de solidariedade e capacidade de mobilização», sublinhou Ramalho Eanes.

«Defender a democracia hoje, para além das palavras e das intenções significa tomar opções concretas e em todas estas situações mantê-las com coragem e intransigência», declarou o Presidente da República na sessão solene das comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades a que assistiram o Presidente da Assembleia da República, membros do Govedrno, deputados, autarcas e outras entidades civis, militares e religiosas.

Subordinando a sua alocução ao estabelecimento de ligações das virtudes indiscutíveis que temos como Povo com a prática política quotidiana, Ramalho Eanes realçou que «o empenhamento colectivo e participado vai de par com a solidariedade nacional e coesão sociais, bem como com uma política de verdade que não esconde os problemas nem dilui a esperança».

Aguardam-nos novas oportunidades

No entanto, o Presidente da República sublinhou que «há vícios políticos que ameaçam desagregar essas virtudes de solidariedade e mobilização, as quais, como sabemos, são indispensáveis à plena assumpção da responsabilidade cívica em que alicerça a verdadeira cidadania».

Passando a enumerar esses vícios, Eanes falou da demagogia das promessas, «que a realidade situacional torna inviáveis da insensibilidade perante os custos sociais que poderiam ter sido evitados, enfim, tudo aquilo que torna o Povo objecto disponível, em vez de sujeito responsável do poder político».

Em contraposição a esta prática, o Presidente da República defendeu a necessidade de consensualizar «de um modo democrático e sensível os nossos grandes objectivos, de fazer o levantamento correcto da nossa sitaação e de utilizar de modo racional os nossos meios». Após referir que os grandes objectivos estão bem definidos e clarificados — «com a adesão à CEE, a manutenção da nossa presença e participação na NATO e a nossa ligação preferencial a determinadas áreas» —, Ramalho Eanes frisou existirem condições para que se possa iniciar uma nova fase, «diferente e com razoável expectativa de sucesso desde que o esforço a empreender e os meios a utilizar sejam aplicados de forma rigorosa e nacionalmente ajustada». «Desta forma», adiantou o Presidente, «reforçar-se-á os entendimentos e a prática da solidariedade social e ganha-se a mobilização participada de todos os portugueses na construção de um autêntico dever colectivo».

Sublinhando que «não estamos aqui para cultivar a nostalgia impotente do passado, nem para mitificar futuros improváveis, mas sim para nos educarmos no rigor de enfrentar os desafios do presente por difíceis que sejam com um projecto democrático de justiça e de fraternidade entre todos os portugueses», Ramalho Eanes abordou os desafios do futuro. Aguarda-nos «tempos de mudança e de desafio, certamente dificuldades novas, também novas oportunidades e novas expectativas», precisou. «Mas temos razões históricas para resistir, tanto à demagogia do excesso de optimismo como ao derrotismo dos que descrêem das capacidades do nosso Povo», concluiu.

Camões como modelo para os jornalistas

A mais conhecida obra de Camões, o poema épico «Os Lusíadas», está cheia de exemplos, que poderão ser seguidos pelos profissionais da comunicação social — esta a tese da palestra ontem proferida pelo embaixador Mário Neves na sessão solene do 10 de Junho.

Mário Neves, antigo director adjunto do «Diário de Lisboa» e de «A Capital», notou ao intervir como orador oficial na sessão solene que também a vida de Camões tem paralelo com a «experiência dolorosa de uma classe» como a dos jornalistas. «Ressalvadas as distâncias entre Camões e qualquer jornalista da actualidade, tanto na dimensão intelectual do poeta, como pela importância da obra, as estrofes da epopeia constituem incentivo de inspiração para os profissionais de Imprensa do nosso tempo», disse.

Camões tratou «dos assuntos mais variados que revelam raro sentimento da oportunidade objectiva que compete também a qualquer repórter que se preze», afirmou Mário Neves.

Exemplificando com citações de «Os Lusíadas», o embaixador sublinhou a preocupação de veracidade do poeta e mostrou como Camões se desdobrou ao longo do poema em cronista, entrevistador, «cuidadoso repórter» ou correspondente.

Camões revela-se também, disse Mário Neves, um comentador político e social e «o autor de opinião firme e vigorosa que constitui atributo de um autêntico articulista de combate».

O orador acentuou ainda «o paralelismo dos tristes destinos comuns do poeta e dos que no nosso tempo se têm dedicado à tarefa de fazer jornais». Mário Neves lembrou que Camões conhece uma censura da Inquisição, situação «idêntica à amargura que sofreram os jornalistas portugueses».

Aos jornalistas portugueses actuais compete, disse mais adiante, «papel de decisiva importância no incitamento para dominar a crise de que tanto se fala e que tão fortemente sentimos». «Inspirados no exemplo de Camões, os responsáveis pela comunicação social encontrarão ânimo encorajador e firme para esclarecer a situação presente e para contribuir para vencer esta crise que envolve, na realidade, Portugal, mas de que havemos de poder sair com a mesma energia e determinação para que nos aponta o estímulo modelar dos portugueses, que saudamos hoje» concluiu.

Condecorações e saudações

Na sessão solene foram ainda condencoradas várias personalidades dos mais diversos sectores da sociedade portuguesa. Falando em nome dos agraciados Azeredo Perdigão, presidente do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian, afirmou que «aceitar uma condecoração é uma honra, mas é também aceitar um compromisso».

Desenvolvendo a sua tese, Azeredo Perdigão sublinhou que «todas as pessoas que foram distinguidas aceitaram o compromisso de honra de continuarem a prestar ao País o valioso serviço até aqui demonstrado». Depois de advogar que todos os condecorados «devem continuar a trabalhar com o mesmo espírito de sacrifício como até aqui», o presidente do Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian referiu que a sua condecoração «é recebida em memória de Calouste Gulbenkian a quem os portugueses muito devem e ainda não retribuíram por completo».

Em Paris, a cantora Linda de Suza foi ontem condecorada na Embaixada portuguesa, com a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique «pela divulgação que tem feito de Portugal e da sua música tradicional». Na cerimónia, integrada nas comemorações do Dia de Portugal, Camões e das Comunidades, foram ainda galardoados Santos Teixeira, director de uma companhia de seguros, e Veiga Pires, conselheiro social na Embaixada.

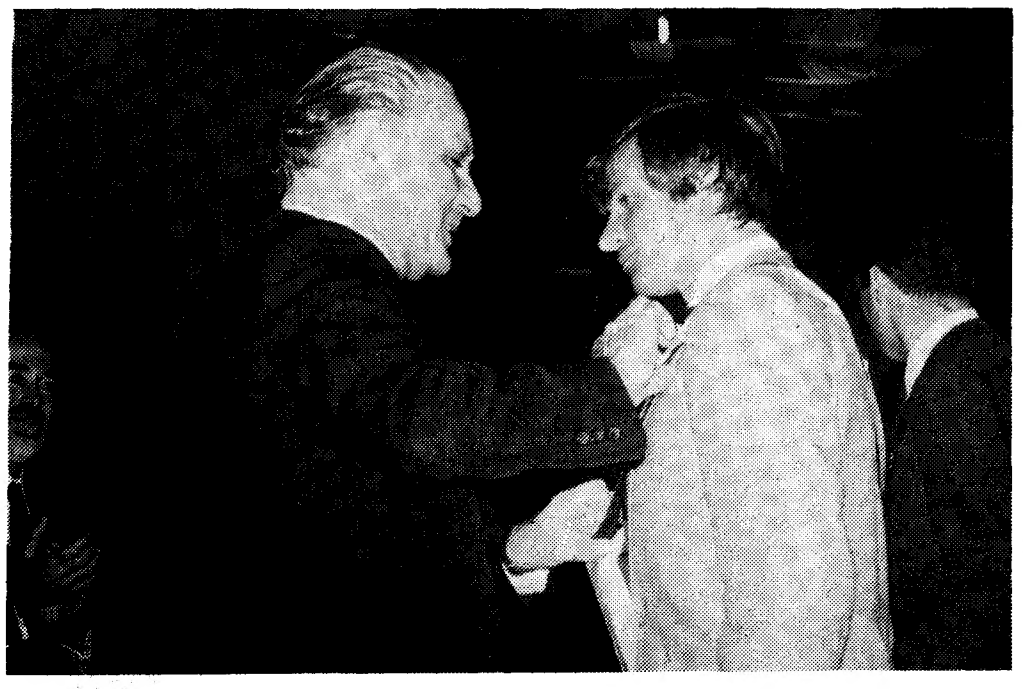
Também em Maputo, o embaixador Paulouro das Neves condecorou dois cidadãos portugueses que há longo tempo trabalham em Moçambique. António Abrantes Oliveira e Sebastião Cardoso, de respectivamente 50 e 26 anos, foram agraciados durante a cerimónia, comemorativa do 10 de Junho na qual participaram membros do corpo diplomático, o vice-ministro dos Negócios Estrangeiros da República Popular de Moçambique, em representação do Governo de Maputo, e responsáveis de empresas portuguesas. Na oportunidade, o embaixador Paulouro das Neves destacou o lugar cimeiro que Portugal ocupa entre os parceiros de Moçambique e realçou o papel dos trabalhadores portugueses em território moçambicano «muitas vezes assumindo riscos a que outros não estariam dispostos». Falando na cerimónia, o representante do Governo moçambicano, Teodato Hunguana sublinhou, dirigindo-se aos agraciados, que «é o trabalho de homens como estes, anónimos, que vai lançando as pedras dessa ponte que une os povos apesar das distâncias que os separam».

Também em Luanda decorreu ontem, na Embaixada portuguesa, uma recepção, à qual compareceram representantes do governo de Luanda e do MPLA — Partido do Trabalho, membros do corpo diplomático, empresários portugueses e dirigentes da Associação 25 de Abril, constituída por cidadãos portugueses que trabalham na República Popular de Angola. Em representação do ministro das Relações Exteriores da RPA, Afonso Van-Dunen, ausente em Nova Iorque, estavam presentes o embaixador António Pinto da França, o vice-ministro Venâncio de Moura e, a nível partidário, António Lengue, chefe do departamento das Relações Internacionais do MPLA — Partido do Trabalho.

Em Bissau realizou-se idêntica cerimónia, tendo sido condecorados um colador de rodas guineense, um professor cooperante — Adelino Barbosa — e o estudante angolano João José Silva. As comemorações englobaram, para além de uma recepção, uma sessão cívica no centro cultural português, durante a qual foi lida uma mensagem do Presidente da República e distribuídos os prémios dos torneios desportivos comemorativos da data.

Bangecoque — com uma evocação dos primeiros contactos dos portugueses com o povo do Sião; Pretória — com a inauguração de uma nova sede da Associação Portuguesa de Futebol, Cultura e Recreio; e Macau — com uma intervenção do governador Almeida e Costa sublinhando o significado da visita efectuada em Maio pelo PR àquele território —, foram outros tantos pontos onde a data do 10 de Junho foi assinalada.

Entretanto, o Presidium do Soviete Supremo da União Soviética, em mensagem dirigida ao Presidente da República, manifestou «esperança no futuro desenvolvimento das relações entre os dois países, nos interesses da Paz e da Segurança na Europa». Também o presidente da República Democrática Alemã, Erich Honecker, endereçou ao seu homólogo português uma mensagem em que o líder da RDA deseja «o contínuo alargamento das relações amistosas com Portugal».



O presidente da Assembleia da República, Fernando Amaral, no momento em que condecorava Carlos Lopes com a Ordem do Infante D. Henrique

Câmaras querem condecorações para Vitor Alves e Cândido Igrejas

O tenente-coronel Vítor Alves e Cândido Igrejas são os dois primeiros nomes dos de oito cidadãos que várias Câmaras Municipais, entre as quais Lisboa, Figueira da Foz, Leiria e Vila Real, solicitaram, em cartas dirigidas ao Presidente da República, que sejam dos primeiros agraciados com a recentemente criada Ordem de Camões.

O tenente-coronel Vítor Alves possui já a Ordem da Liberdade e Cândido Igrejas a do Infante D. Henrique e ambos são os mais antigos membros das comissões organizadora e executiva das comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas.

Timor presente à porta

Um timorense de 60 anos de idade esteve durante toda a cerimónia oficial do 10 de Junho, no Porto, junto à entrada dos convidados com uma bandeira nacional onde se lia a negro, a palavra Timor.

Carlos Costa Roque, jornalista de profissão, disse considerar ser aquela a forma de Timor estar presente nas comemorações oficiais do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades. «O que eu pretendo é trazer aqui Timor, cujo povo sempre foi leal a esta Pátria portuguesa», afirmou à ANOP.

Carlos Roque disse não ter tentado entrar no recinto das comemorações nem o pretender fazer para não provocar «comoção junto das individualidades e do povo que assiste à cerimónia». O timorense que nasceu em Caua, vive actualmente em Pombal e afirmou ter-se deslocado propositadamente à cidade do Porto para se integrar «na sua maneira» nas comemorações do Dia de Portugal.

Em greve de fome casal do processo FP-25

Um casal acusado de pertencer às «FP-25 de Abril», detido no Porto desde 21 de Fevereiro, entrou no domingo em greve de fome por tempo indeterminado, refere uma carta manuscrita entregue à agência ANOP.

A reclusa Maria Manuel Alves, que se encontra grávida de sete meses, afirma na carta que a greve só terminará quando o seu companheiro, Daniel Martins Tavares regressar à penitenciária de Custoias, de onde foi transferido «sem quaisquer explicações».

O documento responsabiliza a Direcção-Geral dos Serviços Prisionais pela «situação injusta e desumana» em que coloca o casal e pelas consequências da forma de luta adoptada.

Maria Manuel diz que se manterá em greve de fome até o seu companheiro regressar ao estabelecimento prisional de Custoias, para, acrescentar, «podermos minimizar a nossa situação e termos uma maior aproximação durante o nascimento do nosso filho».

Polícias brasileiros acusados da morte de industrial português

Quatro polícias foram considerados envolvidos no assassinato do industrial português Mário Tavarela Veloso e das jovens Jeanne D'Arc Montenegro e Vera Jacomo, anunciou a Imprensa brasileira.

Os quatro polícias, que já se encontram presos foram acusados de sequestrarem e assassinarem as três pessoas, no crime conhecido como «a chacina de Austin».

Os quatro polícias sequestraram quatro pessoas nas proximidades do aeroporto Internacional do Galeão. O industrial português, Armando Luís Monteiro Rodrigues, segundo a Imprensa, disse que só foi libertado porque pagou cerca de mil contos aos sequestradores.

Segundo o matutino do Rio de Janeiro, «O Globo», as vítimas e os polícias estariam envolvidos não somente no tráfico de droga, mas também na remessa ilegal de dólares do Brasil para o estrangeiro.

"Casa Caiada/85": iniciativa das freguesias de Évora

«Casa Caiada/85» é o nome do programa que as juntas de freguesia urbanas de Évora vão lançar e que tem como objectivo incentivar a caiação periódica dos prédios citadinos.

O programa, na continuidade de outros já realizados, conta com o apoio da Câmara Municipal de Évora, através do núcleo do centro histórico da cidade.

Segundo os organizadores, o programa consta de duas modalidades ou seja, o fornecimento gratuito da cal ou tinta e material de pintura ou então a autarquia procede à caiação dos imóveis, mediante uma participação dos proprietários nos gastos.

Todos os proprietários de imóveis da cidade intramuros podem inscrever-se na iniciativa das juntas de freguesia que deste modo pretende colaborar activamente na recuperação do centro histórico de Évora.

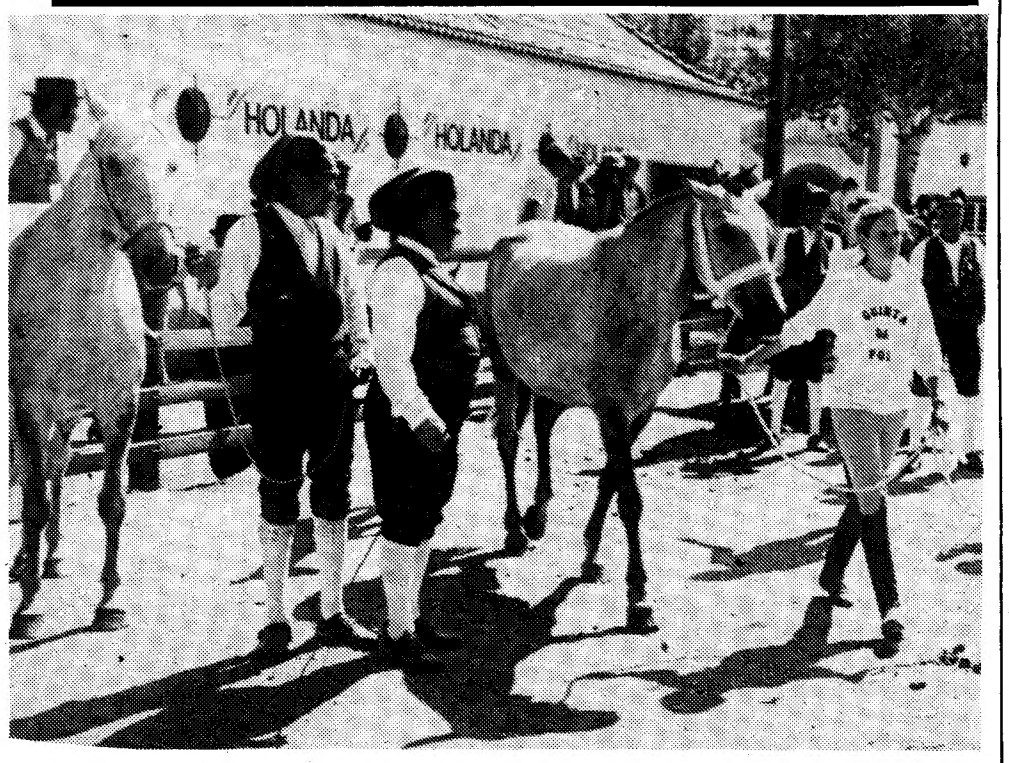
SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA SOCIAL

ACÇÕES DE FISCALIZAÇÃO EM TODO O PAÍS PARA DETECÇÃO DE SITUAÇÕES IRREGULARES

ATENÇÃO esta circunstância trar-lhe-á graves problemas.

NUNCA FAÇA ISTO!!!

SEGURANÇA SOCIAL



Campinos e cavalos: têm os seus «dias» e são «reis» (sem trono) da Feira

Feira Nacional da Agricultura

A ameaça chega amanhã mas paira há dias em Santarém

Campos de regadio instalados em Vale de Figueira, Golegã e Chamusca ocupados com sistemas experimentais de rega de sifão e canhã em searas de melão, tomate, milho e morango — tudo produtos marcadamente ribatejanos — foram hoje visitados por muitos dos agricultores e expositores, além, obviamente, de técnicos, que têm animado os colóquios sobre temática agrícola da Feira Nacional de Santarém que ontem entrou na sua última semana.

Júlio Rodrigues

A gricultura para aqui, agricultura para ali; agricultor por tudo, jovem agricultor com nada: é a FNA, o mais certame agrícola do País, já com envergadura europeia, que a Santarém levou já mais de três centenas de milhar de forasteiros.

Ontem foi o dia do «Jovem Agricultor», hoje é do «Agricultor Europeu» — um dia antes da assinatura do tratado de adesão à CEE —, amanhã será o do «Ensino Agrícola». Se a jornada de ontem, à qual não compareceu o ..nistro Álvaro Barreto — ..mo se esperava — polarizou esta feira, pelos muitos problemas que os jovens participantes no respectivo colóquio colocaram, a jornada de amanhã não deverá ser menos absorvente, como o próprio tema indica. É amanhã por outro lado, que o cavalo entra a sério em cena: haverá o concurso nacinal de equinos (II Campeonato Oficial de Raça Lusitana) de manhã e o contacto das crianças com o cavalo, ainda na fase de aprendizagem e volteio.

O «Dia do Ensino Agrícola» tem o apoio da Dinamarca. A jornada de ontem não teve patrocinador, mas a de hoje conta com os bons auspícios da RFA.

As queixas

Os jovens queixam-se da falta de informação quanto ao que (n)os espera com a integração na CEE. Acusam o Governo desse lapso inadmissível e dizem, mesmo, que o processo de adesão de Portugal à CEE não teve o parecer dos parceiros sociais. Mas que força têm as suas lamentações se o ministro está demissionário e se já o ano passado, também em Santarém, e na XXI Feira Nacional da Agricultura, muitos foram os protestos e as exigências até hoje ainda por satisfazer?

Digamos que, por Álvaro Barreto, falou o, também demissionário, ministro do Comércio, que antes visitara alguns dos pavilhões da FNA em companhia do presidente da comissão executiva, Teles Botas, e do presidente do PSD, Cavaco Silva. Ferreira do Amaral negou que o processo de negociação de adesão à CEE não tivesse o acompanhamento dos parceiros sociais. «Ele decorreu, sempre, após consultas e conversações do Governo com os parceiros sociais», afirmou, no colóquio sobre «Mecanização da agricultura em Portugal» o ministro do Comércio.

Mais disse Ferreira do Amaral no «Dia do Expositor e da Máquina Agrícola», designadamente, que a adesão «nunca foi conduzida à revelia dos parceiros sociais».

Opinião diferente exprimiu, ainda no mesmo colóquio, Mário Fernandes, presidente da Associação dos Industriais Metalúrgicos e Metalomecânicos, acentuando ter havido um claro divórcio entre o Estado e o sector privado. Aquele dirigente pôs o acento tónico num facto que considerou grave e do qual nem todos os presentes se haviam até agora apercebido: as divergências políticas e estratégicas que separam o Ministério da Indústria e Energia e o do Comércio e Turismo quanto à adesão.

Adesão da qual a Associação dos Jovens Agricultores de Portugal não discorda, em princípio, mas com cujas condições, neste momento, não está de acordo. «Não aceitamos que seja a agricultura a pagar os custos da adesão de Portugal ao Mercado Comum», disse o seu vice-presidente.

Vinho na calha

A agricultura será, de uma forma geral, o sector mais afectado pela assinatura, amanhã, do tratado de adesão. É consabido, ainda ninguém o desmentiu categoricamente, duvidando-se que os vários milhões de contos/ano de compensações iludam a verdade dos factos: a nossa impreparação neste domínio.

Os nossos vinhos vão também ser testados pela adesão, apesar dos prémios de qualidade que alguns deles, na sua maioria da região do Ribatejo, têm arrecadado na Jugoslávia, Checoslováquia e até Itália. Daí que também as vinhas e os vinhos ribatejanos estejam em haste pública na FNA deste ano por iniciativa da Casa do Ribatejo que no Dia do Vinicultor, na próxima sexta-feira, promove na Casa do Campino um encontro sobre «Vinhas e Vinhos do Ribatejo», durante o qual distribuirá os prémios relativos à exposição que com o mesmo título decorreu em Maio na sua sede, em Lisboa.

A saúde das vinhas ribatejanas está a pedir cuidados especiais, depois de todos estes anos de indiferença quanto à qualidade: as castas estão a degradar-se, o estado sanitário das vinhas é preocupante. Mas há castas de grande apreço, como é o caso da Fernão Pires, de graduação alta (varia entre os 12 e os 15 graus). Com as adegas cooperativas de que dispõe (nove no total), entre Tomar e Cartaxo, o Ribatejo pode e deve melhorar a qualidade dos seus vinhos, asseguram os enólogos.

É nesse sentido que há quem no Ribatejo defenda a aprovação de um plano de reconversão para os vinhedos da região, com a indicação dos bacelos e enxertos autorizados (tanto no que respeita aos aspectos sanitários como às variedades) e dando execução a um plano de redução do número de castas escolhidas entre as mais características e convenientes.

Amanhã nos Jerónimos

Tratado de adesão assinado às 10.20

Com programa definido ao nível do minuto e intenções de o cumprir «à risca», como manda a nossa futura nova condição de gente como deve ser, o dia de amanhã será dominado pelas cerimónias de assinatura dos tratados de adesão de Portugal e da Espanha à CEE.

A azáfama começará cedo, como também se usa em Bruxelas, e logo pelas 8h30 o Primeiro-Ministro Mário Soares chegará à Torre de Belém para desejar as boas-vindas aos membros das delegações da Comissão Europeia e dos futuros 11 parceiros de Portugal na CEE. Entre os presentes encontrar-se-ão cinco primeiros-ministros (Holanda, Itália, Espanha, Bélgica e França) e o presidente da Comissão Europeia, Jacques Delors. A Dinamarca, Luxemburgo, Irlanda, RFA e a Inglaterra far-se-ão representar por outros membros dos respectivos governos.

Terminado o encontro protocolar da Torre de Belém, feita a «fotografia em conjunto» e concluída a «pequena recepção» prevista para o interior da Torre, os chefes das delegações dirigir-se-ão para o Mosteiro de Jerónimos, onde decorrerá a assinatura do tratado.

No cenário, revisto e adaptado às circunstâncias, dos claustros do velho mosteiro, os primeiros-ministros e ministros dos Negócios Estrangeiros ocuparão os seus lugares, depois de já se terem instalado «o primeiro grupo de convidados portugueses», a «delegaçao comunitária», o «segundo grupo de convidados portugueses» e o «corpo diplomático». Nessa altura estaremos entre as 9h15 e as 9h30 e até às 10h00 entrarão nos Jerónimos os «membros do Governo e demais altas autoridades» e ainda os «plenipotenciários».

4 minutos para Soares

Quando forem 10h00 em ponto inicia-se a cerimónia e às 10h01 precisas o chefe do protocolo anunciará o orador. Este será o dr. Mário Soares que, com tempo contado, entre as 10h01 e as 10h04, pronunciará o seu discurso de boas-vindas.

Com o mesmo rigor horário seguir-se-lhe-ão em intervenções de 4 e 5 minutos, respectivamente, os presidentes do Conselho Europeu, Bettino Craxi, e do Conselho das Comunidades Europeias, Giuglio Andreotti, e finalmente, com outros cinco minutos, o presidente da Comissão Europeia, Jacques Delors.

Às 10H20, no quadro imponente e evocador do passado dos claustros decorados com flores da Madeira enviadas em avião especial, terá lugar o início do acto de assinatura. Durante 50 minutos os membros das delegações signatárias aporão as suas assinaturas num documento que terá depois que ser ratificado pelos parlamentos dos dez actuais Estados membros da Comunidade e dos países candidatos para que ganhe toda a sua validade e entre em vigor em 1 de Janeiro do próximo ano.

Mário Soares usará então da palavra num discurso de 20 minutos e às 11H30 a cerimónia será encerrada, seguindo os chefes das delegações para uma audiência com o presidente da República, no Palácio de Belem.

De regresso aos Jerónimos o Primeiro-Ministro oferecerá às delegações presentes um almoço que decorrerá na parte de cima dos claustros, cobertos com um toldo de pano.

Às 14H30 os convidados dirigem-se para o aeroporto militar de Lisboa de onde serão transportados para Madrid, para aí participarem em idênticas cerimónias a realizar no Palácio do Oriente, ao princípio da noite.

Um terço de 25 mil contos

Feitas as contas e admirado o espectáculo pela RTP, que o cobrirá em directo e lhe dará seguimento num programa sonástop que se prolongará por todo o dia com a CEE como tema, a festa terá custado «menos de um terço dos 25 mil contos de que falava um semanário». Quem o afirmou foi o porta-voz do Primeiro-Ministro que garantiu igualmente não haver quaisquer problemas quanto ao número de membros do Governo português que assinarão o tratado. São eles Mário Soares, Rui Machete, Ernâni Lopes e Jaime Gama.

Quanto à presença de deputados na cerimónia o problema surgido no fim-da-semana passada foi resolvido com a emissão de convites para todos os eleitos. Assim, todos aqueles que quiserem poderão comparecer, ignorando-se todavia como é que o protocolo resolveria a questão se os deputados se lembrassem de ser mais assíduos do que o são em São Bento.

A adesão na perspectiva dos soviéticos

O enredo político da opção económica

Serviço especial Novosti/DL

Apesar de, aparentemente, os mecanismos burocráticos a que obedecem os formalismos de adesão de Portugal e Espanha ao Mercado Comum Europeu estarem a seguir os seus trâmites, a severa realidade socioeconómica que se vive, tanto nesta organização europeia como naqueles países, não é de molde a poder considerar-se optimista.

Com efeito, para se tornarem membros plenipotenciários da CEE, a Espanha e Portugal devem não só conseguir a ratificação do acordo sobre a sua admissão no Mercado Comum em todos os parlamentos dos «dez» até 1 de Janeiro de 1986 como, e fundamentalmente, devem passar por um chamado «período de transição», com severos custos para ambas as partes.

Um custoso «período de transição»

Assim, à produção agrícola da Espanha, nomeadamente o fornecimento das suas frutas e hortaliças aos mercados da CEE, foi estabelecido um «prazo de transição» de 10 anos. Durante esse período, Madrid pode não ultrapassar uma limitada quota de exportação para os mercados dos demais países da comunidade.

Consideráveis restrições foram também decretadas para os viticultores da Espanha, um dos maiores produtores do vinho de mesa do mundo. Durante um longo período, a Espanha será proibida de produzir mais do que 27,5 milhões de hectolitros de vinho por ano.

Também foram estabelecidas regras severas, no que diz respeito às pescas. Os «dez» reduziram bruscamente a quota espanhola. Os espanhóis só poderão pescar 18 mil toneladas de bacalhau por ano, em vez das 30 mil que actualmente pescam, assim como apenas 300 navios espanhóis serão autorizados a pescar na zona económica de 200 milhas dos seus parceiros da comunidade.

Não são menos duras as condições do «período de transição» para Portugal. Para a exportação da sua produção agrícola para a CEE também foi estabelecida uma «moratória» de 10 anos. No prazo de dois anos após a entrada no Mercado Comum, Lisboa terá de anular os impostos alfandegários estabelecidos sobre as bebidas alcoólicas importadas de outros países da CEE, o que significa que Portugal perderá uma importante fonte de receitas alfandegárias.

Não serão menos os problemas que serão enfrentados por Portugal e Espanha em relação ao comércio de artigos industriais. A anulação gradual dos impostos alfandegários não afectará os industriais franceses, alemães e italianos, dado que a exportação das firmas espanholas e portuguesas para o Mercado Comum desconhece, há já vários anos, tais impostos.

Por outro lado, ambos os países terão que evitar grandes esforços na luta de concorrência com a produção da CEE, em virtude da sua indústria estar habituada a ser protegida por elevados impostos alfandegários. Não nos podemos esquecer que a produtividade da indústria espanhola é de 40 por cento inferior à média da CEE. Em Portugal, esse índice é ainda mais baixo.

Feridas de parte a parte

A entrada dos dois países ibéricos significa que, aos 13,6 milhões de desempregados existentes, agora, no Mercado Comum, se acrescentarão mais 3 milhões, o que dificultará, ainda mais, a solução do problema do emprego e agravará a tensão social na Comunidade Europeia. A despeito das limitações e quotas estabelecidas para a Espanha e Portugal no que se refere à produção e importação de produtos agrícolas, os camponeses franceses terão que pagar, por esse alargamento, com uma nova vaga de redução dos rendimentos e de falências. Assim, a França terá de reduzir em 50 por cento as suas vinhas.

As maiores vantagens serão, indubitavelmente, auferidas pelas multinacionais dos países da CEE, sobretudo as alemães-ocidentais, que terão grandes possibilidades de expansão comercial e de exploração da mão-de-obra barata de Portugal e Espanha.

No que diz respeito aos problemas gerais da integração oeste-europeia, é muito provável que as consequências sejam negativas, porque se tornará, ainda maior, a diferença entre os do Norte — «os ricos» — e os do Sul — «os pobres» — da comunidade.

Razões de uma opção

Porquê, então, a opção por uma comunidade alargada? Durante um longo período, os líderes do Mercado Comum explicaram-na pela necessidade de fortalecer a democracia tanto em Espanha como em Portugal. Hoje, porém, já não defendem essa tese, rejeitada, aliás, categoricamente, pelo actual ministro dos Negócios Estrangeiros espanhol, Fernando Moran, que declarou que «a Espanha não correrá o risco de desestabilização caso continue fora da CEE.

Para os círculos governantes do Mercado Comum, a integração económica é sinónimo do «alinhamento», isto é, do reforço do «campo ocidental». Mais do que isto, no caso de Espanha, trata-se, concretamente, do desejo de fortalecer as tendências pró-atlantistas na política externa de Madrid.

Se as conversações entre Madrid e a CEE tivessem entrado num impasse, isso teria dificultado a actividade das forças que esperam impedir a retirada da Espanha da NATO. Não foi por acaso que o jornal parisiense «Le Monde», ao apontar o interesse dos EUA na admissão da Espanha no Mercado Comum, salientou que, se tal não acontecesse, Washington poderia adoptar medidas ocrrespondentes de pressão económica e financeira sobre a CEE.

Propugnando os seus interesses políticos de classe, os líderes do Mercado Comum estão dispostos a aceitar alguns gastos. No intuito de diminuir o «choque» da adaptação aos «Dez» da economia portuguesa, frágil no que diz respeito à sua competitivdade, e prevenir o descontentamento social em Portugal, a CEE disoõe-se a pagar, a Lisboa, durante 7 anos, um subsídio no valor de 1,2 mil milhões de unidades monetárias europeias. Estas injecçãoes monetárias podem minar o orçamento da CEE, que, ultimamente, sente já a falta de recursos.

Por outras palavras, o novo alargamento da CEE agravará, bruscamente, os problemas financeiros e agrícolas do Mercado Comum e dificultará o funcionamento de todo o mecanismo de integração. Com a adesão da Espanha e Portugal à CEE, o nó das contradições na Comunidade tornar-se-á, ainda, mais apertado. Segundo o ministro dos Negócios Estrangeiros da Bélgica, Léo Tindemans, será muito mais difícil dirigir a comunidade com 12 países do que com dez. O ministro afirmou: «São necessárias reformas urgentes».

Guardado à vista durante 48 horas

O texto do tratado de adesão de Espanha e de Portugal à CEE será fortemente protegido desde a saída de Bruxelas até ao seu regresso, depois de ser assinado pelos representantes dos 12 países membros.

Com o objectivo de evitar atrasos, acidentes ou extravios, como aconteceu na assinatura do tratado de adesão da Grécia, um alto funcionário do Conselho de Ministros da Comunidade encarregar-se-ia exclusivamente, durante 48 horas, da guarda do histórico documento com a protecção de agentes de segurança portugueses e espanhóis.

Em mensagens aos governos espanhol e português, autoridades comunitárias solicitaram a protecção e guarda do alto funcionário, portador do texto do tratado, desde a sua chegada até à sua saída dos respectivos países.

Durante a noite, o documento será guardado na caixa forte da Presidência do Governo, segundo fontes comunitárias que acrescentaram que o mencionado funcionário permanecerá, durante as cerimónias em Lisboa e Madrid, junto da mesa onde o tratado será assinado.

COTAÇÕES — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	69$15	75$15
ALEMANHA FED (marco)	56$25	57$35
ÁUSTRIA (xelim)	7$95	8$15
BÉLGICA (franco)	2$627	2$827
BRASIL (cruzeiro)	$010	$020
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	125$75	127$75
(notas de 5 a 1000)	126$25	128$25
DINAMARCA (coroa)	15$65	16$05
ESPANHA (peseta)	$938	1$058
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	173$60	175$60
(notas de 5 a 1000)	174$10	176$10
FINLÂNDIA (marka)	27$00	27$60
FRANÇA (franco)	18$40	19$10
HOLANDA (florim)	49$85	50$85
IRLANDA (libra)	176$90	180$90
ITÁLIA (lira)	$080	$090
JAPÃO (iene)	$666	$701
NORUEGA (coroa)	19$50	20$00
REINO UNIDO (libra)	220$25	224$25
SUÉCIA (coroa)	19$40	20$00
SUÍÇA (franco)	66$90	68$00
VENEZUELA (bolívar)	12$25	13$25

Observações:

1 — **No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo**

2 — **Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.**

Greve dos aduaneiros tem elevada adesão

A greve dos aduaneiros e despachantes em empresas, iniciada às 9 horas de hoje, segundo um porta-voz do sindicato, registava, a meio da manhã, uma adesão global da ordem dos 95 por cento. Estes trabalhadores, que voltam a parar no próximo dia 14, lutam pela revisão das cláusulas de expressão pecuniária do acordo laboral.

O informador sindical declarou que a greve, conjugada com os feriados e fins-de-semana, «faz prever graves atrasos na movimentação de mercadorias», nomeadamente em Alverca onde poderá provocar demoras de alguns dias.

O mesmo dirigente sindical salientou que a greve foi apoiada em assembleias descentralizadas realizadas nos principais locais de trabalho e visa exigir a negociação directa da revisão do contrato colectivo de trabalho. Afirmou que «o patronato do sector tem insistido na imposição de um acordo firmado com outro sindicato de ínfima representatividade».

A greve abrange cerca de 3500 trabalhadores aduaneiros — afirmou.

Madeira na OIT

O secretário regional madeirense dos Assuntos Sociais, Bazenga Marques, integra a delegação portuguesa que participará, em Genebra, na Septuagésima Primeira Sessão da Conferência Anual da Organização Internacional do Trabalho (OIT), anunciaram fontes oficiais.

As mesmas fontes acrescentaram que, durante aquela sessão, serão debatidas questões relacionadas com a aplicação das normas da OIT, o tripartismo e as relações profissionais, a medicina no trabalho, as estatísticas do trabalho, a segurança na utilização do amianto e a igualdade de oportunidades e de tratamento entre homens e mulheres em matéria de emprego.

Na qualidade de conselheiro técnico da delegação portuguesa, também se desloca à Suíça o director regional madeirense do Trabalho, Rui Gonçalves, que participará nos trabalhos de diversas comissões especializadas no âmbito das actividades da Organização Internacional do Trabalho.

Segundo uma nota da Secretaria madeirense dos Assuntos Sociais, que tutela o sector laboral, «a participação de representantes da região na OIT e nas suas actividades integrando de pleno direito a delegação portuguesa, constitui um facto de reconhecimento, dignificação e de projecção da região, permitindo salvaguardar os interesses e as especificidades regionais na área laboral».

Infracções laborais no sector dos transportes

Desde Agosto do ano passado a Inspecção Geral de Trabalho fiscalizou 17.618 viaturas de transporte rodoviário de passageiros e mercadorias, detectando infracções laborais em mais de um terço dos casos.

Um documento da Inspecção-Geral de Trabalho, revela que só nos dias 29 de Abril e 10 de Maio passado foram fiscalizadas a nível nacional 6312 viaturas, das quais 583 de transporte de passageiros (9,2 por cento) e 5729 de mercadorias (90,8 por cento).

Foram detectadas 1945 situações de incumprimento de normas da legislação de trabalho, sendo mais de 99 por cento das infracções (1934) por falta de cumprimento de disposições do horário de trabalho e as 11 restantes por falta de registo do livrete.

Aquelas infracções deram origem ao levantamento de 1985 autos de notícia e à aplicação de multas no montante global de 22 270 contos.

Congresso das Pescas

Aprovadas medidas para combater a crise no sector

O Congresso da Federação dos Sindicatos do Sector da Pesca, que decorreu este fim-de-semana em Lisboa, aprovou um programa de acção em que a organização sindical se dispõe a lutar pela substituição dos vários instrumentos de regulamentação de trabalho por convenções colectivas, pela formação profissional com a criação de cursos específicos e pela segurança no trabalho.

As medidas necessárias para o apoio ao subsector da pesca de cerco, aprovadas por proposta da direcção da federação ao congresso, passam pelo estabelecimento de um preço mínimo compensador por cabaz de sardinha e a garantia do seu escoamento, apoio financeiro às cooperativas e entidades interessadas no desenvolvimento do sector e no apoio à produção através da redução dos preços dos combustíveis e de outros meios de produção.

O aumento da produção na pesca do arrasto costeiro seria possível se fossem tomadas medidas de racionalização dos sistemas de comercialização e distribuição do pescado, se fosse feito o estudo da marcação de reservas em conjunto com os pescadores e implementada legislação adequada sobre a malhagem das redes.

A modernização da frota com recurso à indústria nacional de construção e reparação naval e o saneamento financeiro das empresas são as medidas apontadas para o sector da pesca do arrasto em alto mar.

No que se refere à pesca do bacalhau o documento preconiza a defesa dos direitos do país de pescar em áreas tradicionais, a procura de novos pesqueiros e a reconversão para outras actividades das unidades retiradas das zonas habituais de pesca do bacalhau.

A necessidade de medidas de apoio à pesca artesanal, através de legislação regulamentadora das embarcações e de planos de formação profissional, técnica e de gestão são também salientadas no documento.

A definição jurídica e estatutária dos serviços das lotas a nível nacional e a criação de uma empresa pública que envolva os diversos serviços de lotas e vendagens e que instale uma rede nacional de frio, para absorção dos excedentes, são as medidas mais urgentes apontadas no documento para este sector das pescas.

No congresso foram ainda debatidas e votadas as propostas de estatutos e do regulamento eleitoral.

Frota envelhecida

Frederico Pereira, da direcção da Federação dos Sindicatos do Sector da Pesca, ao usar da palavra durante o congresso, afirmou que cerca de 50 por cento dos 11.000 navios da frota portuguesa têm mais de 20 anos e 83 por cento mais de dez anos.

Referindo-se à crise do sector das pescas, aquele dirigente sindical disse que em 1981 a produção desembarcada foi da ordem das 300 mil toneladas e que hoje ela não ultrapassa as 250 mil.

Acrescentou que com a liberalização das importações se promoveu o contrabando do pescado, o aumento da corrupção e o domínio dos intermediários.

Na intervenção de Frederico Pereira foram salientadas as vitórias conseguidas pelas lutas dos pescadores, nomeadamente a reforma aos 55 anos, a isenção para os pescadores do imposto extraordinário do décimo terceiro mês, a obtenção de cédulas marítimas para todos os possuidores de licenças de trabalho e a equiparação dos trabalhadores portugueses das sociedades mistas aos restantes trabalhadores com a manutenção das regalias da segurança social, entre outras.

TEATRO DO BAIRRO ALTO
R. Tenente Raul Cascais 1 A
1200 Lisboa
Tel. 661515 • 669205
teatro do bairro alto
teatro da cornucópia
RICARDO III
de
SHAKESPEARE
3.ª feira a sábado às 21 h.
Domingo às 16 h.

O ALGARVE AO ALCANCE DOS PORTUGUESES
APARTAMENTOS COMPLETAMENTE EQUIPADOS
PREÇOS EXCEPCIONAIS
Seisul
NAU ALGARVE
PISCINA
TÉNIS
MINI GOLF
RUA S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, 100-4.º – 1000 LISBOA
TELS. 52 29 53 - 52 31 19 – TLX 62062

QUARTO ALUGA-SE
Com WC privativo, a menina ou senhora, estudante ou empregada, na margem Sul.
Exige-se rigorosas referências.
Resposta a este jornal ao n.º 11 503.

Tempo de antena do PCP
TERÇA-FEIRA
Na RDP/Antena I às 13.30 h
Na RTP I às 20.30 h
a seguir ao Telejornal

Uma mulher-soldado israelita junta-se a colegas masculinos num blindado de transporte de pessoal, chegado a Metulla (Israel) depois da retirada israelita do Sul do Líbano

Telefoto UPI/NP/DL

Ficaram alguns "conselheiros militares"

Israel completa retirada do Sul do Líbano

O exército israelita completou ontem a retirada do Líbano mas deixou conselheiros militares na sua autodeclarada zona de segurança — disseram destacados responsáveis militares na fronteira.

Acrescentaram que a última unidade regular do exército israelita tinha deixado já o Líbano.

A retirada israelita executada em três fases, iniciada em Fevereiro, deveria ter terminado na semana passada, mais concretamente em 6 de Junho, data do terceiro aniversário da invasão israelita em 1982.

Não foram dadas explicações oficiais sobre o atraso.

Entretanto, as negociações para a libertação de 21 soldados finlandeses pertencentes a UNIFIL encontram-se hoje em impasse.

Os soldados foram detidos há quatro dias.

Por outro lado, o professor norte-americano da Universidade Americana em Beirute, Thomas Sutherland, foi raptado quando regressava ao aeroporto com destino à capital.

Um comunicado distribuído pela Universidade afirmava que o professor foi raptado por um grupo de homens armados, no domingo, e que estavam já a ser feitos esforços com vista à sua libertação.

Entretanto, os combates diminuíram de intensidade junto dos dois campos de refugiados palestinos em Beirute mas aumentaram na cidade portuária de Tripoli, onde cinco pessoas foram mortas e 30 ficaram feridas, durante confrontos entre milícias pró-sírias e fundamentalmente muçulmanos, disseram fontes da polícia.

Acrescentaram que um acordo de cessar fogo, anunciado esta noite após conversações entre destacados oficiais do exército sírio e representantes das facções rivais não foi cumprido pelas facções beligerantes.

Plano israelita

O primeiro-ministro israelita, Shimon Peres, propôs, ontem, «conversações directas, entre iguais e sem condições prévias» ao rei Hussein da Jordânia e «aos representantes palestinos autênticos» da Cisjordânia e Gaza.

Shimon Peres, que dirigia uma mensagem política ao Parlamento israelita, ao referir-se «aos palestinos autênticos da Cisjordânia e Gaza» negou, implicitamente, a participação da Organização de Libertação da Palestina (OLP) nas conversações.

O chamado «Plano de Paz Israelita», apresentado por Shimon Peres, prevê a «mobilização» dos Estados membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas para apoio às negociações entre israelitas, jordanos e palestinos, mas «sem que qualquer deles tome parte a favor de um ou outro dos negociadores».

Peres propôs que, no prazo de 90 dias, seja constituída uma comissão integrada por israelitas, jordanos e palestinos da Cisjordânia e Gaza, para decidir a agenda de temas a negociar, entre eles a devolução aos países árabes de grande parte dos territórios ocupados por Israel na guerra dos seis dias, em Junho de 1967.

O plano prevê, também, a participação dos Estados Unidos nas negociações.

Soldados finlandeses

Os dez países que integram a Força Interina das Nações Unidas no Líbano (FINDUL) solicitaram, ontem, a colaboração de todos os países implicados para libertar os soldados finlandeses sequestrados pelo Exército do Sul do Líbano.

Numa carta enviada ao secretário-geral da ONU para o Conselho de Segurança os integrantes da FINDUL (Finlândia, Fiji, França, Ghana, Irlanda, Itália, Nepal, Holanda, Noruega e Suécia), expressaram a sua profunda preocupação pelos sequestrados no Líbano.

A FINDUL foi criada em 1978 com o objectivo de servir como força pacificadora às ordens do Governo do Líbano, mas os seus soldados têm sofrido, desde então, vários sequestros e atentados..

Os três soldados finlandeses da FINUL, raptados pelo Exército do Sul Libanês (SLA) fotografados ontem na aldeia sul-libanesa de Adaisseh. O SLA diz que só liberta os finlandeses, depois de o movimento Amal libertar 11 desertores do SLA

Telfoto UPI/NP/DL

Religiosas portuguesas raptadas pela RENAMO

Elementos da RENAMO raptaram na última semana quatro religiosas portuguesas e uma moçambicana de um centro de formação na província de Tete — soube a ANOP de fonte eclesiástica.

Celeste Rodrigues, Angelina Almeida Ferreira e Inês Sobral e ainda as noviças Vina Maria Ferreira e Zaida Maria Alberto, esta moçambicana, foram raptadas no princípio da semana passada do centro de formação religiosa da ordem de São José de Cluny na localidade de Lifidzi, no norte da província de Tete.

Outras três religiosas inicialmente também raptadas (uma portuguesa e duas moçambicanas conseguiram fugir ao grupo armado que na mesma altura saqueou a casa onde se encontravam.

O arcebispado de Maputo confirmou a ocorrência, acrescentando que «neste momento se desconhecem outros pormenores por as comunicações com Tete serem muito difíceis.»

A ANOP averiguou ainda que o bispo de Tete se deslocou no fim da última semana a Maputo para «tratar do assunto» e que a Embaixada portuguesa está igualmente ao corrente da situação.

Todas as religiosas estavam em Moçambique «há muitos anos, antes mesmo da independência em 1975».

O centro onde ocorreu o rapto é um dos mais antigos de Tete, tendo em tempos pertencido à congregação dos jesuítas.

Avião jordano desviado para a Tunísia

Um avião jordano desviado hoje de Beirute para o aeroporto de Larnaca, em Chipre, partiu para a Tunísia, revelaram fontes oficiais.

O aparelho, com cerca de 70 passageiros e tripulantes a bordo, reabasteceu-se em Larnaca. Os quatro piratas do ar não fizeram outras exigências.

Há rumores de que os piratas do ar são palestinos, que quiseram ir para a Tunísia, para fugir aos combates em Beirute contra a milícia chiita Amal.

Foi o quarto desvio aéreo no aeroporto de Beirute num espaço de quatro meses.

No dia 7 de Fevereiro, mais de 15 homens armados apoderaram-se de um Boeing 707 das Linhas Aéreas Cipriotas exigindo a libertação de dois libaneses presos em Chipre por terem participado num desvio aéreo em Junho de 1983.

Violência na Índia — *17 mortos*

Soldados patrulham três localidades no Estado indiano de Gujarat após, pelo menos 17 pessoas terem sido mortas em novos actos de violência devido a uma política governamental que beneficia os mais desfavorecidos.

O recolher obrigatório aplicado às zonas conturbadas foi alargado aos subúrbios de Ahmedabad, quando o total de mortos em três meses de violência aumentou para 170.

Duas bombas de fabrico caseiro abalaram Ahmedabad, a maéior cidade do Estado e foco de agitação, e pelo menos oito pessoas morreram queimadas no centro da cidade onde agitadores incendiaram várias casas, disse a Polícia.

As primeiras notícias indicavam que 14 pessoas tinham morrido nos incêndios, mas a Polícia declarou que até agora tinham sido recuperados apenas oito corpos, incluindo os de três mulheres e de duas crianças.

Outras oito pessoas foram mortas, durante o fim-de-semana, quando forças da segurança abriram fogo sobre a multidão que lutava entre si com pedras e facas, em Ahmedabad, e nas localidades de Baroda e de Surat.

Por grande maioria

Cipriotas turcos elegeram Denktash

Rauf Denktash obteve uma retumbante vitória, sendo reeleito pela terceira vez como presidente da autoproclamada «República cipriota-turca do Norte de Chipre», segundo os resultados finais, já divulgados. Só a Turquia reconhece aquela «República».

O dirigente separatista, de 61 anos de idade, obteve um novo mandato do eleitorado antes de iniciar novas negociações com os cipriotas-gregos para a reunificação desta estratégica ilha do Mediterrâneo.

Denktash obteve 55.323 votos, ou seja 70,5 por cento dos boletins escrutinados.

O seu mais sério rival, o político de esquerda Ozkeer Ozgur, recebeu 18 por cento dos votos na eleição que teve uma afluência da ordem dos 83 por cento dos inscritos.

A eleição foi denunciada pela Grécia e pelos cipriotas-gregos como tentativa de cimentar a independência do autoproclamado Estado. Acrescentam que a eleição vai dificultar os esforços do secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar para mediar uma solução para a disputa cipriota.

A Itália emitiu uma declaração em nome da Comunidade Europeia, afirmando que os 10 nunca reconheceram o autoproclamado Estado e que por isso também não reconhecerão o chamado «desenvolvimento constitucional» no norte do Chipre.

A pedido de Angola

Conselho de Segurança da ONU debate futuro da Namíbia

A pedido da República Popular de Angola, está reunido o Conselho de Segurança da ONU, numa tentativa de aplicação imediata e incondicional do plano da ONU para a retirada sul-africana da Namíbia.

O ministro indiano de Estado, Khurshed Alam Khan, falando em nome dos 101 membros do Movimento Não-Alinhado, iniciou o debate apelando para sanções obrigatórias contra a África do Sul se este país continuar a obstruir o plano de independência da Namíbia.

«Por que será que a África do Sul é autorizada a desafiar o apelo da comunidade internacional?» — interrogou o ministro indiano.

Os países Não-Alinhados teriam feito circular pelo Conselho um projecto preliminar de uma resolução que incumbe o secretário-geral da ONU de promover conversações entre a África do Sul e a Organização dos Povos do Sudoeste Africano (SWAPO) para acelerar a aplicação do plano e independência da Namíbia.

O secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar, exortou a África do Sul a seguir o plano de independência «para que o povo da Namíbia possa exercer o seu inalienável direito à autodeterminação e independência sem mais atraso».

O principal obstáculo à aplicação do plano tem sido até agora a exigência da África do Sul, apoiada pelos Estados Unidos, de que a independência da Namíbia deve ser acompanhada da retirada das tropas cubanas de Angola.

Por seu turno, a África do Sul declarou ao Conselho de Segurança que não tolerará actividades do ANC e da SWAPO contra os povos sul-africano e namíbio. O representante de Pretória declarou que os sul-africanos não permitirão ser atacados com impunidade, pelo que tomarão «as necessárias medidas de autodefesa».

Quanto ao incidente de 21 de Maio na região angolana de Malongo, na província de Cabinda, Von Schirnnding afirmou que as forças sul-africanas de segurança consideraram necessário reunir dados sobre as actividades do ANC e da SWAPO em Angola.

O embaixador disse que o seu país tinha provas de que o Norte de Angola estava a servir para «treino de terroristas do ANC, que eram depois enviados por outros países para a África do Sul» e acrescentou ser claro que a SWAPO estava a lançar ataques ao Sudoeste Africano (Namíbia) a partir de território angolano.

Enquanto isto, o secretário-geral das Nações Unidas, Perez de Cuellar, lançou um novo apelo à África do Sul para que dê novo fôlego a um plano de independência da Namíbia traçado pela ONU há já sete anos.

O apelo está contido num relatório entregue ao Conselho de Segurança antes de ter começado o debate sobre a Namíbia e sobre o caso de Cabinda, onde as Forças Armadas angolanas capturaram um capitão sul-africano e abateram dois dos militares que com ele se encontravam, numa tentativa de sabotagem de depósitos de petróleo.

Coligação italiana ganha batalha do referendo

Os eleitores italianos votaram ontem, no referendo, a favor da política de preços posta em vigor pelo chefe do governo, Bettino Craxi.

O Partido Comunista obteve 45,7 por cento dos saufrágios para a sua proposta a favor do pagamento total das compensações devido ao encarecimento do nível de vida. A favor do governo votaram 54,3 por cento dos votantes italianos.

O Partido Comunista italiano propusera a revogação do decreto de 14 de Janeiro de 1984, que baixou em quatro pontos a denominada «escala móvel», um mecanismo automático no qual de forma linear e trimestral os salários são reajustados em função do aumento do custo de vida, calculado a partir de uma tabela de 80 produtos e serviços fixos.

Bettino Craxi, que anunciara a sua disposição de demitir-se caso os italianos se manifestassem a favor da revogação, comentou que «se trata de um resultado claro e que tudo decorreu como esperava e inclusivamente como previa».

Este foi o nono referendo realizado em Itália e destinou-se como todos os anteriores, a sondar a opinião pública sobre a revogação de uma lei aprovada no Parlamento.

O secretário-geral do PCI, Alessandro Natta, afirmou, por sua vez, que uma «vasta parte da opinião democrática votou contra as reduções salariais» e acusou o governo de tentar por todos os meios «exercer coacção sobre a livre decisão dos cidadãos».

Fontes políticas salientaram que a táctica de Craxi de arriscar tudo, ligando o destino do governo ao resultado do referendo compensou tal como aconteceu nas eleições locais.

Pouco depois do encerramento das secções de voto, a Confindustria, a principal federação patronal italiana, anunciou que vai desligar-se do sistema Scala Mobile quando expirar em Janeiro próximo, e sublinhou que um novo sistema terá de ser negociado.

Reagan vai cumprir o tratado SALT II

O presidente norte-americano, Ronald Reagan, anunciou que os Estados Unidos continuarão a cumprir o tratado de limitação de armas estratégicas Salt II, mas advertiu que não permitirão violações por parte da União Soviética.

A decisão de Ronald Reagan, divulgada pelo assessor presidencial para a Segurança Nacional, Robert McFarlane, foi já comunicada aos países aliados dos Estados Unidos e também à União Soviética.

Reagan, que remeteu uma carta ao Congresso em que anunciara a sua decisão, indicou que, como primeiro passo relativo ao cumprimento do acordo Salt II, ordenou o desmantelamento do submarino nuclear Poseidon, que tem 16 mísses.

O tratado de limitação de armas estratégicas Salt II, assinado em 1979 pelo presidente norte-americano Jimmy Carter e pelo líder soviético, Leonid Brejnev, estabelece os limites para ambos os países do número de mísseis e outro tipo de armamento estratégico.

Cooperação nuclear China-RFA

A República Popular da China assinou com indústrias da República Federal da Alemanha um memorando sobre cooperação dos dois países na área da tecnologia nuclear, anunciou uma empresa alemã da especialidade.

Responsáveis da empresa alemã Kraftwerkunion acrescentaram que o memorando não equivale a um acordo nem representa uma carta de intenções, mas apenas uma oferta por parte dos industriais da RFA que deverá agora competir com outras, éventualmente de outros países.

Os próprios responsáveis chineses terão deixado claro que não estão interessados em compromissos definitivos, mas antes em estudar as propostas que lhes forem apresentadas — entre elas existe uma da indústria francesa — antes de tomar qualquer posição definitiva.

Mesmo assim o memorando foi assinado juntamente com outros acordos económicos bilaterais, pelo chanceler da RFA, Helmut Kohl, e pelo primeiro-ministro chinês, Zhao Ziyang, durante a visita que o dirigente chinês está a efectuar à República Federal da Alemanha.

Numa primeira fase, o memorando asinado pelo governo chinês e pelos industriais alemães prevê a projecção e montagem de duas centrais nucleares com mil megawats de potência cada uma.

Após a visita à RFA do primeiro-ministro chinês, representantes de 14 empresas da RFA visitarão a China para tentar chegar a acordo com as autoridades chinesas sobre o tipo de contrapartidas a dar para a construção das duas centrais nucleares sendo, uma delas, a criação de uma empresa mista na área da engenharia, uma vez que Pequim pretende desenvolver programas próprios de construção de centrais nucleares depois de instaladas as duas primeiras com auxílio do exterior.

O governo da RFA estudou já as possibilidades de financiamento à construção, por empresas daquele país, de duas centrais nucleares na China, mas confinou-os às linhas de crédito com maiores períodos de utilização dos financiamentos e à concessão do fundo de garantias habitual para a exportação.

Cairo rebenta pelas costuras

Transeuntes saltam sobre uma poça de óleo na Praça de Tahrir em pleno centro do Cairo, tentando apanhar um autocarro já cheio e quase a pôr-se em andamento. A imagem é simbólica do estado de degradação a que chegou a capital egípcia, dado o seu crescimento anómalo — ao ritmo de mil habitantes por dia **(Telefoto UPI/NP/DL)**

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
CONSELHO ADMINISTRATIVO

CONCÚRSO PÚBLICO N.º 2/85

EDIÇÃO DO 54.º VOLUME DO BOLETIM DO ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR (350 EXEMPLARES)

Faz-se público que se encontra aberto o concurso acima designado.

As propostas dos concorrentes deverão ser entregues no Conselho Administrativo do Estado-Maior do Exército, à Rua dos Remédios n.º 202-2.º, em Lisboa, até às 18H00 do dia 24 de Junho de de 1985, realizando-se o acto público de abertura das propostas no dia seguinte, pelas 10H00, nas instalações deste Conselho.

O respectivo caderno de encargos para consulta ou aquisição encontra-se à disposição dos interessados no mesmo Conselho, todos os dias úteis, durante as horas de expediente.

A caução nunca será inferior a 2,5% do valor total da proposta de fornecimento.

Lisboa, 5 de Junho de 1985

O PRESIDENTE DO CA/EME
FELISBERTO H.S. ESTEVES
COR. AM

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS E DO PLANO

COMANDO GERAL DA GUARDA FISCAL

CONSELHO ADMINISTRATIVO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA O FORNECIMENTO DE «VIATURAS FURGONS» — PROCESSO N.º 299/85 —

1. — Faz-se público que está aberto concurso público para o fornecimento à Guarda Fiscal de «VIATURAS FURGONS».

2. — Serão recebidas propostas até às 17H30 do dia 11 de Julho de 1985, procedendo-se à abertura às 10H00 do dia imediato, 12 de Julho de 1985.

3. — O Caderno de Encargos está patente no Conselho Administrativo do Comando-Geral da Guarda Fiscal à Rua da Cruz de Santa Apolónia, 2-1100 LISBOA, durante as horas normais de expediente, podendo ser fornecido ao preço de 30$00 cada exemplar.

4. — A caução provisória a prestar será de 240 000$00.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 16.º JUÍZO

ANÚNCIO

O DOUTOR JOAQUIM MARIA FERREIRA PASCOAL, Juiz de Direito da 2.ª Secção do 16.º Juízo Cível de Lisboa:

Faz saber que por este Juízo e Secção correm éditos de 30 dias que começarão a contar-se da 2.ª e última publicação do anúncio citando a executada MARIA TERESA DE JESUS DIAS, divorciada, comerciante, com última residência conhecida na Rua "D" à Calçada de Carriche, Lote 1646, 7.º Dt.º Ret. 1700 — Lisboa, para no prazo de cinco dias, finda a dilação mínima; deduzir oposição, pagar à exequente Maria Otília dos Reis Correia da Cruz Mendes (a quantia de 166 620$00 e legais acréscimos) ou nomear bens à penhora, sob pena de se considerar devolvido à exequente esse direito.

EXEQUENTE: Maria Otília dos Reis Correia da Cruz Mendes, residente na Rua Silva Carvalho, 65, 3.º 1200 — LISBOA.

EXECUTADA: Maria Teresa de Jesus Dias, residente na Rua "D" à Calçada de Carriche, Lote 1646, 7.º Dt.º Ret. 1700 — LISBOA.

EXECUÇÃO SUMÁRIA N.º 6711.

Lisboa, 29 de Maio de 1985

O Juiz de Direito,
Joaquim Maria Ferreira Pascoal

A Escriturária
Fernanda Maria de Magalhães Lousada

"D.L." 11/6/85 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOURES

ANÚNCIO

O DOUTOR CARLOS MARCOS RODRIGUES, Juiz de Direito do 3.º Juízo, 1.ª Secção do Tribunal Judicial de LOURES:

FAZ SABER que no dia 16 de Julho de 1985, pelas 10 horas, neste Tribunal e, nos autos de carta precatória vindos da 2.ª Secção do 1.º Juízo do Tribunal Judicial de Ovar, extraída dos Autos de Execução de Sentença n.º 52/A/82 em que é Exequente Manuel Marques de Sá e Executada a Central da Estefânia, Ld.ª, com sede na Quinta Arpaula em Fetais-Camarate, hão-de ser postos em praça, pela 1.ª vez, para serem arrematados pelo maior lanço oferecido, acima do valor da avaliação, os seguintes bens penhorados à Executada acima referida.

Dez secretárias próprias para escritório, sendo cinco em madeira e cinco em metal, todas em bom estado de conservação, as quais estão avaliadas em 60 000$00.

É fiel depositária dos bens a vender a SR.ª LÚCIA FONTES ALVES DUARTE, residente na Quinta Arpaula em Fetais-Camarate.

Loures, 31 de Maio de 1985

O Juiz de Direito,
Carlos Marcos Rodrigues

O Escrivão Adjunto
Amilcar dos Santos Cruzeiro

"D.L." 11/6/85 — 1.ª Pub.

"Taça" para o Benfica: 3-1

Quando um rei não quer ser súbdito

Neves de Sousa

Fundamentalmente: um grande espectáculo de futebol firmado por um super-Benfica que desejou, na hora de mandar pela porta fora o taciturno e mal-educado Pal Csernai, mostrar (a gregos e troianos) que desejava entrar no comboio da Europa (Taça das Taças) por mérito inteiro e nunca pegando uma boleia portista.

Por outro lado, tratou-se (como toda a gente viu) do êxito de excepcionais jogadores que, durante toda a época, mal puderam actuar como desejariam, tantas as diatribes que, em prejuízo do erário que lhe era confiado, o sujeitinho que está a contas com a nossa Polícia Judiciária (e esperamos que a coisa não morra nalgum gabinete antes do Sindicato de Jornalistas ficar com a honra integralmente limpa...) trocou e malbaratou. De tal modo que, a esta hora, apenas os subservientes (que existem, rasteiramente, em todos os locais de trabalho) podem admitir ir até à Portela dizer adeus ao homem. Talvez (e apenas) algum sambista perdido por estas áreas! Quem sabe?

Mas, o que interesa basicamente é firmar um ponto de vista: a beleza, o espectáculo, a clareza e o brilho com que toda a formação benfiquista esteve perante um FC Porto que, logo desbaratado a partir do instante em que ficou estraçalhado na linha média e sem um Gomes activo na flecha atacante, se rendeu ao potencial comandado soberanamente por Carlos Manuel e Shéu, Nunes e Diamantino, Manniche e Pietra, José Luís e todos os demais parceiros que reduziram a cisco Lima Pereira e, depois de terem assegurado um corredor até Zé Beto, ca-

Continua na pág. 16

Alguns dos que mais criticam Csernai não tiveram qualquer escrúpulo em posar a seu lado para a posteridade...

O Desporto

Agora em Espanha

Pág. 16

Manuel Neves: boavisteiro faz louco contra-relógio e vence o Porto-Lisboa

Manuel Neves (Boavista) venceu isolado a 55.ª clássica Porto-Lisboa em ciclismo, com mais de 19 minutos de vantagem sobre o pelotão. Manuel Neves (22 anos, casado, ex-Rodovil e Ovarense) e José Martins (Guimarães) saíram do pelotão com dez quilómetros de corrida, perto dos Carvalhos, mas o ciclista vimaranense quebrou antes de Coimbra e acabou por desistir em Leiria.

O homem do Boavista, que fez um contra-relógio individual de cerca de 350 quilómetros, gastou 9 horas, 6 minutos e 40 segundos no trajecto entre a capital do Norte e Lisboa, à média de 36,658 quilómetros por hora.

Muito depois de Manuel Neves, o pelotão atingiu a Alameda das Linhas de Torres por esta ordem: 2.º, Paulo Ferreira (Sporting), 9.26,18; 3.º, Vítor Rodrigues (Bombarralense); 4.º, Manuel Cunha (Lousa); 5.º, Carlos Marta (Lousa); 6.º, António Fernandes (Bombarralense); 7.º, Joaquim Fonseca (Guimarães); 8.º, Carlos Santos (Sporting); 9.º, José Poeira (Lousa); 10.º, Marco Chagas (Sporting) todos com o mesmo tempo.

Para além de uma torrente de desistências, assinale-se a queda de Eduardo Correia, em Odivelas: como não levava capacete, ficou muito maltratado e teve de receber tratamento hospitalar.

Acácio foi 33.º no giro

Chegado ao final da Volta à Itália, o português Acácio Silva, que venceu duas etapas e foi segundo noutra, averbou as posições seguintes: Classificação geral (33.º); Classificação por pontos (9.º); Montanha (4.º) e Combinado (2.º).

Tabela geral final: 1.º Bernard Hinault, 105.46,51; 2.º Francesco Moser, a 1,08; 3.º Greg Lemond, a 2,55; 4.º Tommi Prim, a 4,53; 5.º Marino Lejarreta, a 6,50; 6.º Giambatista Baronchelli, a 6.32; 7.º Silvano Contini, a 7,22; 8.º Michael Wilson, a 7,38; 9.º Franco Chioccioli, a 8.33; 10.º Alberto Volpi, a 10,31; 33.º Acácio Silva, a 40,54.

Luxemburgo

Francisco da Silva classificou-se em 4.º lugar na Volta ao Luxemburgo, em bicicleta. Francisco da Silva (irmão de Acácio) ficou a sete minutos e 13 segundos do vencedor da «Volta», o holandês Jelle Nijdam.

Volta à Colômbia

António Alves é o português mais bem classificado na Volta à Colômbia, depois da 3.ª etapa: encontra-se no 37.º lugar da classificação geral, a três minutos e 11 segundos, do guia, o colombiano Manuel Ignazio Gutierrez. A classificação geral individual está assim ordenada: 1.º Manuel Ignazio Gutierrez (Colômbia), 7.23,52 horas; 37.º António Alves (Portugal) a 3.11 minutos; 100.º Paulo Mota (Portugal) a 48.22.

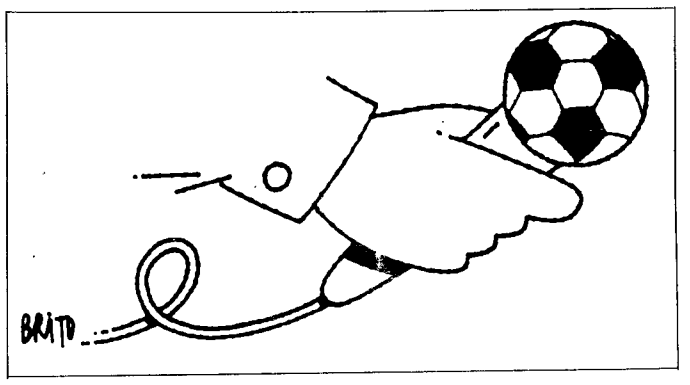
«Os Portugueses e o Mundo»

Manuel Correia (do Alguerra) venceu com 18 horas 24 minutos e 34 segundos, o

Continua na pág. 18

No encontro em que a RTP pôs o Quinito a jogar

Diversos leitores têm entrado em contacto com o nosso jornal para esclarecer uma dúvida, nascida durante a reportagem que, ontem e bastante tempo depois do término do jogo, a RTP atirou para o ar, intitulando de Quinito o jogador portista Mito, que entrara a substituir Lima Pereira, ainda na 1.ª parte do embate no Jamor: tal como todas as emissoras radiofónicas e as agências noticiosas tinham em devido tempo informado, quem esteve em campo foi Mito (a partir da próxima época cedido pelo clube das Antas à Académica de Coimbra) e não o seu companheiro Quinito, que nem sequer esteve sentado no banco dos suplentes portistas. Aliás, pela própria configuração física, qualquer semi-entendimento em futebol facilmente destrinçava Mito de Quinito...



Para cada qual a sua verdade

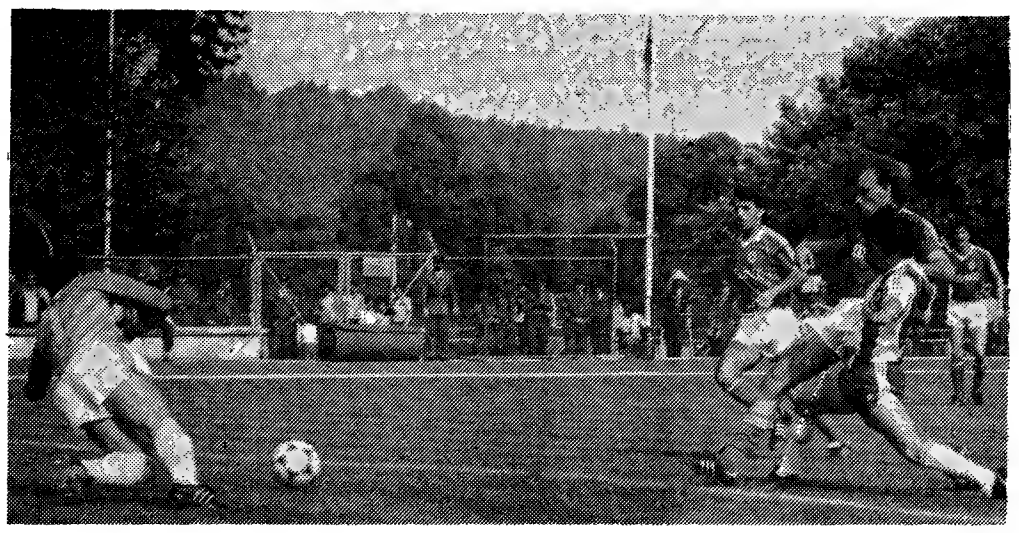
Dedico esta vitória ao presidente e aos sócios do Benfica afirmou o «capitão» do Benfica (Bento) após a vitória sobre o FC Porto. **Felizmente, acabou para nós o pesadelo** acrescentou o guardião benfiquista, referindo-se à saída do técnico Pal Csernai. **Vamos esquecer esta temporada, mas esta vitória na Taça soube muito bem** disse Bento para quem o **Benfica foi de longe superior. Ganhámos por 3-1, como poderíamos ter vencido por uma margem mais dilatada. Pressionámos em toda a linha: e isso foi a chave do nosso êxito** comentou Bento.

Artur Jorge (técnico do FC Porto) disse que não pretendia de algum modo encontrar desculpas para esta derrota: **o Benfica ganhou bem, foi a melhor equipa em campo nos 90 minutos e mereceu a Taça.** Para Gomes («capitão» do FC Porto) a Taça ficou bem entregue ao Benfica, mas **esta derrota em nada belisca a superioridade do FC Porto ao longo do ano.**

Interrogado sobre se continuava no Benfica, o centro-campista Carlos Manuel respondeu, jocosamente:

— Não sei. O Benfica tem de fazer mais obras no estádio...

Carlos Manuel: apenas e só o melhor jogador no terreno



Nunes abre a contagem benfiquista

Benfica galopante rende um campeão

Continuação da pág. 15

pricharam em desbaratar totalmente as guerrilhas contrárias espalhadas, a esmo, pela relva fora. Fernando Gomes, que alinhou com enorme sacrifício (lesão nas face posterior da coxa esquerda) teve de rapidamente ceder o lugar e, como mais ninguém (para além de Frasco, Eurico e Inácio) dava dois chutos certos sem falhar meia dúzia, aí temos como o Benfica rapidamente bloqueou toda a resistência dos «dragões» e, num ápice estava com três golos de vantagem no «placard», frutos (absolutos) de imperdoáveis erros da desconjuntada estrutura contrária, a pagar no pêlo o sacrifício de um belíssimo campeonato e de uma incontestável conquista da bonita Supertaça.

Com asas nos pés, perante rapaziada que ficou tolhida de susto face a uma avalancha daquele jaez, o Benfica deleitou-se brindando o anfiteatro do Jamor com a melhor exibição de toda a temporada, pois também não podia acontecer que, impunemente, todo o Porto tirasse o chapéu e ficasse prestando vassalagem aos parceiros **encarnados** que vão obrigar o presidente Fernando Martins a reciclar os seus pontos de vista e a rasgar os cordões à bolsa, perante um festival de amizade contraído pelos quatro na corda bamba (Carlos Manuel, Diamantino, José Luís e Manniche) e toda a «torcida» da águia, que bem percebeu como os colegas deste quadrunvirato estão a seu lado na hora de (em conjugação geral) puxarem a brasa à sardinha comum.

Eurico: o Porto deve-lhe (com certa medida) a fuga à goleada

E aqui está a encruzilhada: como esta vitória, lucro precioso para o prestígio benfiquista, pode ter representado um bico de obra para a tesouraria da Luz, já ontem assoberbada com a obrigatoriedade de entregar o premiozito de 200 contos a cada elemento que esteve ao dispor de Csernai e ainda do dobro para este funcionário comprar um dicionário de boas maneiras.

Sabe-se como, na segunda metade da melancia, tudo se tornou bem diferente: a entrada de Semedo foi golpe magnífico a favor dos portistas e a inteligência de Futre, logo aflorando a partir do instante em que o menino de ouro se sentiu mais acompanhado, evitaram o total descalabro dos campeões. Realmente, ficou muito melhor composto o resultado que resta para a história: pesaria qualquer inusitado volume que carregasse fardo sobre ombros portistas pois, como já se disse, Frasco e Quim, Eurico e Inácio não mereciam acompanhar Zé Beto no monumental **frango** que deu um dos golos de Manniche, nem o veterano Lima Pereira no «show» de lances falhados que obrigou (de cabelos no ar) o técnico Artur Jorge a retirá-lo apressadamente daquele escoadouro onde, pelos vistos, não podia minimamente convencer José Torres a chamá-lo para qualquer selecção nestas próximas rondas do calendário.

Não apresentando qualquer «trinco», o Porto sujeitou-se ao confronto com um Benfica onde, nesse capítulo de cerrar a cortina, Shéu esteve impecável. E lembrar-se a gente que o incrível Csernai não o aproveitou a campeonato inteiro, que desdenhou de Diamantino e Nené, que fez gato-sapato de Nunes e Oliveira, que nem sequer tomou conhecimento de Nivaldo nem que, mesmo à mão de semear, José Luís e Bastos Lopes pediam passagem permanente até à mesma frente de «estrelas» em que Pietra e Bento contiuam de cátedra... Realmente, é preciso ser-se vesgo ou perceber tanto daquilo como de lagares de azeite, para só no último jogo da época apresentar uma imagem possível do futebol que podia ser produzido pela máquina do clube de Domingos Claudino!

O único aspecto em que a porca torceu o rabo foi no espelho disciplinar. Raul Nazaré, teimando em fazer a gente acreditar que não desejava estragar o espectáculo, acabou por quase o atirar pela Rocha Tarpeia, quando permitiu toda a sorte de protesto de uma boa série de artistas mas, muito especialmente, o inacreditável pontapé de Quim em Shéu que, nem por ter acontecido a minuto do epílogo, deixaria (em qualquer latitude mundial) de ser contemplado com o infalível cartão rubro. Raul Nazaré, sujeito bem formado, parecia um samaritano, um esmoler, um missionário embrenhado pela florestas a pregar boa semente: só que, os que estavam na bancada e assistiam a toda a sorte de atentados à ética e disciplina de um jogo, não tinham nada a ver com o signo pacificador da «estrela» do mestre setubalense. Pena, portanto, que (com boa intenção) tenha borrado totalmente a pintura que deveria ser moldura da sua imagem.

Enfim: o que lá vai, lá vai. Ninguém morreu (calçaddo ou sem botas) e até alguns que, pelos micros ou defronte da esquadrilha das esferográficas, dizia cobra e lagartos de Csernai, se apressou a correr para a sombra protectora do «sheriff», porque até esta tarde ainda ninguém sabe para que lado vai virar a moeda da entidade patronal. Feitios ou medos: disso vão vivendo os ditadores deste mundo.

Neves de Sousa

Arbitragem (muito má, no caítulo disciplinar) do setubalense Raul Nazaré, que estava acompanhado por António Jorge e José Martins. As turmas:

BENFICA: Bento; Pietra, Bastos Lopes, Oliveira e Álvaro; Shéu, José Luís, Nunes, Carlos Manuel (Nené, 73m), Diamantino (Vando, 73m) e Manniche.

FC PORTO: Zé Beto; João Pinto, Lima Pereira (Mito, 34m), Eurico e Inácio; Jaime Magalhães, Quim, Frasco e Futre; Gomes (Semedo, 35m) e Vermelhinho.

Golos: Nunes (14m), Manniche (24 e 46m, este de «penalty») e Futre (67m, de «penalty»).

Cartão amarelo: Bento (70m), Frasco (83m) e Quim (89m).

Futebol Clube do Porto: obrigado da Imprensa

Com a mão sobre a Bíblia: não me recorda que, depois do ano do 1.º mandato do eng.º Maurício de Brito e da entrada do saudoso dr. Borges Coutinho para o leme da colectividade benfiquista, algum clube, deste país plantado junto ao mar, tivesse tido a gentileza de se reunir com os representantes dos orgãos de Comunicação Social para, em são convívio, estreitar os laços de amizade e respeito mútuo que devem presidir ao quotidiano numa comunidade que se preza de existir e, em conjunto, colaborar.

Aconteceu, agora, com o Futebol Clube do Porto que, na sua visita a Lisboa para a festa no Jamor, quis recordar **momentos óptimos ou difíceis em que sempre tem encontrado a Comunicação Social ao seu lado.** Isso mesmo foi bem vincado pelo presidente **azul-branco** Jorge Nuno Pinto da Costa que, publicamente, não se escusou a agradecer todas as críticas feitas à actividade dos «dragões» na temporada desportiva que está prestes a correr os taipais. E, numa perfeita abertura de coração, Jorge Nuno Pinto da Costa salientou:

— Muito obrigado por todos as críticas, que nos ajudaram a ser menos maus.

O abraço mútuo aconteceu no Hotel Tivoli, na noite de domingo. Em força, lá estava a direcção do prestigioso emblema das Antas: Jorge Nuno Pinto da Costa, os vice-presidentes Alexandre Magalhães, Ribeiro Magalhães e eng.º Armando Pimentel e os colegas Teles Roxo, dr. José Guilherme Aguiar, Jorge Freitas e José Carlos Ribas, mais os imprescindíveis Luís César e Álvaro Braga, já para não falar nesse **portista honorário** que é o coronel Aventino Teixeira, a modos que embaixador itinerante de quantos são (também) seus amigos.

Dois jornalistas falaram pelos companheiros: Vítor Santos e Alves dos Santos, para o nosso decano (o Zé) ter tido a feliz expressão:

— Em 53 anos de jornalismo, estou pela 1.ª vez na mesa da direcção de um clube que presta homenagem à Comunicação Social.

Todos estavamos (desculpem o desabafo) levemente tocados pela emoção. Para além de se festejar um acto muito querido na vida de um clube (a conquista do campeonato nacional de futebol e da Supertaça) sentimos, os **escribas, os papagaios da palavra**, que podemos continuar a ter um forte aliado no Futebol Clube do Porto. Tal como naquela etapa que a nenhum de nós esquece e, quando todas as portas eram atiradas contra as barbas de quem ia apenas trabalhar, o Estádio das Antas nos foi franqueado com honras e distinções que não poderemos esquecer.

Daí que, ao FC Porto, apenas possamos (todos) continuar garantindo a mesma imparcialidade com que, na balança dos julgamentos mais severos, colocamos em paridade os actos dos nossos filhos.

N. de S.

Houve n

Divisão 2

O Sporting da Covilhã venceu o Marítimo, por 2-1, em jogo da 1.ª jornada da segunda fase do Campeonato Nacional da 2.ª Divisão.

	J	V	E	D	B	P
Covilhã	1	1	0	0	2-1	2
Marítimo	1	0	0	1	1-2	0
Aves	0	0	0	0	0-0	0

PRÓXIMA JORNADA (2.ª): A disputar no domingo, dia 16, com o encontro **Covilhã-Aves.** Folga o **Marítimo.**

Divisão 3

Resultados da 2.ª jornada da segunda fase do Campeonato Nacional da 3.ª Divisão. Zona Norte: Vianense - Amarante, 1-0. Zona Sul: Sacavenense -União de Santarém, 0-1.

	J	V	E	D	B	P
Ac. Viseu	1	1	0	0	1-0	2
Vianense	2	1	0	1	1-1	2
Amarante	1	0	0	1	0-1	0

PRÓXIMA JORNADA NO NORTE (3.ª): A disputar no domingo, dia 16, com o encontro **Acad. Viseu - Amarante.** Folga o **Vianense.**

	J	V	E	D	B	P
U. Santarém	1	1	0	0	1-0	2
Sacavenense	2	1	0	1	1-1	2
Silves	1	0	0	1	0-1	0

PRÓXIMA JORNADA NO SUL (3.ª): A disputar no domingo, dia 16, com o encontro **Silves - U. Santarém. Folga o Sacavenense.**

Competência

TORNEIO DE COMPETÊNCIA DAS I-II DIVISÕES («Liguilla»): União (Madeira) -União Leiria e Chaves - Ri Ave, ambos às 17 horas de amanhã.

Juniores

O Benfica cilindrou o Lusitânia dos Açores, por 11-1, em jogo da fase do Campeonato Nacional de Juniores. No outro confronto da fase final, o FC Porto bateu (fora) o Marítimo, por 3-0.

Juvenis

Resultados dos encontros da 3.ª jornada da segunda fase da Taça Nacional de Futebol de Juvenis na **ZONA A:** FC Porto -Vianense, 5-1 e Vila Real -Braga, 1-6. Classificação: 1.ºs FC Porto e Braga, 5 pontos; 3.º

"Taças"

RDA

O Dynamo de Dresden conquistou a Taça da República Democrática Alemã ao derrotar, na final, o Dynamo de Berlim, por 3-2.

Dinamarca

A equipa do Lyngby conquistou pela 2.ª vez consecutiva a Taça da Dinamarca ao vencer na final em Copenhaga, o Esjberg por 3-2. Recorda-se que o Lyngby se encontra a meio da tabela do campeonato da 1.ª Divisão, cumpridas sete jornadas, somando

e mais futebol

Vianense, 2; 4.º Vila Real, 0. **ZONA B:** Marrazes - Académica, 5-1 e Bombeiros V. Almeida - Sanjoanense, 1-0. Classificação: 1.ºs Marrazes e BV Almeida, 5 pontos; 3.ºs Académica e Sanjoanense, 1. **ZONA C:** Nazarenos - Sporting, 0-1 e Vilafranquense - Portalegre, 3-0. Classificação: 1.º Sporting, 6 pontos; 2º Vilafranquense, 4; 3.º Nazarenos, 2; 4.º Portalegrense, 0. **ZONA D:** V. Setúbal - Seixal, 4-2 e Benfica - Farense, 2-0. Classificação: 1.ºs Benfica e V. Setúbal, 4 pontos. 3.ºs Seixal e Farense, 2.

Iniciados

O Boavista impôs ao FC Porto a primeira derrota, ao vencer, por 3-0, na 5.ª e penúltima jornada da Zona Norte da segunda fase da Taça Nacional de Futebol de Iniciados. Na Zona Sul, o Benfica é já o vencedor incontestado, tendo marcado tantos golos como nas quatro jornadas anteriores. Resultados na **Zona Norte:** Boavista - FC Porto, 3-0 e U. Leiria - Repesenses, 1-2. Classificação: 1.ºs FC Porto e Boavista, 7 pontos; 3.º Repesenses, 5; 4.º U. Leiria, 1. **ZONA SUL:** Benfica - Lusitano de Vila Real St.º António, 11-1 e V. Setúbal - Alverca, 0-0. Classificação: 1.º Benfica, 9 pontos; 2.ºs Lusitano Vila Real e Alverca, 4; 4.º V. Setúbal, 3.

Dança dos técnicos

● O galês John Toshack, que rescindiu contrato com o Sporting, já arranjou patrão: o Real Sociedade (Espanha) onde substitui Alberto Ormaetxea.

● Cruyf volta ao Ajax, desta vez como treinador da formação onde ganhou asas para a fama.

● O técnico José Carlos está prestes a tomar o rumo do Koweit para treinar o Solma.

● Portimonense: Carlos Pereira será o adjunto do técnico Vítor Oliveira.

Mudanças de camisola

Ninguém trava o mercado de trabalho dos futebolistas. Ora veja-se:

● Académica de Coimbra: recrutou o portista Mitó (o tal que a RTP ontem baptisou de Quinito...) mais Orlando (União de Coimbra) e negoceia Jorge Paixão (Amora). Dispensas: Reis, Álvaro, Jorge, Ângelo e Tozé.

● Boavista: prosseguem os vínculos contratuais com Almeida, Teixeira, Queiró e Phil Walker, sendo dispensados Jorginho, Fernando Martins, Simão, Manuel, Tiago, Manuel, Carlinhos.

Sporting perde

Segundo informam os nossos confrades que têm enviados especiais incluídos na comitiva do Sporting que anda pela América do Norte, o novo «team» de Manuel José foi vencido pelo Cósmos por 2-0, alinhando do modo seguinte: Damas; Xavier, Venâncio, Morato e Mário Jorge; Lito, Oceano, Sousa e Litos; Manuel Fernandes e Romeu. Suplentes: Katzirz, Gabriel, Virgílio, Forbs e Fernando Cruz.

O jogo começou com 34 minutos de atraso, dada a necessidade de possibilitar maior bilheteira. Mesmo assim, estariam apenas 10 mil pessoas no «Giants Stadium» (capacidade para 90 mil).

Porto na «Teresa Herrera»

O Troféu Teresa Herrera, que, este ano, comemora a sua 40.ª edição, terá a participação da equipa do F. C. do Porto, do Fluminense (Brasil) e das equipas espanholas do Real Madrid e do Atlético de Madrid. Como é tradição, a prova decorrerá em La Corunha, entre 9 e 11 de Agosto, e o seu custo orça os 50 milhões de pesetas, sendo um dos mais importantes dos muitos que se organizam no país vizinho a anteceder a nova temporada futebolística.

Ângelo e Coluna: grandes «internacionais», eles são agora responsáveis pela magnífica «cantera» do futebol benfiquista

Mundial-86

O Paraguai venceu a Bolívia por 3-0 em jogo do grupo três sul-americano de qualificação para o Mundial de Futebol de 1986, no México. Classificação:

	J	V	E	D	G	P
Jparaguai	2	1	1	0	4-1	3
Brasil	1	1	0	0	2-0	2
Bolívia	3	0	1	2	1-6	1

Próximos jogos: (16 Jun) Paraguai-Brasil; (23 Jun) Brasil - Paraguai; (30 Jun) Brasil - Bolívia.

Entretanto, a Argentina venceu a Venezuela por 3-0 em jogo do grupo um sul-americano.

Particulares

A selecção brasileira de futebol venceu a do Chile, por 3-1, num encontro particular disputado em Porto Alegre. Zico bisou para o Brasil e Leandro apontou o outro golo. Nunez reduziu para o Chile.

Sob arbitragem do argentino Ricardo Calabria, as equipas alinharam:

BRASIL: Carlos (Paulo Vítor); Leandro (Edson), Óscar, Edinho e Júnior; Toninho Cerezo, Zico (Bebeto), Sócrates (Alemão) e Renato; Careca e Eder (Tato).

CHILE: Rojas; Garrido, Venzuela, Gomez e Hormazabal (Serrano); Leite, Neira, Aravena e Letelier; Hurtado e Puebla (Nunez).

O México venceu a Inglaterra, por 1-0, em encontro disputado no Estádio Azteca, na Cidade do México. O golo da selecção mexicana foi apontado por Luís Flores, aos 19 minutos.

Sob arbitragem de Volker Roth (RFA), as equipas alinharam:

MÉXICO: Larios; Trejo, Quirarte, Cruz e Amador; Muñoz, España, Aguirre e Negrete; Boy e Flores.

INGLATERRA: Bailey; Anderson, Sanson, Hodle e Fenwick; Watson, Robson, Wilkins e Hateley; Francis e Barnes.

Campeões por aí fora

RFA

O Bayern de Munique conquistou, pela 8.ª vez, desde a fundação da Bundesliga (que ocorreu em 1963) o título de campeão da República Federal da Alemanha, totalizando 50 pontos, no conjunto das 34 jornadas, mais quatro do que o Werder Bremen, o segundo classificado, e mais dez do que o Colónia, o terceiro. O Estugarda, que era o detentor do título, acabou a prova na décima posição, a 17 pontos do Bayern de Munique.

SUÍÇA: O Servette assegurou praticamente o título de campeão suíço ao vencer, em casa, o Saint Gall, por 2-0, em jogo da trigésima oitava jornada. O Servette totaliza agora 43 pontos, necessitando de apenas mais um ponto nas restantes duas jornadas para conquistar o título.

ÁUSTRIA: O Austria de Viena conquistou o seu 18.º título no campeonato austríaco, de que era virtual vencedor há quatro jornadas. Na próxima época o campeonato austríaco vai ser reduzido de 16 para 12 equipas, pelo que foram automaticamente despromovidos o Viena, o Salzburgo, o Favorieten e o Spittal.

GRÉCIA: O PAOK tornou-se campeão grego de futebol pela 2.ª vez no seu historial, ao empatar (0-0) com o Panionios de Atenas em jogo da penúltima jornada da prova.

FRANÇA: Com um solitário tento de Bernard Genghini o Mónaco conquistou, perante o Paris Saint Germain, a «Taça de França».

TOTOBOLA

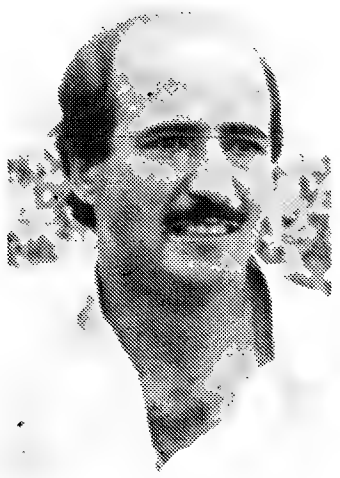
B. Dortmund-W. Bremen	1
Bochum-F. Dusseldorf	1
Leverkusen-W. Mannheim	1
Chaux-de-Fonds-Grasshoppers	2
Zurique-Neuchatel	1
Servette-St. Gallen	1
Lucerna-Vevey	1
Catania-Bari	X
Emboli-Pisa	X
Pescara-Genova	1
Cesena-Parma	1
Lacce-Cagliari	1
Triestina-Monza	X

Jogue connosco

N.º 24/85 (16-6-85)

Silves-U. Santarém	2
St. Gallen-Lucerna	1
Winterthour-C.-De-Fonds	1
Grasshopper-Aarau	1
Neuchâtel-Servette	1
Vevey-Lausana	1
Wettingen-Zurique	1
Ioung Boys-Sion	1
Zug-Basileia	1
Cagliari-Catânia	1
Monza-Lecce	x
Bari-Pescara	x
Génova-Empoli	x

JOGOS DESTE CONCURSO: 1: Torneio de Competência; 2 a 9: Suíça; 10 a 13: Itália (II Divisão)



Neca: o quase desconhecido técnico que comandou o Desportivo das Aves até ao plano cimeiro e, agora, anda nas bocas do mundo.

us" por lá

9 pontos, menos quatro que o Naestved, que é o líder.

Holanda

A equipa do Utrecht assegurou mais uma vez a presença na Taça das Taças na próxima época, ao conquistar a Taça da Holanda depois de vencer na final o Helmond Sport (2.ª Divisão), com um golo de Van Loen, no último minuto do encontro no Estádio Olímpico de Amesterdão. Por curiosidade, lembra-se que o Utrecht já foi adversário do FC Porto na Taça das Taças de 1982/83, tendo os portistas ultrapassado o obstáculo com duas vitórias: 1-0 em Gronigen e 2-0 no Estádio da Luz (por interdição das Antas).

Jugoslávia

O Estrela Vermelha (de Belgrado), ganhou a Taça da Jugoslávia em confontro com o Dínamo de Zagreb na final em dois jogos com um total favorável de 3-2 (2-1 e 1-1).

República da Irlanda

A equipa do Shamrock Rovers cometeu a proeza de conquistar o «duplo» no futebol da República da Irlanda, depois do título de campeão da 1.ª Liga (pela 12.ª vez) com larga vantagem sobre o 2.º classificado, o Bohemians, ganhou a 22.ª Taça do Eire, ao bater na final (em Dublin) o Galway, por 1-0, com um golo de Noel Larkin.

Farense: ofereceram-se 42 treinadores!

A assembleia geral extraordinária do Sporting Clube Farense, reunida até à madrugada de hoje, no salão de bingo do clube, decidiu reiterar o seu apoio à actual direcção, bem como procurar lutar pelo regresso à 1.ª Divisão futebolística. Na reunião (presidida por Cabrita Neto) que teve a presença de mais de 2000 associados e foi considerada a maior de sempre, decidiu-se ainda criar um novo tipo de sócio: o sócio-empresa.

Fernando Barata (presidente da direcção) anunciou que o Farense contará, na próxima época, com jogadores cedidos pelo Sporting, Benfica e Porto, procurando assim regressar à divisão principal. Referiu (ainda) que «**já se ofereceram ao Farense 42 treinadores, mas nós vamos ter na próxima época um técnico jovem e com pulso bem duro, pois só assim conseguiremos a desejada volta à 1.ª Divisão**».

«**Uma das principais causas da descida de divisão foi uma lista de dispensas que Fernando Mendes me entregou (a meu pedido) que era confidencial, mas que, não sei como, chegou ao conhecimento dos jogadores, na véspera do encontro com a Académica, o que provocou grande desestabilização na equipa.**»

O responsável pelo clube da capital algarvia afirmou, ainda, que, para o próximo ano, o Farense verá todo o seu futebol profundamente reestruturado, estando prevista a entrada de elementos profissionais para a chefia do departamento, pois Fernando Barata considera que a inexistência de um departamento profissionalizado e, também, a ausência de um médico na equipa, foram factores que contribuiram «bastante para descida de divisão».

Quanto a nomes, quer do futuro treinador (que Fernando Barata afirmou já ter sido contactado) quer de jogadores, nada foi revelado, o que deverá suceder nos próximos dias. Do Sporting, poderão viajar para Faro os futebolistas Jorge Tavares e Germano (entre outros) e, do Porto, poderão transferir-se para o clube algarvio o guarda-redes Matos e o dianteiro Bobó que, na presente época, esteve emprestado ao Varzim. Sobre o futuro técnico, os nomes mais falados são os de Benvindo Assis (do Esperança de Lagos), Carlos Sério (Silves) e Carlos Cardoso (Elvas).

RFA: distúrbios no futebol por emigrantes portugueses

Emigrantes portugueses estiveram envolvidos nos incidentes registados após um jogo de futebol, que provocaram 12 feridos na localidade bávara de Hasschfeld, perto de Munique. Os tumultos iniciaram-se quando os espectadores alemães de um jogo de futebol amador insultaram e agrediram três operários estrangeiros que assistiam ao encontro. Os três homens, em inferioridade numérica perante os agressores, refugiaram-se num bloco habitacional onde vivem emigrantes jugoslavos, turcos, espanhóis e portugueses, que reuniram um grupo de 40 pessoas para enfrentar os 60 agressores alemães. Na batalha, em que os intervenientes utilizaram paus, cadeiras, e ferros, ficaram feridas 12 pessoas, tendo duas sido internadas no hospital. Depois da chegada da Polícia, que pôs termo aos incidentes, os jovens alemães foram para um edifício onde os emigrantes estrangeiros recebem cursos de formação profissional e partiram todos os vidros do prédio. Como retaliação, os trabalhadores estrangeiros danificaram alguns automóveis e recomeçaram a batalha campal com os alemães, até à chegada de onze veículos da Polícia, que conseguiu restabelecer a ordem.

Boxe: incêndio em casa do campeão

Um incêndio danificou a residência do novo campeão mundial de pesos-leves, Barry Mcguigan. A casa dos Mcguigan (em Clones, condado irlandês de Monaghan, fronteiro com o Ulster) ficou seriamente danificada, embora não haja a lamentar vítimas.

Segundo a Polícia o incêndio começou na cozinha da casa durante as comemorações da vitória de Barry (sábado) frente ao panamiano Eusébio Pedroza. A mãe do novo campeão (Kate, que dirige a charcutaria da família) e a sua irmã (Rachel) tiveram que ser retiradas da casa.

Ramaldense é rei no hóquei em campo

Ao título de campeão nacional o Ranaldense juntou o de vencedor da Taça de Portugal de hóquei em campo, pois venceu o Belenenses, na final por 5-1. O encontro, foi disputado em Tróia.

Com direcção de João Faria (Lisboa) e Augusto Correia (Porto), alinharam e marcaram:

BELENENSES: Fena; Vítor Brás, José Baptista e Rui Figueiredo (1); Manuel Gonçalves e José Rebelo; David, Rui Lopes, João Henriques, Paulo Boto (Sales) e Vítor Reis (Cavaco).

RAMALDENSE: Freches (Artur); Litos (1), Fontes e Pinho; Armando e Agostinho (1); Nelo, João Baptista (1, de «penalty»), Coelho (Sá), Lucas (1) e Pereira (1).

"Taças" por cá

Basquetebol

Realizaram-se, neste fim-de-semana, dois jogos relativos aos quartos-de-final da Taça de Portugal de Basquetebol (seniores masculinos), que tiveram os seguintes desfechos: Sangalhos - Illiabum, 113-110 (após três prolongamentos) e Queluz - Conimbricense, 135-74.

Râguebi

O Benfica conquistou a Taça de Portugal em râguebi, ao derrotar, na final, o CDUL, por 18-12, no Estádio Universitário, em Lisboa. O Benfica eliminara o Belenenses nas meias-finais, vencendo por 29-9 (no Estádio Nacional) enquanto o CDUL derrotara a equipa de Direito, por 34-6 (no Estádio Universitário).

Porto-Lisboa pedalado a passo de ganso

Continuação da pág. 15

grande prémio «Os Portugueses e o Mundo», que terminou em Matosinhos. O vencedor ganhou também o «Prémio Juventude». Por equipas venceu o Alguerra, enquanto José Santiago (do Gulpilhares) ganhou o «prémio montanha» e a classificação por pontos. José Dias (Alguerra) venceu a classificação das metas volantes.

Setúbal pedala

Ainda de ciclismo: o segundo Grande Prémio de Ciclismo Região de Turismo de Setúbal, Costa Sul parte hoje para a estrada e termina a 14, após um total de seis etapas repartidas por 691 quilómetros. A prova surge **na altura ideal para o apuro de forma dos ciclistas** pois se disputa entre a Volta ao Alentejo e a Volta a Portugal.

O grande prémio inicia-se hoje com a etapa Sesimbra-Seixal (171 quilómetros) e prossegue amanhã, com a tirada Tróia-Sines (139 quilómetros). As 3.ª e 4.ª etapas disputam-se, respectivamente, amanhã e dia 13, entre Santiago do Cacém-Santiago do Cacém (65 quilómetros) e Santiago do Cacém-Grândola (139).

A prova termina dia 14, com duas etapas: um contra-relógio individual (35 quilómetros, Torrão-Alcácer do Sal) e 142 quilómetros, entre Alcácer do Sal e Setúbal.

Nacional de fundo em estrada

O campeonato nacional de fundo em estrada para ciclistas profissionais e seniores especiais realiza-se na Figueira da Foz, dos dias 15 e 16. No sábado à tarde haverá um contra-relógio individual de 18,6 quilómetros, com partida de Montemor-o-Velho e chegada à Figueira da Foz. A prova de Rampa (também em contra-relógio individual) decorre no domingo de manhã, com partida junto ao farol do Cabo Mondego e chegada ao cruzamento com o caminho florestal do Miradouro de Bandeira, num percurso de 1700 metros pela florestal do Farol. No domingo à tarde realiza-se a prova em linha, com o total de 156 quilómetros: doze voltas ao circuito da Figueira da Foz, com partida e chegada na Avenida 25 de Abril.

Mafra avança

O Centro Ciclista de Mafra, fundado em Fevereiro deste ano, apresentou a equipa da categoria de seniores que vai participar nas competições da Associação de Ciclismo do Sul e da Federação.

Compõem a equipa o ex-campeão nacional de juniores por equipas, Júlio Carvalho, Ramiro Pinto, Rui Agostinho, Osvaldo Reis, Fernando Ferreira, José da Fonseca e Paulo Silva. São orientadores, Joaquim Duarte, Hernâni Jacinto e Rui Fonseca, estando a direcção técnica a cargo de António Fernandes. Procópio Baptista é o massagista. O Centro Ciclista de Mafra conta também com duas dezenas de cicloturistas.

Andebol: não houve "Taça" para ninguém

Processou-se, nas Caldas da Rainha, a final da Taça de Portugal em andebol. Infelizmente, não existe ainda vencedor oficial, muito embora em termos numéricos o Benfica tenha levado de vencida o Sporting: 19-18. Só que os «leões», alegando erro numa paragem de cronómetro, protestaram o jogo e, agora, a Federação (que muito brevemente poderá de novo o seu executivo comandado por José Gomes Machado, o presidente que mais divulgou a modalidade e acreditou além fronteiras) tem nas mãos um osso duro de roer.

A arbitragem de Fernando Rodrigues (em despedida) e de Joaquim Mateus (Lisboa) deixou bastante a desejar: e os «leões» aproveitaram uma mão cheia de erros para lavrarem o seu protesto, ficando a entrega da taça para segundas núpcias. As equipas e marcadores:

BENFICA: Santa Bárbara (Prezado); José Manuel II, Mário Gentil (4), Vasco (4), José Manuel II, Luís Lopes (1), José Cabaço, Bernardo, Rui Ferreira (1), Veríssimo (1) e João Gonçalves (8, 4 de sete metros). Treinador: João Paulino.

SPORTING: Carlos Silva (Pedro Miguel); Carlos Correia, Rui Paiva, Pires (4, 3 de sete metros), Froes, Marques (3), Carlos José (3), Miranda, Hernâni (3, 1 de sete metros), Arcias (3) e Franco (2). Treinador: Ângelo Pintado. Ao intervalo: 11-8.

A vitória foi assegurada por João Gonçalves a dois minutos do fim, estabelecendo o definitivo 19-18 na concretização de uma grande penalidade, enquanto o sportinguista Hernâni desperdiçou a hipótese de empatar ao falhar um «penalty», a 26 segundos do termo do encontro.

Foi a 6.ª final a que compareceu o Benfica, e a sua 1.ª vitória, depois de perder duas vezes frente ao Sporting e três com o belenenses. O Sporting conquistou até agora cinco Taças, o Belenenses e o FC Porto quatro cada e o Benfica uma.

Belenenses: o campeão

Campeões nacionais: aqui temos (à esquerda) o Belenenses que, em andebol, não cede a mão a quem quer que seja. Da esquerda para a direita: Emanuel, Mendes, Pais, Caldeira, Luís Crespo, Janeiro e José António. Com extremas dificuldades, sem poder dispor do apoio financeiro que rodeou outros «setes», os rapazes da Cruz de Cristo conseguiram um dos mais meritórios títulos da sua história, carregando para o Restelo um símbolo em que só eles próprios apostariam no início da temporada. Mais um motivo de orgulho.

Juniores

O Sporting é campeão nacional de juniores, em andebol, ao vencer na final o Belenenses por por 17-16. Com este resultado o Belenenses ficou na 2.ª posição e o Francisco da Holanda na 3.ª. Nesta fase final, disputada no Funchal, participaram também as equipas do Gaia e do Madeira.

Nacional de Juvenis

O Sporting é campeão nacional de Juvenis de Andebol, ao empatar com o Salgueiros a 16 golos. Nas jornadas anteriores, disputadas também no pavilhão do Gaia, verificaram-se os seguintes desfechos: Sporting, 22-Académico de Fátima, 22 e Salgueiros, 17-Académico de Fátima, 14. A classificação final: 1.º Sporting, 8 pontos; 2.º Salgueiros, 7; 3.º Académico de Fátima, 7.

Andebol: torneio internacional em Lisboa

Entre 20 e 22 do corrente, participam no «Torneio Internacional de Lisboa», em andebol, turmas representativas de Portugal, Inglaterra, Marrocos e Egipto.

Na sua agenda

HÓQUEI EM PATINS: «Torneio com pequenos hoquistas», organizado pelo Hockey Club de Sintra, no rinque de patinagem da Praia das Maçãs, nos dias 8, 9, 15 e 16 do corrente. Participam o Campo de Ourique, Dramático de Cascais, Juventude Salesiana e o clube promotor.

ATLETISMO: o Benfica ficou em 8.º lugar na Taça dos Clubes Campeões Europeus. Melhor classificação de um atleta português: Fernando Couto, com o 2.º lugar nos 10 mil metros (29m31,97 segundos).

Gabriela Sabatini: uma argentina revelada em Roland Garros

Roland Garros: o epílogo

Resultados das diversas finais dos campeonatos internacionais de França de ténis, que se disputaram nos «courts» de Roland Garros (em Paris).

- Individuais masculinos: Mats Wilander (Suécia) — Ivan Lendl (Checoslováquia), 3-6, 6-4, 6-2 e 6-2.
- Individuais femininos: Chris Evert-Loyd (EUA) — Martina Navratilova (EUA), 6-3, 6-7 (4-7) e 7-5.
- Pares masculinos: Mark Edmonson/Kim Warwick (Austria) — Shlomo Glickstein/Simonson (Israel-/Suécia), 6-3, 6-4, 6-7 (5-7) e 6-3.
- Pares femininos: Martina Navratilona/Pan Shriver (EUA) — Claudia Khode-Kilsch/Helena Sukova (RFA/Checoslováquia), 4-6, 6-2 e 6-2.
- Pares Mistos: Martina Navratilova/Heinz Guthard (EUA/Suécia) — Paula Smith-Francisco Gonzalez (EUA-/Peru), 2-6, 6-3 e 6-2.
- Juniores individuais masculinos: Jaime Izaga (Peru) — Thomas Muster (Áustria), 2-6, 6-3 e 6-0.
- Juniores individuais femininos: Laura Garrone (Itália) — Dinky Van Rensburg (África do Sul), 6-1 e 6-3.
- Pares juniores masculinos: P. Korda/S. Buk (Checoslováquia) — V. Gabrichidze/A. Volkov (URSS), 4-6, 6-0 e 7-5.
- Pares juniores femininos: M. Perez Roldan/L. Tarabini (Argentina) — A. Holikova/R. Szrubakova (Checoslováquia), 6-3, 5-7 e 6-4.

Hóquei em patins presente em duas finais europeias

Brilhante comportamento global do hóquei em patins nacional, a nível de clubes, nas suas disputas europeias. O FC Porto (batendo os holandeses do Lichstad, por 7-1) classificou-se para a final da «Taça dos Clubes Campeões Europeus», em que defrontará o Barcelona. Em relação à Taça das Taças», registe-se a óptima actuação do Sporting, na Corunha, frente à turma de Liceo: vencendo a 1.ª mão (em Lisboa) por 8-5 e apenas se deixando ultrapassar em terras espanholas por 3-4, os «leões» ganharam o direito a estar presentes na final da competição, face ao Walsum (RFA).

O único percalço desta etapa ficou ligado ao Juventude de Viana do Castelo: deixou a «Taça Seres», apesar de ter vencido o Cerdanyola, por 4-1. Infelizmente, na Catalunha, perdera por margem que não anulou: 3-10.

Juniores: Nacional

O FC Porto venceu o campeonato nacional de juniores ao derrotar (na Marinha Grande) na finalíssima, o Oeiras, por 9-4. Neste desafio, as duas equipas alinharam e marcaram do seguinte modo:

FC PORTO — Costa; Alberto Sousa (1), Rui Neto (1), Jorge Tavares (3), Tó Neves (3) e Paulo Jorge (1).

OEIRAS — Rui Fernandes; João Carlos (1), Sá (2), Miguel (1), Luís Santos e Gaúcho.

Basquetebol: Benfica venceu no Maputo

O Benfica (campeão de Portugal) venceu o Segundo Torneio Internacional de Basquetebol das Linhas Aéreas de Moçambique (LAM), ao derrotar, na última jornada, a equipa angolana do Primeiro de Agosto, por 118-88 (com 58-49 ao intervalo). Ao longo das cinco jornadas do torneio, o Benfica demonstrou ser a melhor equipa de quantas nele participaram, tendo perdido apenas um jogo com a equipa norte-americana do Waldorf Carpets All Stars (de Maryland) por quatro pontos de diferença (100-96). A outra equipa portuguesa participante, o F. C. do Porto, ficou em 3.º lugar, depois de vencer o Desportivo de Maputo, por 74-60 (35-29).

O jogador benfiquista Carlos Lisboa conquistou, igualmente, o troféu do melhor marcador do torneio, por ter concretizado 151 dos 497 pontos obtidos pela sua equipa.

O Walrdorf Carpets, que venceu o Maxaquene (campeão africano da modalidade) por 110-73, ficou em 2.º lugar na classificação final, com o mesmo número de pontos do Benfica e, também, com quatro vitórias e uma derrota. A diferença entre pontos obtidos e sofridos deu vantagem aos lisboetas:

Mensagens pessoais na página 26

Págs. 22 a 25

VIAGENS de MARAVILHA

Sinais dos Tempos

A moda, sem mais palavras

Desenvolvimento e regime alimentar

Que os 'hamburguers' e 'hot dogs' são um importante consumo da alimentação dos norte-americanos já sabemos. Como a nação-modelo do desenvolvimento capitalista, os Estados Unidos identificaram perfeitamente uma economia com um hábito alimentar constituído por produtos gordurosos, com excesso de açúcar e de calorias, com utilização de corantes e componentes artificiais.

Se todas as Etiópias do Mundo sofrem a fome devido ao seu extremo subdesenvolvimento, as nações mais ricas vêem a sua alimentação debilitar-se (não é tão pouco frequente como isso encontrarem-se casos de má nutrição em Nova Iorque) precisamente quando há um contexto de abundância, o que é pelo menos delirante.

Mas, e inesperadamente, estes anos 80 trouxeram aos States uma nova sensatez. Os americanos parecem estar a comer melhor e mais ligeiro: o porco e derivados está a ser substituído pelo frango, o café a ser bebido com menos açúcar e o 'bourbon' menos entornado. Os 'yankees' estão em regime.

Coisa como 50% aumentou nos últimos tempos o consumo das 'diet soda', uma bebida sem açúcar nem cafeína. É a loucura, as águas minerais duplicam vendas, as cervejas descem por aí abaixo — a crise anuncia-se para as indústrias até há pouco em franco progresso.

As Sopas Campbell são desacreditadas, a Bacardi reserva 30% das suas despesas para uma campanha publicitária que possa convencer o público de que o rum-laranja não contém excesso de calorias, a Seagram tem a esperteza de lançar no mercado um vinho sem álcool e a American Dairy Association tenta demonstrar que o queijo não causa colesterol. Vai baixar, nos EUA, o índice de mortes prematuras?

Portugueses já vão ao psicanalista

Os números estão a dizer que os portugueses vão mais ao psicanalista do que iam antes. O fenómeno parece estar ligado a um outro, de não menos interesse: descobriu-se, entre nós, que é preferível «conversar» do que encharcarmo-nos de comprimidos quando estamos deprimidos ou angustiados.

Os nossos poucos psicanalistas (existem apenas 20, havendo 40 em fase adiantada de formação) estão a ser consultados sobretudo por problemas de tipo sexual, o que só demonstra que os nossos sexólogos ainda não conseguiram convencer as pessoas da sua seriedade. São eles a impotência, a frigidez e o não entendimento do casal, mas também problemas de diálogo e de relacionamento chegam aos consultórios de psicanálise.

Novidade é também o facto de aqueles que procuram o psicanalista já não serem exclusivamente das classes altas, mas o cidadão comum, a mais das vezes recomendado pelo psiquiatra. Estarem os psiquiatras a aconselhar os seus pacientes à consulta de psicanálise já não tem nada de estranho. Psiquiatria e psicanálise não são mais inimigos apaixonados — afinal, a psicanálise tornou-se também uma instituição, e como tal perfeitamente cristalizada na sua funcionalidade.

Se noutros tempos o desabafo ao prior curava pelo menos metade da ferida, hoje é o psicanalista que nos pode fazer sublimar os fantasmas. A continuação na diversidade.

P R E S E N T E

HARTUNG

Encontro com Hans Hartung o abstraccionista que acha o vermelho "indecente"

Entrevista de Jacques Michel

Hans Hartung em Paris por altura da inauguração da exposição que lhe é consagrada no Hotel de Ville, e em que são apresentadas as suas obras de 1971/1984. Encontrámos aquele que nunca põe o encarnado — «cor indecente» — nas suas telas.

Havia cinco anos que Hartung não punha os pés no seu atelier parisiense. Trocara definitivamente Paris pelo sol de Midi, por Antibes, com sua mulher — Anne-Eva Bergman, também pintora. Este alemão de Leipzig, onde nasceu em 1904, numa família de médicos, músicos e juristas, viveu repartido entre o seu amor lírico pela música —**o que me resta da minha Alemanha** — e o seu amor pelo sul.

Hartung, o alemão, manteve uma invencível ambiguidade nos seus quadros, animados de rumores vindos das profundezas da floresta, de tempestades wagnerianas que alternam com uma grande serenidade de pós-tempestade. E desse gosto pela luz que, com razão ou sem ela, julgava descobrir na pintura francesa. Mas nunca das manhãs calmas do leste longínquo. Hartung olhou a pintura ocidental. Ele não sonhou com os espaços vazios ocupados pelos raros traços dos grafistas chineses ou japoneses, como foi o caso de muitos confrades seus em pintura abstracta lírica: os Mathieu, os Wols e outros... Como muita gente do Norte, ele seguiu o itinerário para o sul. O Midi, a Espanha que outrora desposara na pessoa de Roberta Gonzalez. Depois de ter deixado Dresden viveu algum tempo em Minorca, porque na época (entre as duas guerras) um pintor pobre podia ali viver com alguns marcos que a família lhe mandava.

Quando se fixou no Midi francês, mais elegante, Antibes, construiu aí a sua casa. Uma casa de pintor. Quer dizer, um cubo com uma parede de vidro voltada a norte. O arquitecto Breuer, mestre racionalista do Bauhaus e amador do granito sombrio dos Carpatos da sua infância, disse-lhe que gostaria de morar numa casa assim, toda branca, formada de duas construções à volta de um pátio, como as casas dos pescadores do Ampurdan catalão.

O pintor pobre de antes da guerra, que não sabia exactamente para onde ia e quase não sabia de onde vinha, é hoje um indivíduo rico. A sua obra é abundante, a sua casa cheia de quadros voltados para a parede. Lá fora, a sua piscina acolhe-o todos os dias do ano, quer chova ou faça sol. É aquecida, e quando o ar está fresco a água deita fumo. É por necessidade que ele faz o seu mergulho quotidiano. Para se manter em forma.

O tempo dos últimos sonhos

Hartung perdeu uma perna, com um óbus alemão, durante a última guerra, quando se encontrava do lado francês, perto de Belfort. A falta dessa perna aumenta-lhe, se se pode dizer, a idade. Oitenta e um anos é a idade dos últimos sonhos. Para um pintor há sempre um sentimento de pânico. Pânico de lhe faltar o tempo para dizer mais e mais. Ao contrário de outros que, ao entrarem na zona da serenidade, pintam docemente, em profundidade, a mão estranhamente alada à medida que avançam na idade, como Matisse, Renoir, Chagall, ou, mais longe de nós, o Ticiano, Hartung continua a pintar em força. Nunca encntrou a maneira calma das últimas noites.

Pelo contrário, a sua pintura é tomada de uma raiva crescente. Ele fala da nova **selvageria** que nela se encontra. Os seus quadros recentes, expostos no Hotel de Ville de Paris e que, em parte, já tinham sido expostos em Veneza, são atravessados de furores.

São céus, céus metafóricos, claro está. Porque não se encontra neles nem as gentis nuvens de Boudin, nem o azul rapsódico da idade barroca. A tempestade está sempre presente, com a trovoada que se abate. Uma trovoada negra que se dispersa numa galáxia crispada, através do vazio.

Aqui o pintor é um Júpiter reinando numa tormenta celeste, um tohu-bohu cujas condições ele inventa, cujo cenário cria. Aí ele reina, tanto mais que a tempestade nunca, na verdade desliza, menos ainda nas suas obras recentes, onde a mão parece mais segura, guiada pelos músculos de aço do violinista que faz cantar as cordas.

Isto é tanto mais notável quanto desde que perdeu a perna já não pode pintar sozinho, ocupar-se das suas coisas, preparar as tintas, os intrumentos. Como todos os pintores da abstracção lírica (Soulages, Mathieu, Schneider, Zao Wu-Ki...), ele possui um teclado grande e variado de instrumentos. Pincéis largos e estreitos, longos, muito longos, e curtos, espessos e ténues, instrumentos oratórios... Ele lavra as suas telas, lavar os seus céus, executa passos de dança acrobática em que cada gesto liberta, de súbito, com certeza, a carga nacional que deve necessariamente precedê-lo, para inscrever os traços no quadro. Tudo é sinal suspenso no vazio onde para sempre se fixa a vibrante intensidade de uma trajectória.

A invenção dos momentos de transe

Um tal trabalho exige concentração, solidão, liberdade de agir ao abrigo dos olhares, porque Hartung pinta sem esboço prévio. Ele improvisa directamente nas telas. E a invenção, o «achado», vem sempre num momento de transe. É mesmo esse transe que é necessário colher depressa, como uma flor delicada e, no entanto, manter-se bastante lúcida para a transformar em pintura. Muitos actores da abstracção lírica, da América ou da Europa, procuram provocar transe através da droga.

Quanto a Hartung, tem os seus truques. A música. E Bach de preferência a Beethoven, pelo álcool do seu compasso arquitectural, que embriaga levemente sem nunca embebedar. Ele põe-na muito alto como para encher o espaço do «atelier» onde estão os assistentes. Um bom copo de tinto também ajuda a voar até aos cumes onde os deuses da pintura moram.

Na acção, precisa de estar ausente e ao mesmo tempo manter-se em contacto com a realidade, a fim de se poder fazer obedecer pelos servos que lhe preparam determinada cor, determinado pincel, a fim de não interromper o curso daquilo a que se chama inspiração e que é o instante em que, sem procurar, o artista encontra. Os seus assistentes compreendem-no por meias palavras. **«Estabelece-se uma espécie de telepatia a partir de um certo tempo de colaboração e isso faz com que no momento preciso tudo decorra sem problemas.»** É de supor que, mesmo quando há problemas, o pintor não se detenha. E, como dizia Picasso, **«quando já não tenho vermelho, ponho azul...»**

Com a diferença de Hartung nunca pôr vermelho, **«cor indecente»**. **«Sou um homem da noite»**, diz ele. **«Gosto do negro. Um negro absoluto, profundo, intenso.»** Ele emprega-o em fundos muito claros, feitos de cores frias — o azul, o verde turquesa, muito fluido —, o que permite contrastes fortes do traço, da linha, das formas. Quanto mais frias são as cores, mais puras elas parecem; convidam a respirar melhor: **«Mas não gosto do verde relva nem do vermelho touro.»** Ele tem conivências, hábitos, com as suas cores. Algumas surgem como uma segunda natureza. Desde os anos 70, Hartung pôs-se a mudar essa natureza, a utilizar vermelho, mas vermelho minio, laranja, amarelo puro, malvas muito claros, muito frios. Ele buscou aí um sentimento de renovo que o incitou a fazer quadros maiores para aí alojar os seus céus.

Como consegue Hartung sugerir nuvens e tensões cósmicos? Pulverizando cor à pistola. Também reactualizou a técnica das cores transparentes aplicadas sobre outra cor, tão cara aos antigos (Van Eick, o Greco, Dürer), cobrindo as telas com uma leve tonalidade. Os sinais que aí inscreve adquirem «nuances» complexas, uma cor através da outra, por transparência, sem se misturarem. Quando Hartung experimentou essa técnica, os seus quadros não tinham nenhum grafismo. Neles só se viam nuvens, espaços atmosféricos de princípio do mundo. Quadros em que as cores voam em miríades de pontos aleatórios. O infinitamente pequeno. E eis que nas suas alegorias de céus levemente ameaçadores, estalam tempestades de sinais negros traços orquestrados com raiva controlada. A obra de Hartung alimentou-se nas fontes do expressionismo alemão, mas também é animada pelo desejo de uma maior beleza plástica, muito estetizante, que exige a pureza de uma cor, de uma linha certa, forte.

Ele cita frequentemente Matisse e a sábia simplicidade do seu traço, a sua cor clara e luminosa, de acordo com a alegria de viver. Mas guarda no seu jardim secreto amores antigos por Kokochka a Corinth, esses expressionistas em busca da intensidade das coisas à custa da deformação e do horrível. E, acima de tudo, por **«Van Gogh cuja pintura põe em evidência as forças vitais da natureza. Ele faz viver a floresta que pinta. As suas árvores quase têm forma humana. Ao passo que, com os impressionistas, a floresta quase não se vê. Não se vê, olhando-a. Só se tem uma impressão óptica...»**

A Família, de Rembrandt, descoberta na sua juventude, na Gemaelegalerie de Dresden, revelara-lhe o seu destino de pintor.

«Fiquei imobilizado». Foi nas pregas do vestido da mãe que ele descobriu o valor pictórico da «pintura em manchas». Valor autónomo, independente da figuração devido ao seu próprio ritmo, ao seu próprio carácter. É, na verdade, depois que o pintor conceptualiza uma aventura ocorrida na incerteza. Depois do que, produzindo uma pintura vinda confusamente, a dos gráficos automáticos, decide fazer da perfeição plástica das formas, o próprio conteúdo dos seus quadros. Uma perfeição que, no entanto, não renega a frescura da execução, os seus incidentes imprevistos que integra no seu jogo em vez de os rectificar. Hartung faz do processo de invenção um dado estético.

Este mestre da pintura «em manchas» conheceu, ainda conhece, uma travessia do deserto. Embora tenha sido um dos primeiros a explorar a pintura abstracta lírica, e não depois de 1948, o que foi o caso dos seus mais jovens confrades de ambos os lados do Atlântico.

Foi depois dos anos 30 que ele tentou introduzir nessa maneira fria, sem conteúdo explicícito, factores psíquicos e emocionais que mudaram a pintura abstracta. Hartung praticou o estilo, mas o conceito, o «j'agis sur la toile» que confiara ao crítico Charles Etienne (que depois se tornou na **Action painting**, com Harold Rosenberg, em Nova Iorque), só depois foi formulado.

Tanto na pintura como noutros domínios da criação, as modas expulsam-se umas às outras, beneficiando sempre a nova de um irresistível efeito dinâmico. Assim como outrora a abstracção lírica ocupou toda a cena durante um tempo — onde estão os Soulages, onde estão os Mathieu, e os outros? — esta é hoje ocupada pelos actores da nova figuração livre, mais tónica, menos mística, menos grave. Mas sabe-se que as correntes só deixam raros aluviões na história.

Entrevista de Guitta-Pessis-Pasternak

JACQUES LE GOFF

O MEDIEVALISTA E A SUA NOITE

Cada criador tem o seu clima, as suas sombras, os seus sois, as suas tempestades. O historiador Jacques Le Goff prefere o mistério da noite essa «estação sem estação».

Desde a Antiguidade que estamos atentos à meteorologia; porque se a chuva é vital à sobrevivência, o sol é propício às festas, às viagens, em suma, à alegria. Não será pois paradoxal que certos criadores pareçam mais inspirados por um céu de chumbo, nuvens sombrias ou mar agitado?

— De um modo geral — e basta olhar para a pintura — o inferno inspira-nos mais do que o paraíso! No escuro passam-se coisas, ao passo que ao sol tudo é insípido. Parece-me pois natural que o criador procure a noite, essa penumbra propícia ao borbulhar das ideias. De resto, devido às minhas raízes meridionais, sou um homem da sombra, porque, como sabe, para nós, o sol é o inimigo. O historiador que sou aprende, anota, informa-se, mas, através da escrita, também tem a ilusão de criar ou de recriar um mundo. E a inspiração não me vem antes das dez horas da noite. Preciso da noite para me sentir ligado ao passado; ela permite-me essa fuga ao presente necessária para escrever. Também tenho de estar diante de uma janela para sentir o espaço.

— Porque assim fica mais ligado à natureza?

— Para mim, pondo de parte o mar pelo qual tenho uma paixão, a natureza é quase insuportável. Por isso não é a sua proximidade. mesmo imaginária, que pode inspirar-me. Preciso antes de estar comigo próprio e a noite favorece essa solidão. Medievalista, vivo numa época em que fosse qual fosse o seu chavari, o que na realidade contava era penetrar no mundo; tento pois interiorizar-me. Tudo o que peço à natureza é que não me perturbe neste trabalho e me deixe mergulhar nas raízes, na imaginação. A noite presta-se melhor a isso: a noite sem distracções.

— De certo modo aproveita a noite física para ressuscitar a «noite» da Idade Média!

— Essa noite ilumina-se interiormente, e a Idade Média, que tinha tanto medo da noite, ilumina-se no seio da noite.

— Não estaria justamente um pouco afectado por esse «medo» medieval procurando «reviver», graças ao mistério da noite, uma certa fantasmagoria?

Com efeito a noite é cúmplice do acordar dos meus espectros, dos meus fantasmas, sejam eles pessoais ou históricos. Talvez seja assim que me tornei íntimo do Diabo, personagem muito mais interessante que Deus. De momento o que sinto melhor é o mundo negro e diabólico.

— Estudos recentes mostraram que o clima influencia o próprio impulso vital, logo a criatividade. Já sentiu esses efeitos climáticos?

— Claro que sim. Mas uma das consequências da noite, nas nossas regiões, está precisamente em anular as influências climáticas externas. Ou estou no calor nocturno da casa, no Inverno, ou na frescura do Verão. Nisto a noite é uma estação sem estação, um tempo artificial; a natureza parece-me ser um não-valor. Isto também convém a uma certa «eternidade» de que a Idade Média e o Criador necessitam. Em contrapartida, não sou de modo algum o homem das tempestades, das tormentas... Não me interessam os deslumbramentos solares nem as batalhas nocturnas.

— No fundo, escreve de noite para poder abstrair do tempo e do espaço e encontra-se frente a frente consigo próprio.

— Digamos que o que aproveito da noite é o tempo lento, que é também o que me interessa em história. Quanto ao espaço gosto daquele que sentimos do outro lado da janela aberta para a sombra: de noite há mais o sentimento do espaço infinito do que de dia. «Luar» e «luz do sol» revelam-nos mais o carácter limitado da nossa percepção, do que a noite negra que nos liberta, mergulhando-nos num espaço infinito e num tempo imóvel.

— Em que latitudes prefere ser criador?

— Sou um homem de climas temperados. A minha angústia suprema seria viver num país tropical ou equatorial. É algo que ultrapassa o deslumbramento do sol; porque esses climas engendram um torpor insuportável povoado por esse mundo obsceno da floresta, da vegetação exuberante e, sobretudo, dessa presença de pesadelo dos insectos. Sinto-me mais atraído pelo pólo e pelo frio. Gosto de todos esses santos celtas e islandeses que viveram no frio e encontraram baleias. Julgo que nesses climas teria alegrias muito profundas. Sentime encantado quando sobrevoei o pólo...

— Encantamento de ordem física ou mental?

— Ambas. Encanta-me tudo o que há de contraste nessas paisagens: o branco salpicado de manchas negras, essa oposição fantástica dá uma impressão mallarméana.

São paisagens que sempre me atraíram e já não essa mistura devoradora da exuberante floresta virgem que representa o mal absoluto. Quando vejo a natureza ao assalto da história, ao assalto dos templos astecas ou budistas, tenho a impressão de que essa força estúpida e biológica, justamente desprovida de toda a intelectualidade está a comer o esforço do homem. A meteorologia, o tempo, o clima representam, para mim, a luta entre o que permite ao homem viver, agir, criar, e o que, ao contrário, lhe dificulta ao máximo tudo isso.

— Será para escapar a essas vicissitudes que, para si, a criatividade necessita de um mundo inverso: dormir de dia e viver de noite?

— É claro que um período em que a vida começasse à hora vesperal e terminasse com o cantar dos pássaros e o levantar do sol, seria quase ideal para mim. A minha actividade, que não é a do escritor de pura imaginação, consiste em trabalhar numa matéria constrangedora que se presta melhor à minha escrita numa natureza desprovida de tendências exageradas.

— Será o Jacques Le Goff como Rimbaud, que detestava o sol e se refugiava num sótão sombrio?

— Com a perversidade de saber que essa fornalha, essa luz viva, estão ali bem perto, talvez para saborear melhor a sombra e a frescura. Mas o mais terrível seria um mundo que só fosse iluminado pela lua. Sabe, ela era considerada muito maléfica na Idade Média, e eles tinham perfeitamente razão.

— Por causa dos seus impulsos românticos?

— Pessoalmente não os sinto. Mas há nela algo de estupidamente imitador: a lua parece um pequeno sol impotente.

— Então, se tivesse vivido nos países nórdicos — onde, durante uma parte do ano só há dia — ficaria «mudo»?

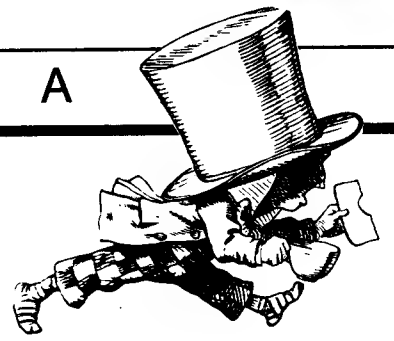
— É natural que não tivesse escrito nada em Leninegrado nem perto do círculo polar.

— Será necessária à sua criatividade uma certa neutralidade da natureza...

— Mesmo sem falar dos heróis ou dos génios, os criadores são pessoas que sabem recriar o extraordinário, mesmo num clima mortal. Tenho muita admiração por aqueles que escrevem em condições que a mim me reduziriam à impotência. Talvez não seja muito excitante ser um homem de climas temperados. Mas no meu mundo da noite, da calma, da harmonia, nesse ambiente em que o tempo corre devagar, em que a profundidade do espaço só é sensível olhando para dentro de nós, sentem-se alegrias tão extraordinárias como as que se têm ao contacto de meios mais extremos e aparentemente mais excitantes. Talvez que esse ambiente de sombra nos peça mais. Talvez seja, muito simplesmente, uma marca de orgulho não dever demasiado à natureza e colocarmo-nos em condições que nos dão a impressão de sermos o modesto demiurgo da própria obra. No fundo, o que peço à natureza é: deixa-me tranquilo, deixa-me escrever, deixa-me, ao meu modesto nível, cria.

(Le Monde)

NA CHINA



Novos capitalistas e novos ricos

Wu Shenglong não é um homem como os outros. Filho de ama camponesa e de um motorista de autocarros de Xangai, com o primeiro ciclo do secundário, não tem nada que o distinga de um quadro modesto. É, no entanto, proprietário de uma pequena empresa privada do cantão de Yining. Com as economias que acumulou quando era agente comercial — 50 000 yuans (un yuan vale aproximadamente 0,35 dólar), — um auxílio da sua aldeia e um empréstimo do banco (a 6% de juro ao mês), criou em 1983 uma fábrica de cápsulas para garrafas de cerveja e de soda. Dá emprego à gente da sua aldeia que queira deixar a terra. O salário é fraco, 36 yuans por mês em média, mas permite que estes camponeses entrem na economia monetária e se familiarizem com a máquina, por mais primitiva que ela seja. Wu mandou construir um hangar à beira da estrada principal onde instalou três máquinas antiquadas compradas em segunda mão. Para o ano, assegura, terei duzentos operários e vou lançar-me na electrónica!

Dossier Patrice De Beer especial "Le Monde"/"Diário de Lisboa"

Consegui um lucro limpo de 15000 yuans em 1984, 10% do seu volume de negócios que conta triplicar este ano. Os seus impostos subiram a 6000 yuans. Com os lucros obtidos pagou as dívidas, mandou construir uma casa de nove divisões e comprou dois camiões. Seria ele um desses «capitalistas» durante tanto tempo denunciados pelo regime? De modo algum. Esconde-se? Não. Foram as autoridades locais, muito orgulhosas por o terem ajudado o triunfar, que no-lo apresentaram. Não há problemas de classe nessa empresa sem sindicato nem célula do partido: **As relações são iguais, mas quem manda é ele**, dizem-nos. E acrescentam que dependeria dele candidatar-se ao PCC. A regra marxista quer, no entanto, que uma empresa privada não tenha mais de sete ou oito empregados. Mas as autoridades locais afirmam que nunca ouviram dizer isso, o que não acontece com as do distrito vizinho. Wu não é uma excepção em Yining: 13% dos operários e empregados trabalham para patrões particulares em fábricas, lojas, restaurantes. O sector privado é encorajado, à escala local, para compensar as carências do sector estatizado. Em suma, a China redescobriu o espírito de empresa, o gosto de fazer dinheiro. Viva o lucro! Viva os novos homens de negócios chineses, privados ou não! Mas como estamos todos num regime marxista, esses pequenos patrões não devem olhar mais longe do que a satisfação das necessidades locais.

Na Câmara municipal de Yangzhu, as «famílias especializadas» representam uns 15% da população. Sob este calão administrativo esconde-se uma nova raça de cidadãos, antigos membros das brigadas de produção agrícola, que decidiram tomar o destino nas mãos e pegar na palavra à política de liberalização económica. Utilisando o seu capital de mão de obra familiar, algumas economias, um espírito de iniciativa que compensava a ignorância técnica e comercial, às vezes com a ajuda de vários empregados, lançaram-se na economia de mercado. Alguns produzem de modo intensivo legumes, frutos, sementes, criam galinácios ou porcos. Outros abriram uma loja, às vezes uma fábrica e tornaram-se essas «famílias de 10 000 yuans» cantadas pela propaganda oficial. Tanto que foi preciso voltar atrás, reconhecer que essas famílias não eram assim tão numerosas e que ainda havia na China entre sessenta milhões e oitenta milhões de camponeses que vivem abaixo do nível de pobreza, isto é, não comem o necessário. Globalmente, o nível de vida dos rurais melhorou fortemente, em especial na Jiangsu. Os televisores, os rádios e os frigoríficos são disputados nos campos, mesmo nas aldeias que ainda não têm electricidade... Em Yangzhu vimos um camponês pagar por um grande aparelho de rádio 620 yuans, isto é, mais de um ano de ordenados de um operário local.

Na China, a palavra camponês pode dar origem a confusão. Trata-se somente da classificação administrativa que diz respeito aos que vivem nos campos, trabalhem ou não a terra. Assim, no distrito de Changping, a norte de Pequim, visitámos uma aldeia de «camponeses» cujo rendimento médio era de vários milhares de yuans por ano. No entanto, só 2% deles ainda trabalhava a terra. Os outros estavam empregados na indústria, no comércio ou na administração.

Estes empregos são muito procurados, mesmo que os salários nem sempre sejam miríficos. Se há operários que ganham centenas de yuans por mês, quantos não ganham só trita ou cinquenta? Mas a atracção de uma profissão «moderna» e um salário em metal sonante é considerável. De tal modo que, em todas as fábricas que visitámos nos disseram que para serem empregados ou operários os candidatos camponeses tinham obrigatoriamente que dar uma participação financeira de, pelo menos, 100 yuans. Esta entrega de capital é remunerada a baixa taxa de juro, depois reembolsado. Não há nenhum direito a participar na gestão. Não estamos em tempo de operários accionistas.

Corrupção, cupidez e «igualitarismo»

Mais duas profissões conhecem hoje um êxito considerável. Primeiro a construção civil; no Jiangsu centenas de milhares de camponeses jutam-se em equipas de construção organizadas pela vila ou pela sua aldeia. Depois os «agentes comerciais»; essa profissão é indispensável num país onde não existe nenhuma rede comercial fora da esclerosada e ineficaz rede das empresas do Estado. Cada fábrica, cada oficina tem a sua equipa de compradores e vendedores encarregados de encontrar os produtos necessários e os mercados. Eles viajam de bicicleta, de autocarro ou de comboio batendo às portas das fábricas e das lojas, convidam os dirigentes para jantares.

Num país onde a lei ainda é muito fluida, onde é, de facto a burocracia local que reina nos campos, um tal afluxo de riqueza não deixa de criar aquilo a que se chama pudicamente «comportamentos incorrectos», isto é, a ambição e a cupidez. Todos os quadros do Jiangsu dizem, quando interrogados, que o seu único defeito é «gostar de festejar». Reconhecem, em todo o caso, os presentes, as luvas. É certo que essa província não deu que falar quando Pequim se preocupou com a vaga de corrupção que se apossara dos seus funcionários — muito mal pagos — e que ameaçava a própria política de abertura e de modernização. Mas não é agradável falar dessas coisas aos estrangeiros!

É preciso deixar de rasgar os contratos assinados, preveniu no dia 3 de Maio o «**Quotidiano do povo**», dirigindo-se aos quadros que violam as regras, mas também aos invejosos que querem partilhar entre si os frutos do trabalho dos que triunfaram. A mentalidade «igualitarista» — «Comer na grande marmita de ferro», dizem os chineses, — não desapareceu, pelo contrário. Quanto mais a prosperidade aumenta, mais o dinheiro circula... Mais aumentam as tentações dos quadros do partido e do Estado. É testemunha disso um empresário do Hunan que comprara um autocarro com as suas economias. Foi obrigado a «emprestar» uma parte do seu lucro, oferecer banquetes às entidades oficiais, e o seu veículo foi objecto de vandalismo por clientes que recusavam pagar porque **ele já era bastante rico.**

É preciso que as cinco rodas (empresas do Estado, colectivas, de cidade, de aldeia e privadas) **funcionem ao mesmo tempo para que a China se desenvolva rapidamente. Para tal é preciso acelerar a reforma,** dizem-nos os quadros de Yaning. Sem a dinamização esperada por essa reforma, o sistema económico chinês ficaria esclerosado no seu modelo herdado do estalinismo. A maior parte do país, a região rural onde vivem quatro quintos da população, não recebem suficientes subsídios do Estado e continuaria a vegetar miseravelmente se não contasse com as suas próprias forças. Agora que os camponeses, libertos do aperto colectivista, aumentam todos os anos um pouco mais a sua produção, é preciso satisfazer as suas necessidades com o desenvolvimento da indústria local, à volta dos pólos descentralizados que são as vilas e as aldeias.

À conquista dos mercados estrangeiros

As fábricas locais, autónomas, maleáveis, mais fáceis de criar ou de adaptar são, para os dirigentes como Zhu Tonghua, o sociólogo Fei Xiaotong ou o vice-governador Cai Qiuming, a solução. A sua modernização é mais simples de realizar do que a dos grandes complexos industriais urbanos. Elas são mais económicas, envolvem menos subvenções porque a sua sobrevivência depende dos seus lucros. Por fim, pagam impostos ao fisco. E o Jiangsu, sendo um dos mais antigos bastiões da burguesia chinesa, em particular de Shangai, tem o seu papel a cumprir. Um dos seus mais belos ornatos, Rong Yiren, de uma família de grandes industriais texteis de Wuxi, é hoje o patrão da China International Trust and Investment Corp (CITIC), «trust» encarregado de atrair os investimentos estrangeiros.

Essa industrialização primitiva começa, apesar das suas fraquezas estruturais e do seu atraso tecnológico, a ter o seu papel na estratégia do comércio externo chinês: em Guazhu, a fábrica de jade exporta a totalidade da sua produção. Em Yining, a da geleia real traz à vila milhões de yuans em divisas. Estes novos produtores negoceiam com os mercados exteriores. Assim, a China ameaça os NPI asiáticos — Hong-Kong, Singapura, Taiwan e Coreia do Sul — nos lugares que eles julgavam seguros, põem obstáculos aos produtos do sub-continente indiano, concorrem com o Bangladesh na juta, com o Paquistão nos tapetes, com os texteis indianos. As fibras sintéticas os medicamentos, o calçado de pano mas também os produtos mais simples electrodomésticos e electrónica produzidos na China, são agora considerados na região como um sério perigo. A República popular só representa actualmente 1% do comércio mundial, mas este número poderá duplicar até 1990.

Cada vez mais homens de negócios estrangeiros descobrem este novo mercado provincial chinês. É imenso, prometedor, mas separado, mal conhecido. «Nós não vemos franceses, ouvimos dizer em Jiangsu. Só os vêem em Nanquim, onde a França está presente em alguns grandes projectos. No entanto, em Yangzhu, em três dias, vimos desfilar homens de negócios anglo-saxões, japoneses, mas também austríacos e mesmo italianos. Justo regresso das coisas numa cidade de que Marco Polo foi outrora governador, antes de regressar a Itália com essa grande invenção — a massa. Esses italianos ensinariam aos chineses a fazer molho de tomate!

NA CHINA

Uma fábrica em cada aldeia uma aldeia em cada fábrica

A provincia de Jangsu, com os seus sessenta e dois milhões de habitantes, tem a área de um grande país europeu. A sua população acumula-se em 102 000 quilómetros quadrados, ou 1,14.º de hectar de terra cultivável por pessoa. Uma tal superpopulação levou milhões de individuos a emigrar, principalmente para Xangai, que o Jangsu rodeia a norte e a oeste.

A proximidade da grande metrópole, o excedente de mão-de-obra, permitiram uma industrialização precoce, em especial no ramo dos têxteis. Desde 1978, com a política das «quatro modernizações» e do desenvolvimento económico dos campos, o Jangsu tornou-se o laboratório da experiência chinesa. O ano passado o seu rendimento ultrapassou pela primeira vez o de Xangai, tradicionalmente o mais elevado do país. Ao mesmo tempo, nessa rica província agrícola, o valor da produção da indústria local alcançou o da agricultura.

Na estrada que vai da capital à prefeitura de Yangzhu, velha cidade histórica e centro gastronómico, com alguns traços alargados em auto-estradas de quatro vias, todas as casas têm uma chaminé de fábrica ou um hangar. Através dessa paisagem verde e plana cortada por canais de irrigação que, em tempos de chuva, tem um arzinho de Holanda, as aldeias e sobretudo as vilas são agora centros de uma enorme actividade industrial.

O Jangsu tornou-se o exemplo-típico dos êxitos e dos problemas da nova revolução industrial dos campos chineses. Nova porque conheceu um desenvolvimento fulgurante nos últimos anos e se distingue ao mesmo tempo do sistema de industrialização estalinista que dá prioridade à indústria pesada e ao plano, e do dos novos países industrializados, os NPI, que privilegia as grandes cidades e as zonas francas. Revolução industrial também, porque este processo se aparenta com o que transformou os campos europeus no século XIX, permitindo ainda à mão-de-obra, libertada pela modernização da agricultura, encontrar emprego numa indústria nascente. Como outrora em França, os camponeses, de saco às costas (com a manta, a roupa e os utensílios de cozinha), o ar perdido no ruído da circulação, chegam diariamente às cidades em busca de trabalho.

Desde 1978 que nove milhões de campeoneses do Jangsu abandonaram os campos. Dois milhões fizeram-no o ano passado. É muito numa mão-de-obra total de vinte e quatro milhões e quatrocentos mil. É ainda insuficiente para Zhu Tong-Hua, secretário-geral do Instituto de Investigação nas vilas, que acha que três a cinco milhões de campeoneses bastariam para cultivar as terras da província de um modo rentável. **Que dizer,** diz ele, **dos outros onze milhões? É preciso que enriqueçam. Mas eles não devem emigrar de repente para as cidades superpovoadas. É pois necessário dirigi-los para as pequenas cidades (1) ou para os seus arredores. Assim os camponeses deixam a sua terra, mas ficam nos campos, melhorando o seu rendimento e participando na consolidação da economia rural. Se os jovens não encontram trabalho, emigram para as cidades, onde vão ficar sem trabalho. Isto poria um problema à segurança do país.**

Há na China um sistema de autorização de residência, o **hukou**, e de «tichets» de racionamento, a fim de controlar a circulação dos rurais, porque o governo receia o êxodo maciço de camponeses para as cidades, como acontece nos outros países do Terceiro Mundo. Zhu acha que se poderá assim reduzir a mão-de-obra camponesa de 5% a 10% ao ano.

Esta «via de construção socialista à chinesa», esta «industrialização rural à chinesa» sobrepõe-se à rede de fábricas dependentes do Estado. Ela baseia-se essencialmente nas empresas «colectivas», que pertencem às colectividades locais (prefeitura, distrito, burgo, aldeia) e a um sector privado ainda embrionário, mas encorajado.

Capitalismo municipal

Este sistema colectivo tem um ar de capitalismo municipal. Assim, vêem-se quadros rurais sem nenhuma formação teórica, e cuja origem camponesa salta aos olhos, criar fábricas, transformarem-se em chefes de empresa, comprar, vender, pedir emprestado «desembaraçar-se» e servir-se das relações — «a porta de trás», em chinês — entrar uma concorrência selvagem, procurar as matérias-primas que o plano já não lhes fornece e negociar o seu preço... Certas fábricas são modernas, outras são oficinas que parecem saídas de um romance de Dickens.

A vida de Jangsu, de sessenta e cinco mil habitantes, tem vinte e quatro fábricas que empregam seis mil e quinhentos operários. O ano passado realizaram um volume de negócios de 78 milhões de yuans (um yan ou renmimbi, vale à volta de 0,35 dólar americanos) e um lucro de 8 milhões, isto é, quatro vezes mais que em 1978. O objectivo nacional fixado para o ano 2000 já foi atingido. Para além do artesanato e da transformação dos produtos agrícolas, actividades tradicionais, encontram-se fábricas de confecção, de mecânica, uma fábrica de guiadores de bicicleta, etc. Essa última emprega setecentos operários; ela fornece as grandes fábricas de bicicletas e exporta mesmo para a RFA, o Bangladesh, Hon-Kong, fornecendo ao burgo recursos em divisas cuidadosamente guardadas no banco e que poderão servir para importar o material necessário à sua modernização. A productividade, embora tendo triplicado em seis anos, mantém-se fraca — uns quinze guiões por operários e por dia. As instalações são desusadas, as matérias-primas caras e difíceis de encontrar. No entanto, o burgo tira daí um quarto dos seus lucros industriais. Os salários são medíocres — uns 50 yuans de salário de base, mais os prémios —, mas o rendimento anual por habitante, passou, depois de 1978, de 299 para 502 yuans.

O presidente da Câmara, Shi Changyan sente-se orgulhoso com isso. Os seus rendimentos duplicaram o ano passado. A sua fábrica de material de construção tem publicidade na televisão nacional. Embora a sua aparência, de camisa Mao e bebendo o seu chá no complexo administrativo da vila — que se parece espantosamente com o antigo «Yamen» imperial, separado do comum dos mortais por um cercado —, pareça muito tradicional, o seu comportamento e o seu discurso são os do de um «empresário». Este termo à moda também designa publicamente os «antigos capitalistas». Ele fala de volumes de negócios, de investimentos, faz-nos visitar as fábricas com o orgulho do chefe de empresa. Mas também se sente orgulhoso por ter criado escolas técnicas (televisão, comércio, mecânica), de mandar estagiários para institutos especializados, de mandar vir professores e peritos da cidade. Entrega-se a um verdadeiro discurso eleitoral sobre as «Dez grandes coisas» realizadas em 1984 (terreno de desportos, jardim, hospício, ruas alcatroadas, etc.) e sobre as que projecta para 1985. Nada a ver com o «apparatchick» tradicional.

Um director a 20 dólares por mês

À beira do Yangtsé, eis-nos no distrito de Hanjiang, 780 quilómetros, 520 000 **mus** (2) de terras cultiváveis. Se se quiser dar a cada cultivador um hectare (superfície mínima rentável), é preciso criar numeroeos empregos. O distrito está tanto mais consciente disso quanto não recebe subvenções do governo central. Tem que contar com as suas próprias forças, utilizar os seus rendimentos, fazer empréstimos, fazer com que as empresas existentes paguem. Com as restrições de crédito actuais, já não pode contar com os bancos. A principal cidade do distrito, Guazhu, tem 40% de rurais, que fornecem um terço dos seus rendimentos (2,3 em 1978). Os operários, quase todos antigos camponenses, trabalham em trinta oficinas, uma das quais é uma fábrica em que se trabalha o jade. Só essa fábrica deu o ano passado à vila 1 milhão de yuans de divisas, que foram emprestados a outras empresas para que elas se desenvolvessem. As condições de trabalho desafiam as normas de segurança.

A fábrica de confecção vizinha lançou-se no fabrico de fatos ocidentais para homens e mulheres, a moda actual na China. O novo director conta-nos como o seu predecessor, um funcionário municipal incompetente que levara a empresa à falência, foi aceite como operário na fábrica de tratamento das águas. Para endireitar a situação, ele procurou um produto vendável no mercado local, contratou dois desenhadores, lançou os seus agentes de venda nas estradas, aumentou os salários por peça (uns 60 yuans por mês), estabeleceu relações de cooperação com oInstituto do Vestuário de Nanquim, que lhe forneceu as informações necessárias.

Este tipo de relações é específico da reforma. Não sabendo nada do mundo exterior, inclusive das províncias vizinhas, sem conhecimentos técnicos nem comerciais, sem ideias sobre o que podem produzir no mercado disponível, estes quadros burocratas, até agora encarregados de aplicar as ordens vindas de cima, precisam de aprender o que devem fazer. Os institutos de investigação das grandes cidades fornecem-lhes informações, **savoir-faire**, técnicos e professores, em troca de uma percentagem do volume de negocios que pode ir de 1% a 10%. Uma maneira de estes institutos também se tornaram rentáveis. O que explica a razão por que, de uma ponta à outra da China, oficinas e fábricas, empresas privadas, colectivas ou do Estado, fabricam produtos idênticos.

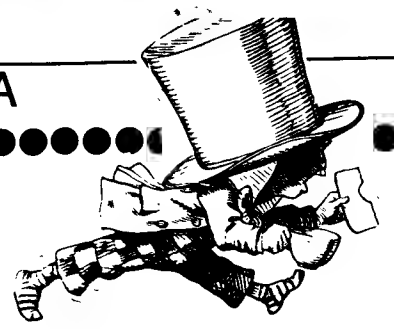
A alguns quilómetros de distância, a aldeia de Junqiao modernizou em 1982 uma pequena oficina cercada de lama e pomposamente baptizada com o nome de fábrica de produtos de cabedal, de chapéu e de sapatos do burgo de Guazhu. Os seus cento e quarenta operários, todos eles camponeses, produzem agora vinte mil pares de sapatos por ano.

O director, antigo agente de vendas, Wang Wenxi, que ganha 55 yuans por mês, anuncia um volume de negocios de meio milhão. Ele vende em várias províncias graças aos seus agentes ambulantes e a «relações». «Estou aberto a uma cooperação com o estrangeiro», diz-nos ele retomando o leit-motiv de hoje. **Basta fornecer-me modelos de cabedal e pagarem-me**. Ele pensa, sem dúvida, no calçado de luxo, feito à mão, que se vende tão caro na Europa...

Mas embora os seus produtos sejam feitos à mão por operários sentados em caixotes, colocados, sobre terra batida e a uma luz deficiente, os sapatos sejam engraxados à mão, um a um, antes de serem metidos nas caixas, e as solas de borracha sejam trabalhadas uma a uma, também à mão, a qualidade deixa a desejar. Pesados, de cabedal grosso e sem maleabilidade, ainda são desejados na China mas invendáveis fora dela. Uma produtividade demasiado fraca (mais de dois dias por operário e por par de sapatos) impede o produto de ser competitivo apesar dos salários muito baixos: 30 yuans para um aprendiz (só seis durante os seis primeiros meses), 50 para um operário qualificado.

No entanto, para uma aldeia pobre que não sabe o que fazer da sua mão-de-obra, é um meio de a empregar no local, ganhando bastante com isso. Por isso a fábrica pediu ao banco (0,6% ao mês) e recrutou dois reformados de uma fábrica de sapatos de Shangai. Naturais da região, muito apertados no seu alojamento urbano, vieram imediatamente chamados por um salário atraente para juntar à reforma, por uma casa e um pouco de terra. Aqui, fazem figura de peritos, de intelectuais, com o seu fato completo e os seus óculos de aros de metal, perante esses camponeses que descobrem as máquinas. É também um meio original e barato de lutar contra a penúria de técnicos que, a China conhece, ainda mais dramática nos campos. Tanto mais que o Estado não está disposto a privar-se dos seus diplomados. Para se modernizar, todos os meios são bons.

(1) O Jiangsu tem mil e oitocentas vilas, isto é, uma por 47 km de terras, mais de duas vezes a média nacional.
(2) Um **mu** equivale a 1/15.º de hectar.



CRASS

Rui Eduardo Paes

Fazer uma viagem ao «underground» musical britânico possibilita o reconhecimento de algumas das mais ricas e profícuas tendências culturais que estão a acontecer hoje naquela geografia.

Escolhemos falar aqui de dois desses grupos, o segundo porém já fazendo parte do consumo «must», para da sua própria existência podermos tirar um duplo sentido de ilações. Que um determinado tipo de militantismo político inscreve-se numa vaga músico-cultural já em declínio, como é o caso do punk dos Crass, ou que a excepção nestes 80 faz-se pela articulação da perspectiva política com o condicionamento subjectivo, como o demonstram os Bronski Beat em relação à sua homossexualidade. Que uma música de características fortemente violentas (Crass) pode ser expressão de preocupações pacifistas ou que as ambiências sintéticas, bizarramente futurantes, não excluem o posicionamento socialista (Bronski Beat).

Em termos temporais, o que desejámos conjugar foram dois modos de «aproach», entre outros, que separam os anos de 70 e estes que vivemos, e que nuns e noutros foram desvios às linhas dominantes. Se o o niilismo punk era não formulado, apenas uma definição de atitudes, o anarquismo

CRASS (crasso, grosseiro, espesso, grosso, estúpido)

crasso — cerrado, denso
grosseiro — falto de delicadeza, imoral
espesso — compacto, opaco
grosso — volumoso, abundante, consistente, incivil
estúpido — bruto, desagradável, sem sentimentos

- «Do you think I was born on this wretched earth for you to govern and kill?»
- «I shout in the streets and you take my voice, this sham of democracy leaves no choice»
- «You've taken my thinking, my means of survival, thrust in my hand your gun and your bible»
- «In the beginning they said there was light./Well there ain't much left of it now./We're lost in the darkness, searching sound and sight»
- «Just want my own life. I want to be free/So you can be you, and I can be me».

●

«O rock não pode ser politizado (...). O rock diz-nos respeito a todos, ele é a voz colectiva do povo, não uma plataforma para a mitologia da classe trabalhadora ou para a ideologia socialista. (...) O rock tem a ver com a liberdade, não com a escravidão, tem a ver com a revolução do coração e da alma e não com a convolução da mente. Dizer que o punk é, ou devia ser, 'classe trabalhadora', é removê-lo falsamente das raízes não classistas da 'verdadeira revolução do rock' da qual cresceu. O punk é uma voz da dissidência, um ataque completamente de fora a todo o sistema, e tanto despreza os estereótipos da 'classe trabalhadora' como os da 'classe média'. O punk ataca as barreiras de cor, classe e credo (...)»

●

«O movimento da paz e o 'rock'n'roll' são ambos uma reacção contra um mundo cada vez mais dominado pelos homens cinzentos da guerra e pelos seus pensamentos cinzentos, ambos rejeitam o brilho vazio do consumismo, ambos representam a revolução contra os valores da sociedade 'normal'.»

●

punk real = energia real

●

«O punk não é uma moda lançada pelos 'media', é um modo de vida. (...) É a música do povo. (...) Todos os dias a TV, a rádio e os jornais manipulam e dirigem os pensamentos do público em geral, dizem-lhes o que pensar e como pensar (...) identifica-se a ameaça, selecciona-se um bode expiatório conveniente e vai-se usá-lo para dar descrédito à ameaça.»

●

música livre, espaço livre, mente livre

●

«Nós abrimos a nossa casa na mesma altura em que muitos outros estavam a fazer o mesmo. O assim chamado 'movimento comunal' foi o resultado natural do desejo de gente como nós em criar vidas de cooperação, entendimento e partilha. (...) Se nós conseguíssemos aprender a partilhar a nossa casa talvez aprendêssemos a partilhar este mundo e esse é o primeiro passo para a sanidade. (...) Nós queríamos oferecer um lugar onde as pessoas poderiam ser algo que o sistema nunca lhes tinha deixado que fossem — elas próprias.»

●

Um mundo onde as pessoas tirariam ao Estado o que o Estado tinha roubado às pessoas

revolução do rock'n'roll

●

«Desde o princípio dos tempos a doença mental tem sido uma poderosa arma política contra aqueles que tentam, ou realizam, a transformação social. Um grande número de definições de «loucura» são meras invenções pelas quais os que têm autoridade conseguem neutralizar aqueles que se atrevem a questionar a sua realidade. (...) Deixando as pessoas aprenderem a partir da experiência da sua dita «loucura», em vez de as punir por isso, novas vias de pensamento radical poderiam realizadas, novas perspectivas criadas e novos horizontes alcançados.»

●

Trabalhar em direcção a uma visão partilhada do futuro

●

Nós nascemos livres, mas quase imediatamente somos sujeitos a um condicionamento preparativo para uma vida de escravização ao sistema. Somos moldados pelos nossos pais, professores, patrões, etc., para nos conformarmos com o que «eles» querem de nós (...) Milhões de pessoas são governadas por bastante poucas; milhões de vidas de dura escravidão simplesmente para que esses poucos possam gozar os privilégios que são o direito de nascimento de nós todos.»

●

«Aqueles que advogam a revolução armada têm o fito de oprimir os que vêem como «inimigos» exactamente da mesma maneira como esses «inimigos» os oprimiram, a bota está simplesmente noutro pé. A força só pode levar ao ressentimento; se a força for usada para fazer com que alguém faça algo contra a sua vontade, ele há-de contra-atacar (...) Se uma revolução for ganha por meios violentos isso vai inevitavelmente criar uma reacção violenta; o círculo vicioso da violência vai rodando e nada a não ser o nome do opressor terá mudado.»

●

Eu vou usar os meus próprios olhos
Vou tomar as MINHAS decisões
Viver a minha vida

●

o amor é o «instinto natural» e a violência é simplesmente o resultado de o amor ter sido pervertido pelos sistemas sociais opressivos e repressivos

●

«Os Estados tanto de direita como de esquerda empregam a força para manter o poder (...) O Estado mandou sempre as «classes trabalhadoras» para as frentes de combate (...) Nós podemos aprender a rejeitar a merda que nos dizem ser 'o facto da vida'. Nós podemos exigir e criar algo melhor.»

subverter o sistema que perverte as nossas vidas

«A opressão de esquerda na Polónia, ou a opressão de direita na Irlanda do Norte, qual é a diferença?»

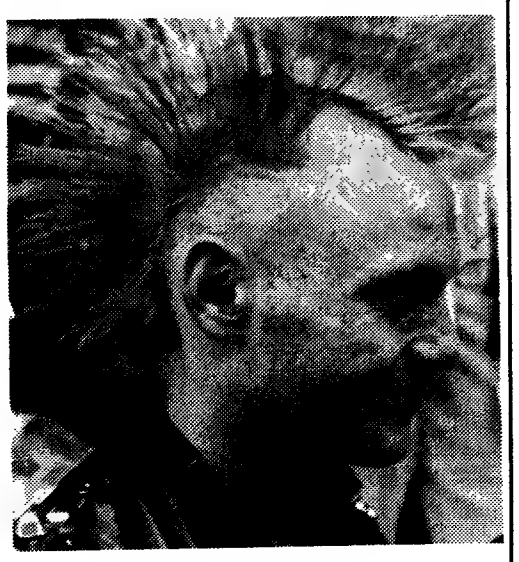
●

«Neste mundo, pessoas respeitáveis, espertas e seguras, trabalham, dia sim, dia não, para manter a mentira. Eles sabem do abuso e da crueldade, sabem da desonestidade e da corrupção, sabem da completa falsidade da realidade em que vivem, mas não se atrevem a voltar-se contra isto porque, tendo investido tanto das suas vidas nisto, eles estariam a voltar-se contra si mesmos, e assim mantêm-se silenciosos — a silenciosa, violenta, maioria. (...) eles são os fascistas «reais». (...) O fascismo está tanto nos corações das pessoas como nas mentes dos seus líderes potenciais.»

NÃO HÁ NENHUM FUTURO A NAO SER O NOSSO PORQUE NÃO HÁ NENHUMA AUTORIDADE A NÃO SER A NOSSA.

este é o nosso mundo, ele é nosso e foi-nos roubado — nós exigimo-lo de volta
eles chamam-nos de punks

O pacifismo tem as soluções para o problema



da violência. O anarquismo tem as soluções para o problema do poder.

Nós somos prisioneiros desta realidade até criarmos a nossa.

Crass, o grupo musical, o núcleo de opinião anarco-pacifista, a comunidade. Eles são os últimos dos «punks», os últimos dos libertários tradicionais. Também morrem, os grandes elefantes. E se alguma majestade mantêm quando agonizam, é bem a morte que se lhes impõe.

Três grandes movimentos de juventude, com a sua subjectividade e postura próprias, marcaram as três décadas que passaram: nos anos 50 os «beatnicks», nos 60 os «hippies», nos 70, precisamente, os «punks». Estes 80 são agora o tempo da dispersão, da perca da referência primeira. Estamos em movimento. Soltos.

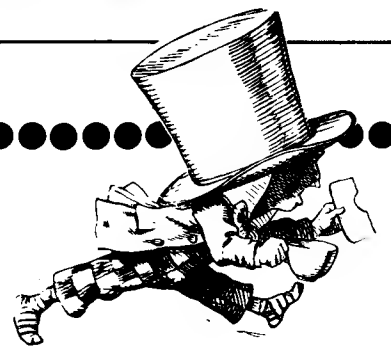
Os Crass foram o auge e a consciência do «punk» britânico, mas também o fenómeno à parte, já que as linhas dominantes, que foram do niilismo radical a algumas posturas neonazis mas com a característica comum de assumirem a violência contemporânea e fazerem mesmo a sua apologia e a sua prática, não se preocuparam na formalização de um posicionamento político, social e cultural. Os Crass fizeram-no, apresentaram-se como uma voz da contracultura e da autonomia e uma expressão do anarquismo mais organizado, permitindo-se a intelectualização do movimento «punk».

E, diferentemente das outras bandas musicais e de outros grupos de reconhecimento, os elementos que compõem os Crass são directos herdeiros da perspectivação pacifista e libertária que foi anteriormente feita pelos «hippies». Inicialmente uma estranha inclusão na vaga «punk», mais tarde, e com a proliferação de «punks» por outros países do Mundo (nalguns dos quais com uma presença quantitativa inesperada, casos da Jugoslávia, Brasil ou Holanda), o posicionamento Crass veio a ter reflexos, juntando-se este completamente diverso tipo de militantismo às lutas encetadas por grupos como os ecologistas, não violentos e antimilitaristas, as feministas e os homossexuais, os regionalistas e a grande variedade de minorias em esforço de emancipação ou de expressões contraculturais e alternativas.

Dos «hippies» ficou a opção pela vida comunitária; do velho anarquismo a ideia muito rousseauniana de que o Homem é naturalmente bom e que é a sociedade que o corrompe; do «punk» a rebeldia, o afrontamento, o desafio; do pacifismo o arquétipo pronunciado de Gandhi, natural se compreendermos como ele veio a influenciar o subconsciente cultural britânico.

Porém, a postura Crass foi deixando de ter relação reactiva com a presente realidade, contribuindo para o desfasamento a própria ortodoxia político-social e a não contemplação das aquisições das ciências sociais e humanas. A sua crítica radical do democratismo revelou-se inapropriada, já que novos dados de reformulação da democracia surgiram, com o seu alheamento; a sua denúncia do capitalismo foi-se tornando mais acentuadamente obsoleta, primeiro porque os modelos de base utilizados já não eram os mais eficazes e lúcidos, depois porque nestes últimos anos, nos países mais desenvolvidos já em transição para um pós-industrialismo e uma pós-modernidade, o próprio capitalismo adoptou novas caracterizações. Mas razão ainda mais forte será esta: o «punk», muito simplesmente, entrou em processo de queda. 1985 é um ano de ausência de modelos, e o «punk» era ainda uma racionalização dos modos de estar.

Correspondendo ao papel de mediatização que é acima de todos o de um jornal, incluímos aqui um apanhado de fragmentos, ora apenas traduzidos ora adaptados, da escrita Crass. Retirámo-lo do destacável incluído no duplo LP «Christ — The Album/Well Forked But Not Dead», lançado em circuito paralelo, em 1982. Um marco de passagem, na passagem. Não, o «punk» não está ainda morto, mas vai ficando, num acto criativo.



BRONSKI BEAT

Os anjos

Enquanto que os Grass são o rasto de todo um movimento musical e de juventude dos últimos anos da década de 70, estes Bronski Beat são já uma banda só possível nos anos 80, o punk dando lugar a outra consepção da música e da postura, a de uma pop sofisticada, que utiliza exaustivamente os proveitos tecnológicos e as mais recentes aquisições da engenharia sonora e das potencialidades dos sintetizadores, única instrumentação usada pelo grupo.

Assim, se no punk dos Crass a sublimação musical da rebeldia era a constante, nos Bronski Beat encontramos as ambiências tratadas, intencionalmente artificiais, em que muito ajuda a vocalização feita por Jimmy Sommerville que tem sido adjectivada de angélica. Não se pense, porém, que esta sua característica decorre de um desinvestimento social e político. O som dos anos 80 é, de facto, apolítico, mas os Ronski Beat são neste cenário uma excepção — os três rapazes são assumidamente de esquerda e Jimmy, em especial, um socialista activo. A sua prática musical decorrendo de tal posicionamento, é ainda de militantismo, contrastante com as restantes tendências da pop sintética, que se poderia dizer não só apolíticas como até antipolíticas, no seguimento, aliás, dos modos de estar da juventude ocidental na actualidade.

Mas também noutra particularidade os Bronski Beat contrastam com as mais das bandas musicais e da presente movimentação da juventude: eles são, a par por exemplo dos Frankie Goes to Hollywood, a frente de uma tendência individualizada que a Imprensa musical rotulante chamou de «rock homossexual». Na realidade, este grupo apareceu na cena musical **gay**, tocando nas noites dos **pubs** «pink» de Londres, e depois de o seu espaço de actuação aumentar para fora dos círculos homossexuais restritos tal característica acompanhou-os sempre, conjugada em termos também de militantismo emancipativo. Ora, o que os distingue é o facto de haver hoje um verdadeiro culto da androgenia e da ambiguidade sexual, radicalmente apartada dos formalismos hetero e homossexual. Tal está por exemplo patente na imagem pública de alguns dos grupos pop, nos arranjos da roupa, nos artefactos usados, na maquilhagem, nos cortes de cabelo.

Isso tem igualmente a ver, mais possivelmente o serem socialistas, com a sua apresentação aos «media» — três rapazes com um «look» banalíssimo, talvez com o toque das suas origens operárias, em que nem mesmo a homossexualidade é aparentada, fazendo-nos ver que hoje, ao contrário de em alturas anteriores, é a bissexualidade que mais incorpora o fantasismo.

●

Mas este grupo que deu vários concertos em benefício dos mineiros britânicos em greve, colaborando assim para um importante fundo laboral, depressa começou a viver as próprias contradições. A sua ascensão aconteceu muito rapidamente: aparecidos em 84, o sucesso foi instantâneo, demasiado instantâneo. Preocupados cõm uma mensagem interventiva (**«as nossas letras são sobre políticas humanas»**), os Bronski Beat não estavam preparados para os milhões, o champanhe, os Mercedes.

Socialistas convictos, mas um pouco angélicos, não conseguiram entender a máquina capitalista que os enquadrava, continuando sempre os mesmos rapazes da periferia. Só Anthony Kawalski, o «manager» do grupo e considerado o «quarto» Bronski Beat, tem o sentido das implicações, ele que, também homossexual, é apoiante dos sociais-democratas, o que motivou uma zanga entre si e Jimmy, o trabalhista radical — talvez por essa lucidez, Anthony teve a ideia da constituição da Forbidden Fruit, etiqueta que lhes possibilitaria o autocontrolo das actividades. Mas isso, evidentemente, não era o suficiente para se defenderem do súbito vértice. Surgem, pois, as tensões, os traumas.

Três amigos que antes se reuniam para por gozo comporem canções passam a muito profissionalmente, marcar tal ou tal dia para que mais um título possa nascer, funcionalizando as suas relações. Reduziu-se a comunicação entre eles, começou a desconfiança mútua sobre quem deveria liderar a banda. Os efeitos na música foram óbvios. É Larry Steinbachek, manipulador e programador de sintetizadores, quem diz: **«Nós gravámos uma nova canção chamada 'Close to the Edge' ('À Beira do Abismo') e as letras do Jimmy são todas elas sobre** *'Se eu cair vais-me apanhar? Se tudo acabar, estarás no fim?'* **Era a melhor canção para se gravar na altura — estava tão próxima daquilo que sentíamos emocionalmente, o estarmos a andar sobre uma corda bamba.»**

O outro encarregado dos sintetizadores, Steve Bronski, de cujo apelido vem parte do nome do grupo, teve ocasião também de dizer: **«Aconteceu tudo tão rapidamente que eu fiquei completamente desnorteado... De repente vê-se a tua cara e ouvem-se as tuas canções por todo o lado. Foi realmente desorientador. Desfiz-me em lágrimas em Nova Iorque. Não conseguia aguentar aquilo, queria voltar para casa. Eu até aí só tinha estado em Glasgow e em Londres. Estava amuado e mal-humorado e comecei a chorar como um bebé.»**

●

Bronski Beat, uma banda socialista e «naive», «naive» na mesma medida em que socialista. Eles são o grande exemplo do «underground» que reage mal quando vem à luz do dia — o sucesso, a popularidade, o dinheiro, a intensificação dos compromissos, as exigências editoriais, o ritmo alucinante dos espectáculos significam algo que lhes é essencialmente contraditório. A sua é uma condição subterrânea, de círculos político-culturais circunscritos: autónomos por caracterização, lutadores pela dignidade **gay**, tudo estilhaçou quando se tornaram moda, grupo de audição obrigatória para se poder dizer que se está na crista da onda.

Quem reagiu pior foi o «ideólogo» do colectivo, Jimmy Somerville, que desapareceu na altura de maior pressão. A Imprensa precipitou-se a dar a notícia: «Bronski Beat desfazem-se.» Jimmy sentia-se atingido no âmago mais fundo das suas convicções, o que estava a acontecer com o grupo punha-lhe em causa as perspectivas e os ideais. Cortou relações com Steve Bronski, embebedou-se ante a perspectiva de receber um prémio da **BPI Awards («Odiei toda essa coisa; os Awards são apenas um tributo à máquina de promoção. Não têm nada a ver com o talento, mas com o produto»).** A grande crise foi em Fevereiro, mas estamos em Junho e eles continuam. Jimmy tinha dito que, para que tal acontecesse tinham de haver grandes mudanças. Fizeram-se, realmente? Ou os Bronski Beat acabaram por, muito simplesmente, aperceberem-se da conveniência de uma acomodação?

Nós sempre soubemos que os Bronski Beat iam ser abertamente homossexuais e que também íamos ser políticos, mas eu era aquele que ia ser o atiçador do fogo. Não sou o tipo de pessoa para me juntar a um partido político, mas eu posso ver onde é que as coisas estão erradas, onde é que os ricos exploram os pobres, e um dos, meus principais motivos para estar nos Bronski Beat é tentar comunicar um pouco.

— Jimmy Somerville

Acrescentado à crise de consciência de Jimmy Somerville esteve um trauma psicológico — Jimmy foi preso por «grave indecência», e a publicidade do caso alastrou como um inoêndio de floresta. Aconteceu no Hyde Park, e teve logo que deparar com dois polícias «bonitinhos». «(...) entrei numa fase de ficar aterrorizado por sair para lá da porta, sentia-me verdadeiramente vulnerável. E estava preocupado por causa da minha mãe — não pela sua reacção, mas no caso de as pessoas chegarem-se a ela na rua e embaraçá-la.»

●

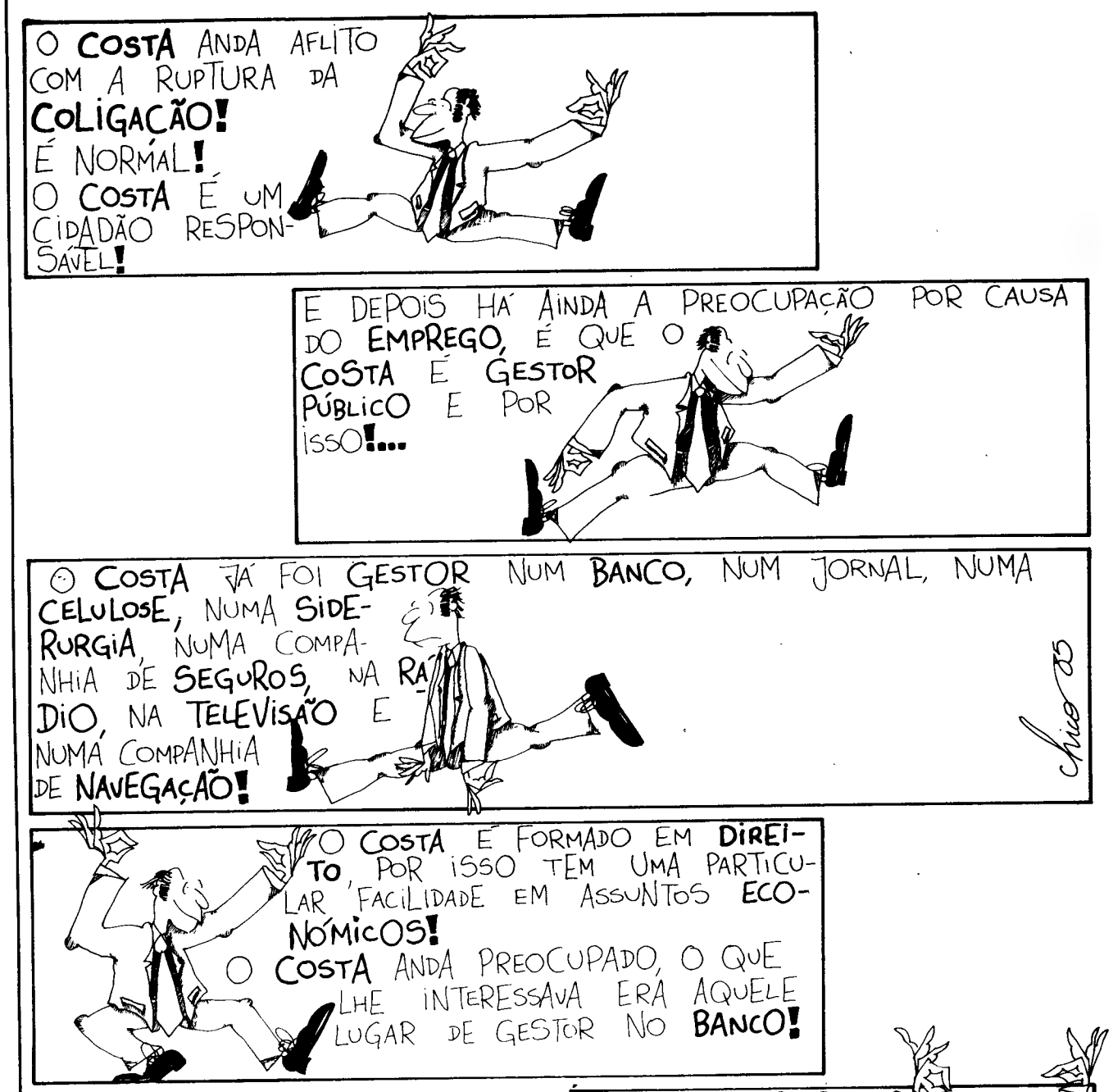
O militantismo dos anos 80 é substancialmente diverso do que se concebia e praticava ainda há cinco anos atrás. As novas tendências dos anos 70 chegadas até nós vieram configurar a actuação político-social que mais tem a ver connosco, com aquilo que mais directamente nos diz respeito: a ecologia, a emancipação sexual, o pacifismo, a reivindicação autonómica, o regionalismo, a libertação microcultural são as lutas de agora, contrapostas ao teatro estéril do cristalizado modelo representativista.

É o que acontece com os Bronski Beat — eles ligam muito intimamente a opção socialista com a condição homossexual, e poder-se-ia mesmo dizer que são socialistas porque são **gay**. O socialismo que entendem é o tipo de sociedade em que nenhumas restrições, nenhuma opressão, se farão à nossa subjectividade e liberdade; é socialista a sociedade em que o ser-se homossexual não obriga a ser-se reprimido.

É esta posição, aliás, que explica terem os Bronski Beat tudo a ver com este 11 de Junho de 1985.

As transcrições feitas dos três Bronski Beat foram retiradas de uma reportagem incluída no número de Abril da revista britânica «The Face».

doces crónicas



Sinais dos Tempos

Continuação da pág. 1

Ecologia nuclear

Duas linhas de força do discurso ecologista e radical têm sido a preferência do pequeno e a reivindicação antipolutiva. Os suíços deram a resposta: uma minicentral nuclear, podendo conceber a energia necessária para toda uma cidade, por meios absolutamente não poluentes. E o novo SHR, pensado pelo Instituto Federal de Investigação, e foi preocupação dos seus inventores que o projecto se baseasse num mecanismo que impeça rigorosamente que a radioactividade se escape, de modo a ser mais segura que qualquer das centrais já em funcionamento. O custo da sua construção está orçado em trinta milhões de francos suíços, o que, para uma longevidade de trinta anos, e em comparação, não é perspectiva má.

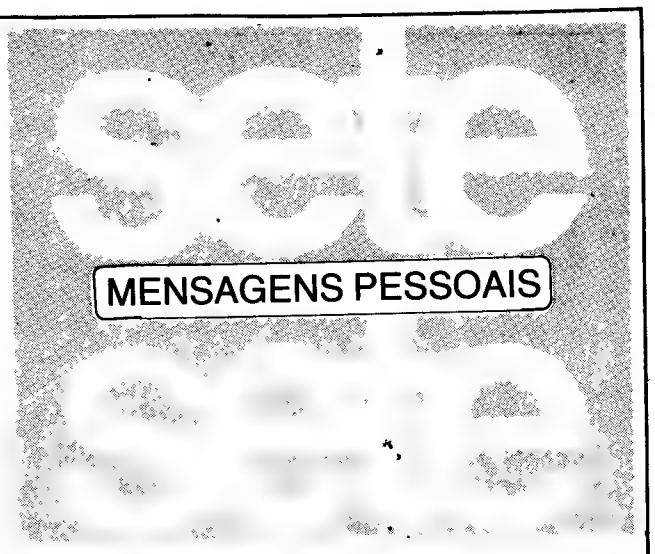
Inesperadamente, alguns ecologistas estão a repensar a sua posição antinuclear — mais políticos que naturalistas, ficam mais aliciados pela ideia de uma organização societal diversa da do gigantismo e centralismo das sociedades actuais do que incomodados pelo grande problema: o dos resíduos nucleares, que são, ainda e sempre, a mesma batata quente. É que se começa a pensar — «não estão eles agora apostados em fazer voltar o carvão, a mais poluente das energias? Não será o nuclear, apesar de tudo, preferível?» Começam a haver, de facto, os ecologistas que não são mais contra o nuclear. Esperam-se os próximos episódios...

Novas tendências da publicidade francesa

Quem vê usualmente televisão decerto já reparou em dois ou três anúncios de origem francesa que são divertidos e agradáveis de ver, o que, no bombardeamento de publicidade a que a RTC nos sujeita, de muito má qualidade, ineficácia e pirosismo, é uma excepção feliz.

Se desfolharmos algumas revistas francesas a mesma concepção inteligente e jovial do que deve ser um anúncio publicitário se nos vai repetidamente deparar. Não resistimos a dar um exemplo, o das canetas Pentel. São duas páginas inteiras, e só na metade inferior direita aparece uma ilustração, precisamente da caneta, desenhada, com caracteres acima e abaixo. O resto do espaço está em branco, excepto uma pequena frase, de tamanho reduzido, escrita à mão, que diz assim: MERDA, QUE FINEZA!

Responsável de edição, João Mendes
Correspondência, «Diário de Lisboa»/Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 Lisboa



Barco tipo «piroga»

Novo, c/ remos, 3,00m, peso 30kg. 15 contos. Telef. 2210534 das 20.00 às 23.00h.

Fato de mergulho

Compro em 2.ª mão, bom estado, estatura média. José Rui Gonçalves. Tel. 2240634, depois das 20.30.

Máquina de escrever

Escritor (não de ficção) precisa máquina de escrever, preferência portátil. Se não utiliza a sua, venda-ma, barata. J. Campos. Telef. 2470336.

Carabina 22

Vende-se carabina BSA, calibre 22, completamente nova. Contactar telefone 2687798, depois das 19 horas.

Revista Manchete

Vende avulso várias colecções ou separados. Preço reduzido. Telefonar manhã ou à noite. Telef. 607415.

Baby-sitting

Aux. de educadora de infância, oferece-se para baby-siter. Telefone 604567.

Pousada da Bela Vista

Abertas inscrições para centro de férias para jovens deficientes com idades entre os 12 e os 20 anos para o mês de Agosto. Informações na Delegação de Santarém da APPACDM, Quinta Nossa Senhora do Rosário — Vale de Santarém. Telef. 76106 e 16160.

Austin 1000

Vento Austin 1000 nov. 1980 pintura nova 35 000km. Telefone 712087.

Renault 9

Vendo Renault 9 com 16000 km de 1983. Telef. 363773 de Lisboa.

Lagoa — Algarve

Vende-se casa bem situada por 1800 contos. Quatro divisões, cozinha, casa de banho, pequeno quintal, 16 metros de frente, duas portas, quatro janelas, de esquina, térrea, 200m. Escolas primárias, perto dos Correios. Trata o dono, Rogério Correia das Neves, Bairro de Che-Lagoense, lote 67 8400 LAGOA — ALGARVE.

S. Pedro de Muel

Aluga-se apartamento T1. Junho - Julho - Agosto - Setembro. Telefone 313089 de Lisboa.

Portimão

Alugo, em Portimão, apartamento novo, perto da baixa, durante a 2.ª quinzena de Agosto ou/e mês de Setembro procurar José Martins Capinha pelo telefone 082/24831 ou, no próprio local, na Rua Padre Filipe, n.º 23, 8500 Portimão.

Regulamento:

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.

Sir Yehudi Menuhin

"A música é um meio de amar os outros"

Julie Benson

Serviço especial EFE/«DL»

O famoso violinista Yehudi Menuhin já poderá usar o seu título de Sir uma vez que se naturalizou britânico. Nomeado «Cavaleiro da Ordem do Império Britânico» pela Rainha Isabel II, em 1965, não podia utilizar este título por não ser britânico, mas agora com esta nacionalidade já não existem problemas.

Menuhin nasceu em Nova Iorque, em 22 de Abril de 1916, filho de Masche Menuhin e de Marutha Sher.

Desde muito cedo Menuhin revelou-se um prodigioso violinista. Com cinco anos, deu o seu primeiro concerto público na cidade de San Francisco.

Os seus pais levavam-no sempre aos concertos da Orquestra Sinfónica de San Francisco e o primeiro violinista Louis Persinger foi o primeiro a descobrir as grandes aptidões musicais do pequeno judeu que seria também discípulo de Enesco e Buch.

«Creio mais no talento individual da criança do que em crianças prodígio» — afirmou Menuhin.

Com 7 anos, ele era considerado «a maravilha do violino» e aos 15 recebeu os títulos de «Cavaleiro da Legião de Honra de França» e de «Cavaleiro da Ordem de Leopoldo da Bélgica».

Em muitos dos seus concertos em diversas partes do mundo, Menuhin fez-se acompanhar da sua irmã Hephazibah que tocava piano. Em 1955, efectuou a sua primeira volta ao mundo, no final da qual se retirou durante alguns meses, reaparecendo na orquestra dirigida pelo grande Toscanini.

Devido à sua condição de judeu, Yehudi Menuhin teve grandes problemas nas suas relações com a Alemanha nazi. Em 1934, quando começavam a sentir-se as medidas repressivas anti-semitas dos nazis, Menuhin recusou um convite oficial para dar um concerto na Alemanha.

Pediu até que fosse revogado o desterro de Bruce Walter e de outros músicos judeus.

No final da Segunda Guerra Mundial, Yehudi Menuhin, rejeitando conselhos de vários sectores dos Aliados, actuou na Alemanha, em 1947, sob a direcção de Wilhelm Furtwangler, director da Orquestra Filarmónica de Berlim durante o III Reich que foi absolvido em Nuremberga de colaboração com os nazis.

Naquela altura, Menuhin afirmou publicamente: «Temos que unir as nossas forças para conseguir renascer das cinzas. Com ódio não reconstruiremos nada».

Defensor da paz

No entanto, as propostas de reconciliação que Menuhin fez ao povo judeu e ao povo alemão não tiveram na altura grande aceitação.

Menuhin sempre se pronunciou a favor da paz e dos direitos humanos. «Penso que a violência é o último refúgio que o homem deve procurar e creio que a música não existe se não for um meio de amar os outros».

Director de numerosos festivais e da Academia que tem o seu nome em Surrey (Inglaterra), dedicada à formação de jovens violinistas, Menuhin é, sobretudo, um poeta da música.

«Talvez seja o piano, entre todos os instrumentos musicais, o mais ecléctico, mas é o violino que tem o lamento mais humano» — comentou.

Menuhin ocupou todo o tipo de cargos, foi nomeado Doutor Honoris Causa pelas Universidades de Oxford, Cambridge e Sorbonne, recebeu distinções como o Prémio Nobel da Paz em 1968, o Yawahasjal Nehru, o Prémio da Paz dos Livreiros Alemães.

Apesar de tudo, Menuhin continuou a ser um homem simples. «A vaidade é a única saída que resta aos loucos» — afirmou — «Os grandes artistas são sempre verdadeiros, embora ao dizer isto possa incorrer nessa vaidade que não quero desfrutar».

Dois grandes homens elogiaram Menuhin. O famoso cientista Albert Einstein disse: «Com o violino ele provou-me que Deus existe». Gandhi afirmou: «Eis aqui um homem que, como eu, crê no amor universal».

«A paz e a fraternidade são duas utopias pelas quais merece a pena lutar para ver se, com um pouco de sorte, se transformam em realidade» — declarou Menuhin.

Dois casamentos e quatro filhos

Em 1938, Yehudi Menuhin casou com Nola Ruby Nicholas, com quem teve dois filhos: Zamira, casada com um pianista chinês Fon Ti Song, e Jeremy, também um pianista de grandes qualidades.

Em 1947, Menuhin casou com a bailarina irlandesa Diana Rosamud, que lhe deu dois filhos: Krov, um cineasta, e Gerard, um cientista dedicado ao estudo das espécies marinhas.

«Sinto-me muito orgulhoso deles» — disse Menuhin — «Hoje como ontem têm sido uns filhos extraordinários».

Yehudi Menuhin é autor de livros como «O Violino: seis lições com Yehudi Menuhin» (1971), «Temas e Variações» (1972), «O Violino» e «Violino e Vida» (1976). E também autor de livros autobiográficos: «Um dia inacabado» e «Yehudi Menuhin visto por si mesmo».

Apesar de tudo afirmou: «Prefiro que sejam os outros a escrever sobre mim, porque eles vem melhor os meus defeitos».

Menuhin possui 30 violinos, entre eles dois «Stradivarius», de 1714 e 1718, e um «Guarnieru», de 1742. «Gostaria que um dia quando eu morrer, eles fossem parar a mãos tão amantes como as minhas».

Yehudi Menuhin tem actuado para monarcas, chefes de governo, multimilionários, aristocratas, muitos dos quais considera amigos íntimos.

Tem particular afecto aos Reis de Espanha. «A Rainha Sofia conhecia-a quando ainda era menina, assim como a sua irmã Irene. Também me sinto honrado com a amizade desse grande homem que é o Rei (Juan Carlos) de Espanha» — observou.

«Gostaria de ver, antes de morrer, que o mundo abre a porta à felicidade» — disse Yehudi, um septuagenário — «Seria uma boa morte»...

Menuhin: da juventude impetuosa e criativa à maturidade serena e magistral

Dyango

Com "Corazon magico"

"Romântico" visita Portugal

Dyango é actualmente um dos mais famosos intérpretes latinos da chamada canção romântica. O cantor esteve recentemente entre nós para promover o seu último disco, 'single', «Corazon Magico» extraído do duplo álbum que acaba de editar, e que reúne 25 das suas melhores interpretações e contém, duas canções novas, «Un Caso Sério» e o 'single' publicado em Portugal.

Dyango gravou mais de 20 Lps e actuou em grande parte das mais importantes salas de espectáculos da América Latina, Estados Unidos e Espanha. Nascido em Barcelona, José Gomez Romero, seu verdadeiro nome, é uma pessoa tímida e introvertida. Filho de um músico, ingressou muito novo no conservatório onde aprendeu piano e violino.

Anos depois, terminados os estudos, formou um grupo com alguns colegas de conservatório e durante dois anos actuou um pouco por toda a Europa.

Pouco depois a banda desfez-se e Dyango voltou a Barcelona, ingressou no grupo de Patrik Jacke, um músico belga que actuava na altura numa discoteca da cidade, desfrutando de grande popularidade.

Um dia Patrick não pode cantar e foi Dyango que o substituiu. A sua voz original agradou de imediato. Decidido a enveredar por uma carreira a solo, Dyango nunca mais teve mãos a medir. Contava então 23 anos e as solicitações para gravar e para participar em festivais não tinham fim.

Na Argentina, o disco «Lejos de Los Ojos» valeu-lhe quatro discos de ouro e dezenas de convites para a televisão e para o cinema. Em 1974, assinou contrato com a EMI e, o sucesso que obtivera na Argentina, alastrou-se a toda a América Latina. Contudo, em Espanha, só há pouco tempo é que Dyango é um nome verdadeiramente conhecido. Aí o seu primeiro êxito foi um velho tango «Nostalgia». Depois Dyango nunca mais abandonou os tops espanhóis.

"Friends" e "Sétima Posição" no teatro Maria Matos

De 12 a 22 de Junho, o grupo de dança «Sétima Posição», dirigido por Liliane Viegas, vai estrear, no Tetro Maria Matos, a sua nova temporada de 1985, com dois programas diferentes em co-produção com a Companhia Internacional de Dança de Redha Benteifour, «Friends».

A iniciativa que, segundo os seus responsáveis, «não envolve quaisquer intuitos lucrativos», conta com o apoio da Mobil, da Câmara Municipal de Lisboa e da Rádio Comercial.

Redha Benteifour seguiu o «itinerário lógico da formação de bailarino que o conduziu de Cannes até ao ballet de Los Angeles». Nos Estados Unidos, Redhã seguiu os cursos de Stanley Holden, Jaimi Rogers, Lester Wilson e Claude Thomson. De volta a Paris, Redhas, sem deixar à sua carreira de bailarino, começou também as dedicar-se à coreografia , tendo iniciado por este ramo a sua colaborção com a televisão.

«Friends»: o grupo de Redha Benteifour a partir de amanhã no Maria Matos

"Jerry, tu és louco" *de Jerry Lewis*

Jorge Leitão Ramos

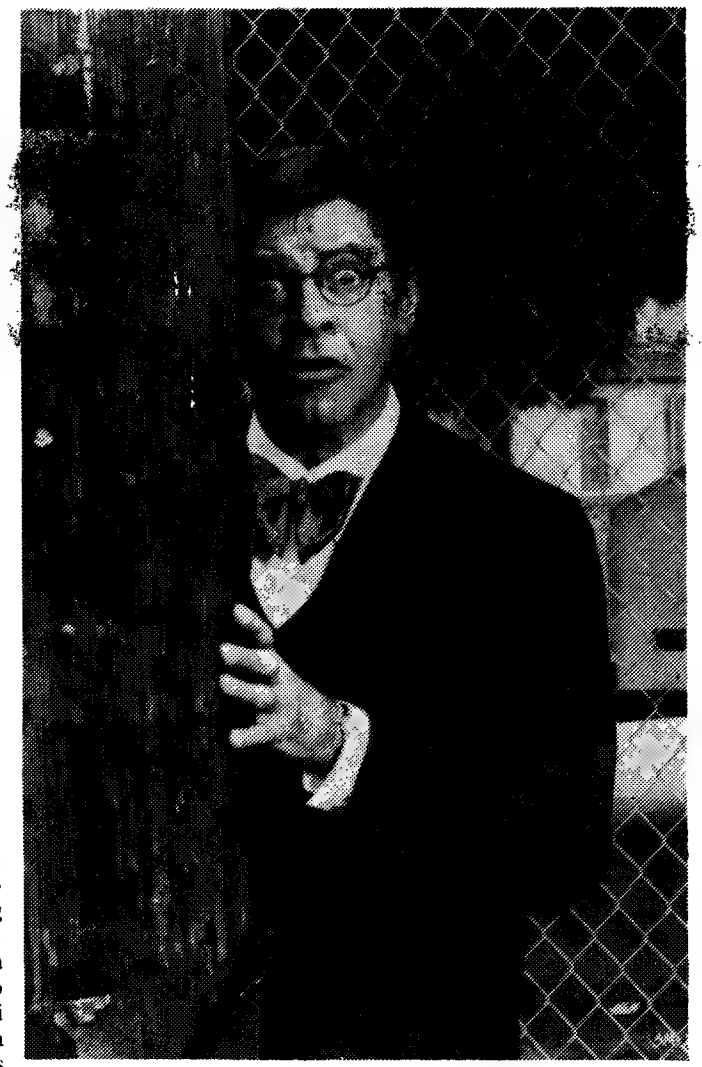
Por muito que se admire Jerry Lewis não é possível deixar de constatar que a grande figura do burlesco nos anos 60 parece acometida de (inesperada?) decadência.

Jerry Lewis é uma daquelas personalidades cinematográficas que sofreram um percurso em claro/escuro. Durante anos considerado como um vulgar comediante de caretas, de súbito descoberto como autor genial, o seu longo silêncio nos anos 70 veio dar ao relançamento da carreira, operado na década de 80, uma espécie de aura — regressava o nunca entretanto superado rei do burlesco americano.

«**Hardly working**» («**Vai trabalhar malandro**») marcou o reencontro (doce-amargo) mas foi como actor (no espantoso «**O rei da comédia**» de Scorsese) que se revelou que não há regressos que valham uma progressão e Jerry Lewis aparecia aí, contra a corrente da imagem-feita, como o reverso da felicidade «inocente» que, à primeira vista, o tinha marcado junto do público. Jerry engordara e envelhecera — morto estava o eterno adolescente e também o olhar de vigor que lançara sobre o cinema. Cansaço e cinismo — o humor não se eclipsara, tornava-se ácido, magoava — podiam ser coordenadas de um segundo fôlego que Scorsese anunciava mas que Lewis parecia fazer seu:

Erro de cálculo: Jerry Lewis quer persistir na senda dos anos 60, voltar a ser o inadaptado simpático, o homem do **gag** imediato. Faz «**Smorgasbord**» («**Jerry tu és louco**») com a displicência de um consagrado — o autor inteiro voltado para si próprio, não buscando matéria unificadora em argumento mas deixando fluir os **gags** em profusão e quase automática escrita.

Há neste filme o vício da liberdade — empunhado quando a capacidade criativa não está no seu melhor. Temos, por isso, um trabalho descosido, onde há boas ideias e ideias assim-assim, ligadas por um fio de loucura, portadoras de angústia, misturando notáveis momentos de cinema (toda a sequência inicial) com coisas de inenarrável mau gosto (o travesti de Milton Berle), fazendo rir muito, pouco ou nada e, sobretudo, vagueando erraticamente...



Jerry Lewis de volta: a decadência está aí?

Parece que o vocábulo **smorgasbord** significa (em sueco!) aperitivo — o título está certo no prazer pontual que dá, na fome que deixa. Ocorre perguntar: onde está, então, o almoço?

No meio disto tudo o que mais me confunde não é a (provável? provada?) decadência de Jerry Lewis, mas alguns textos críticos, de detirâmbico elogio, ao que é — claramente — um filme falhado e menor. Tenho a sensação que há laudas que não valem o esforço de as ter escrito e de as decifrar: é que contribuem mais para lançar a confusão que a luz e acabam por tentar justificar que não há distâncias (ou que há evolução) entre «**O homem das mulheres**» e este «**Jerry tu és louco**»; só que basta olhar o **écran** para anular esses raciocínios, a realidade é mais forte que a razão pura.

FICHA:

Título original: Smorgasbord.
Realização: Jerry Lewis (EUA-1983).
Argumento: Jerry Lewis e Bill Richmond.
Fotografia: Gerald Perry Finnerman.
Música: Morton Stevens.
Montagem: Gene Fowler Jr.
Produção: Peter Nelson e Arnold Orgolini.
Interpretação: Jerry Lews **(Warren Nefron),** Herb Edelman (**(o psiquiatra),** Francine York **(a marquesa Maria du Bois),** Milton Berle, Sammy Davis Jr., etc.
Distribuição em Portugal: Filmes Lusomundo.
Cinemas: Alfa 3 e Gemini.
Classificação: Para maiores de 6 anos.

Cinema erótico no "Carlos Alberto"

Por iniciativa conjunta da Delegação Regional do Norte do Ministério da Cultura e da revista de cultura cinematográfica Cinema Novo decorre no Auditório Carlos Alberto, do Porto, mais um ciclo de cinema de qualidade, desta vez dedicado ao erotismo.

Género cinematográfico raramente escolhido para a realização de ciclos, o erotismo granjeou certa popularidade em todo o mundo a partir dos anos 70, altura em que diversos realizadores assumiram decididamente a necessidade de se expressarem de uma forma mais aberta, aproveitando a liberalização moral da sociedade então emergente. Realizadores importantes abordaram o erotismo no seu cinema. Nomes como Buñuel, Polansky, Antonioni, Bergman, Godard e outros podiam permitir-se a «arriscar» o seu nome num filme por definição erótico, sem que vissem as suas carreiras em perigo. A sociedade teve acesso então a um tema «tabu», servido com um rótulo de qualidade, e ascendeu a uma compreensão mais profunda de uma das pulsões vitais da humanidade.

Esse movimento abriu caminho para uma nova vaga de cineastas, alguns deles vindos de países do Leste europeu que começaram a utilizar o erotismo como forma de criticarem a sociedade em que viviam. Simultaneamente foi o público colocado perante um quotidiano filtrado através de recalcamentos diversos.

Este ciclo pretende, sobretudo, chamar a atenção para um conjunto de filmes que constituíram uma larga parte das obras «libertadas» no período pós-25 de Abril e que, submersos na avalancha, passaram muitas vezes quase anonimamente. Afectados na sua promoção, os filmes do ciclo «erotismo e cinema» são alguns dos exemplos da maior qualidade dentro do tema, sem que, evidentemente, não deixem ainda hoje de ser incómodos para algumas mentes «bem» formadas.

Os filmes do ciclo

«O Império dos Sentidos» de Nagisa Oshima, um relato da história verdadeira de dois amantes cuja relação amorosa, na sua complexa comunhão encontra paralelo na extraordinária beleza estética das imagens do realizador japonês.

«Contos Imorais» do polaco Walerian Borowczyk é um dos clássicos do cinema erótico, frequentemente contestado pela violência das suas imagens, e que conta com a participação de Paloma Picasso, filha do célebre pintor, interpretando a figura da condessa Bathory.

De Robert von Ackeren passam dois filmes que recolheram fartos louvores à data da sua estreia. Assim tanto «Amor entre Mulheres» («Harlis») como «A Mulher em Chamas» («Die Flambierte Frau») são espelho da consciência incómoda da Alemanha em épocas diferentes (os anos 40 e 80); e em que a mulher é tema central.

«Uma Comédia Sexual Numa Noite de Verão» traz-nos um Woody Allen perfeitamente moderno na análise das relações entre homens e mulheres, num dos seus filmes mais recentes.

«Hubba, hubba» do dinamarquês Benni Korzen é dos filmes-chave para uma desmistificação do erotismo e da pornografia servindo-se para tal de excertos de filmes antigos, numa colagem cheia de humor e crítica.

Visões críticas, e por vezes muito duras da sociedade moderna, são analisadas em filmes vindos de proveniências tão diversas como os que completam o ciclo: «Bilbao» do espanhol Bigas Luna, «W.R. — Os Mistérios do Organismo» do jugoslavo Dusan Makavejev e «Crónica da Mais Velha Profissão do Mundo» do francês Daniel Duval. Neste último filme saliente-se a interpretação das actrizes Miou-Miou e Maria Schneider.

O programa

9 Junho — O Império dos Sentidos de Nagisa Oshima
10 Junho — Contos Imorais de Walerian Borowczyk
11 Junho — «Harlis — Amor Entre Mulheres» de R.V. Ackeren
12 Junho — Uma Comédia Sexual Numa Noite de Verão de Woody Allen
13 Junho — «W.R. Os Mistérios do Organismo» de Dusan Makavejev
14 Junho — «Bilbao» de Bigas Luna
15 Junho — «Crónica da Mais Velha Profissão do Mundo» de Daniel Duval
16 Junho — «Hubba Hubba» de Benni Korzen
17 Junho — «A Mulher em Chamas» de R.V. Ackeren.

DL CULTURAL

António Paiva, escultor que neste momento expõe na Galeria de S. Francisco

Exposições

● Continua patente ao público na Galeria de S. Francisco a exposição do escultor **António Paiva.** O artista é autor de esculturas em várias cidades e vilas do País, e recebeu o Grand Prix individual de escultura na Exposição Internacional de Bruxelas.
● Até ao dia 15 pode ver a exposição de artes plásticas que o Teatro Ibérico organizou, integrada nas Jornadas Desportivas e Culturais Beato/85, e que conta com trabalhos de **António Carmo, António Trindade, Álvaro Perdigão, Artur Rosa, Boavista Amaro, Guilherme Casquilho, Hogan, Hilário Teixeira Lopes, Ivone Balette, Rogério Ribeiro e Vergílio Domingos.** O horário é das 15 às 23 horas.
● Pela mesma hora, mas na sede social do Ginásio Clube Português, às Amoreiras, é inaugurada uma exposição «**Retrospectiva da Obra Gravada de Manuel Cargaleiro.**»
● Uma hora mais tarde, pelas 20, uma «vernissage» assinala o início da exposição de dois jovens artistas, **Isabel Alves Relvas e André Delerue,** no Espace Alliance, à Rua Braamcamp.
● A partir de hoje e até ao dia 22, das 16 às 22 horas, no Salão Nobre do Instituto Superior Técnico está patente a exposição fotográfica de **João Paulo Correia de Matos e Paulo Nuno Santos,** intitulada «E Agora?».
● Termina hoje, na Gulbenkian, a exposição «**As coisas que as crianças guardam**», uma exposição de objectos guardados por crianças de diferentes idades. Se está interessado pode dar lá um pulo, entre as 10 e as 13 ou entre as 14.30 e as 17.30 horas.

Conferência

● Integrada nas comemorações do centenário de Capelo e Ivens, tem lugar esta tarde, pelas 18 horas, no Instituto Superior Naval de Guerra, à Junqueira (Edifício da Cordearia) a conferência do Cdt. **Altino Magalhães Mota,** intitulada «A Marinha Mercante na Expedição de Capelo e Ivens de 1884-1885.»

Teatro

● Uma das mais famosas companhias de teatro espanholas está em Lisboa, para uma série de espectáculos. Trata-se do **Teatro de La Claca,** de Barcelona, que hoje se apresenta no Centro de Arte Moderna, das 10 às 19 horas. Esta Companhia, que está em Lisboa no âmbito de Exposição-Diálogo sobre Arte Contemporânea, utiliza uma ampla variedade de técnicas, algumas derivadas dos fantoches e marionetas . La Claca, dando mais ênfase ao visual do que à narração, faz com que o vulgar pareça notável e o macabro maravilhoso.
● **O Teatro do Século,** que fica no 41 da rua com o mesmo nome, continua em cena com a peça «As Artimanhas de Scapin», de Molière. A peça, que hoje sobe ao palco por volta das 21.30 horas, tem encenação de Rogério de Carvalho.
● A Cinemateca Portuguesa apresenta hoje dois filmes. Desta forma, em colaboração com o Instituto Italiano, será exibido o filme «Deserto Vermelho», realizado em 1964 por **Michelangelo Antonioni.** Um pouco mais tarde, pelas 21.30 horas, será projectado o filme do realizador indiano Kumar Shahani, «O Espião da Ilusão», de 1972, legendado em francês. Realizador de duas únicas longas-metragens separadas por um intervalo de 10 anos — Mayadarpan («O Espião da Ilusão», que é hoje apresentado) e Tarang, constituem a sua obra completa, à excepção de curtas-metragens e documentários. Shahani tem sido invariavelmente conotado com o lado mais exigente deste tipo de produção. A origem disto poderá ter a ver com a sua reputada influência ocidental — concretamente uma influência estilística de Bresson, de quem foi assistente em «Une Femme Douce» — mas a verdade é que logo na primeira «longa», Shahani compôs a narrativa e manipulou a técnica de forma única e tem-se dito profundamente «indiana».

DL CINEMAS

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

OS AMANTES DE MARIA
de Andrei Konchalovsky
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 2

TERRA SANGRENTA
de Roland Joffe
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Alfa 3

JERRY, TU ÉS LOUCO
de Jerry Lewis
(para maiores de 6 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Alfa Club

BABY — O SEGREDO DA FLORESTA PERDIDA
de B.W.L. Norton
(para maiores de 6 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45 h

Apolo 70

— T. 763319

HOTEL NEW HAMPSHIRE
de Tony Richardson
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 e 24 h

Ávila

— T. 539930

O FIO DA NAVALHA
de John Byrum
(para maiores de 16 anos)
14.30, 17, 19.15 e 21.45 h

Avis

— T. 547163

COLCHÃO EM DELÍRIO
de Jacques Lem
(para maiores de 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

OS AMANTES DE MARIA
de Andrei Konchalovsky
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Caleidoscópio

— T. 795093

ANNIE HALL
de Woody Allen
(não acons. men. 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Capitólio

— T. 372358

AS FANÁTICAS DO SEXO
(para maiores de 18 anos)
15, 17, 19, 21 e 23 h

Castil

— T. 530194

A RAPARIGA DO TAMBOR
de George Roy Hill
(para maiores de 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco

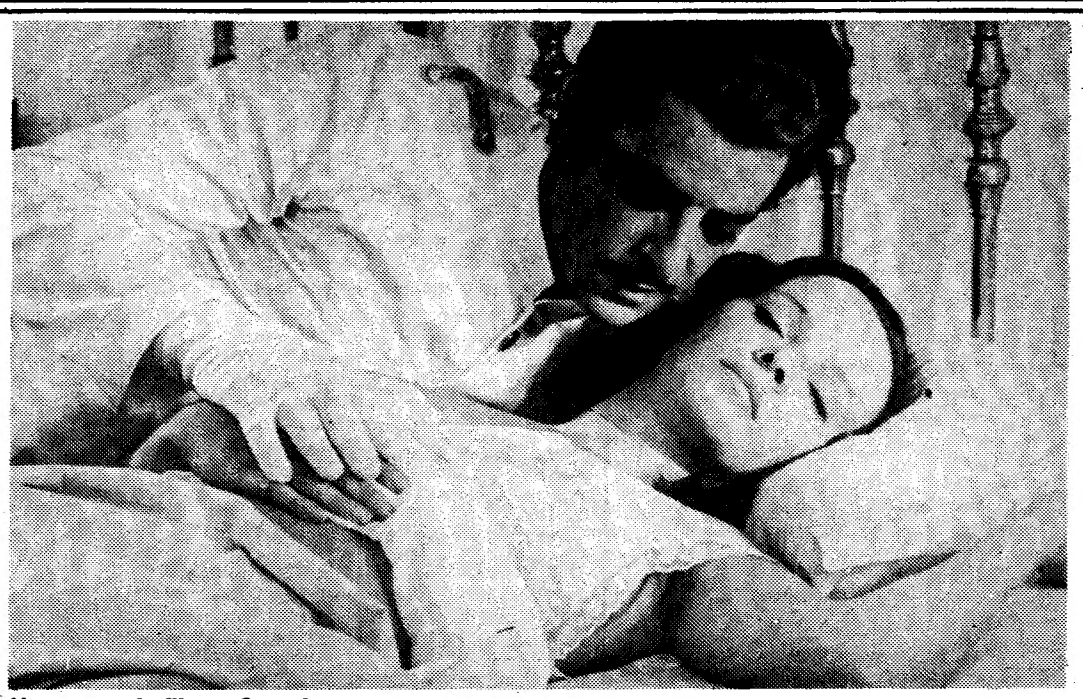
— T. 556824

O MENINO SELVAGEM
de François Truffaut
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
OS SALTEADORES DO TEMPLO SAGRADO
de Ferdinando Baldi
(para maiores de 12 anos)
24 h

Cine Camões

— T. 324194

NA SELVA DE CHICAGO
de Lewis Teague
(n. acons. men. de 18 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h



Uma cena do filme «Sexo Louco».
Realização de DINO RISI, com LAURA ANTONELLI e GIANCARLO GIANNINI.
Em exibição no Estúdio 444

Ⓟ

Cine 222

— T. 579460

RUAS SELVAGENS
de Daniel Steinmann
(para maiores de 18 anos)
14, 16.30 e 21.30 h

AVALANCHE
de Corey Allen
(n. ac. a men. de 18 anos)
24 h

Cinemateca

IL DESERTO ROSSO
de Michelangelo Antonioni
18.30 h
MAYADARPAN
de Kumar Shahani
21.30 h

Cine Portela

— T. 2524761

Estúdio Artista

OS TARADOS DO RIO LOUCO
de Robert Butler
(para maiores de 12 anos)
14.45, 17 e 21.45 h

Estúdio Sheila

O MARGINAL
de Jacques Deray
(para maiores de 12 anos)
15, 17.15 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

TENTAÇÕES IRRESISTÍVEIS
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

CAPRICÓRNIO UM
de Peter Hyams
(n. ac. a men. de 13 anos)
23.45 h

Condes

— T. 322523

O EXTERMINADOR IMPLACÁVEL
de James Cameron
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

O GRANDE MESTRE DO KUNG-FU
(para maiores de 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

CIDADE ARDENTE
de Richard Benjamin
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

2010 — O ANO DO CONTACTO
(para maiores de 6 anos)
15.30 e 21.30 h
NOSFERATU, O FANTASMA DA NOITE
(n. ac. a men. de 18 anos)
18.30 h

Estúdio 444

— T. 779095

SEXO LOUCO
de Dino Risi
(para maiores de 18 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

NA SENDA DO VÍCIO
de Henry Hathaway
(para maiores de 16 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Sala 2

SOLTEIROS... E TARADOS
de Neal Israel
(para maiores de 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Sala 3

O EXTERMINADOR IMPLACÁVEL
de James Cameron
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

Auditório 1 — T. 541037
ANA
de António Reis e Margarida Cordeiro
(para maiores de 12 anos)
19.30 h

Auditório 2
O PECADO MORA AO LADO
de Billy Wilder
(n. ac. a men. de 13 anos)
19 e 22 h

Gemini

— T. 734009

JERRY, TU ÉS LOUCO
de Jerry Lewis
(para maiores de 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

A MULHER PÚBLICA
de Andrzej Zulawski
(para maiores de 18 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24 h

Sala 2

EM BUSCA DA ESMERALDA PERDIDA
(para maiores de 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império

— T. 555134

OPÇÃO FINAL
de Ian Sharp
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

O EXTERMINADOR IMPLACÁVEL
de James Cameron
(para maiores de 16 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Sala 2

AMADEUS
de Milos Forman
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Londres

— T. 801313

AMADEUS
de Milos Forman
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Montecarlo

— T. 681117

VIVA A MÚSICA
(não acon. men. 16 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

BABY — O SEGREDO DA FLORESTA PERDIDA
de B. W. L. Norton
(para maiores de 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Nimas

— T. 574362

UM LUGAR NO CORAÇÃO
de Robert Benton
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

RELAÇÕES ESCALDANTES
(para maiores de 18 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Olímpia

— T. 325309

CONVULSÕES ERÓTICAS
(para maiores de 18 anos)
Sessões contínuas

Pathé

— T. 821933

O MAIS DURO DO TEXAS
de Richard Fleischer
(para maiores de 13 anos)
14, 16.30 e 21.30 h
1990 — OS GUERREIROS DE BRONX
(para maiores de 12 anos)
24 h

Politeama

— T. 326305

AS MOTOS DIABÓLICAS
de Richard Rush
(não acons. men. 18 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Promotora

— T. 637180

TRAFICANTES DA MORTE
de Paul Salvatore
(não acons. men. 18 anos)
15.15 e 21.30 h

Quarteto

— T. 771378

Sala 1

O BAILE
de Ettore Scolá
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.15 h
1941, ANO LOUCO EM HOLLYWOOD
de Steven Spielberg
(para maiores de 18 anos)
23.30 h

Sala 2

O HOMEM QUE SABIA DE MAIS
de Alfred Hitchcock
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.15 h
DO FUNDO DO CORAÇÃO
de Francis F. Copolla
(para maiores de 18 anos)
23.30 h

Sala 3

UM AMOR NA ALEMANHA
de Andrzej Wajda
(para maiores de 16 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h

Sala 4

TESTEMUNHA DE UM CRIME
de Brian de Palma
(para maiores de 18 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h

Quinteto

— T. 573407

2010 — O ANO DO CONTACTO
de Peter Hyams
(para maiores de 6 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
SANGUE FRIO EM ÁGUA QUENTE
de Stuart Rosenberg
(para maiores de 13 anos)
24 h

Restelo

— T. 610375

SOLTEIROS... E TARADOS
de Neal Israel
(para maiores de 16 anos)
15.30 e 21.30 h

Roma

— T. 889192

HOTEL NEW HAMPSHIRE
de Tony Richardson
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy

— T. 548560

PICANTE... MAS NÃO MUITO
de Sergio Martino
(n. ac. a men. de 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge

— T. 579144

Sala 1

CIDADE ARDENTE
de Richard Benjamin
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

PASSAGEM PARA A ÍNDIA
de David Lean
(para maiores de 12 anos)
14.15, 17.45 e 21 h

Sala 3

ENCONTRO COM O AMOR
de Ulu Grosbard
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.15 h

7.ª Arte

— T. 730715

ASAS DA LIBERDADE
de Alan Parker
(para maiores de 18 anos)
14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

A RAPARIGA DO TAMBOR
de George Roy Hill
(para maiores de 16 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

TESTEMUNHA DE UM CRIME
de Brian de Palma
(para maiores de 18 anos)
13, 15, 17, 19 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

OS AMANTES DE MARIA
de Andrei Konchalovsky
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim

— T. 706666

ESCOLA PARTICULAR
de Noel Black
(para maiores de 12 anos)
15, 17.30 e 21.45 h

Vox

— T. 880808

OS SELVAGENS DA NOITE
(não acons. men. 18 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Xenon

— T. 368480

RUAS SELVAGENS
de Daniel Steinmann
(para maiores de 18 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodíaco

— T. 570151

INFIELMENTE TUA
(para maiores de 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
MAKING LOVE
de Arthur Hiller
(n. ac. a men. 18 anos)
24 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio Lido — «Baby — O Segredo da Floresta Perdida», às 15.30 e 21.30 (maiores de 6 anos)
AMADORA — Cine-Tetro Lido — «A Mulher Pública», às 15.30 e 21.30 (maiores de 18 anos)
AMADORA — Cine Plaza — «Passagem para a Índia», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
AMADORA — Babilónia — «O Maior Espião do Mundo», às 15.15, 18.15 e 21.30 (n. ac. a men. de 13 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «Rolf, o Mercenário», às 15 e 21.30 (maiores de 16 anos)
MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «A Mulher de Vermelho», às 21.30 (maiores de 12 anos)
SINTRA — Carlos Manuel — «O Meu Ano Favorito», às 21.30 (maiores de 6 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS — 2000 — «2010 — O Ano do Contacto», às 15.30 e 21.30 (maiores de 6 anos)
ALGÉS — Stadium — «Yor, o Caçador do Futuro», às 21.30 (maiores de 6 anos)
PAÇO D'ARCOS — Cine Chaplin — «Fugitivos do Inferno», às 21.15 (maiores de 12 anos)
OEIRAS — Oeiras Cine — «A Violação», às 21.15 (maiores de 16 anos)
CARCAVELOS — Atlântida — «O Caça-Polícias», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
SÃO JOÃO DO ESTORIL — São João — «Solteiros... e Tarados», às 15.30 e 21.30 (maiores de 16 anos)
ESTORIL — Casino — «Encontro com o Amor», às 17 e 21.30 (maiores de 12 anos)
CASCAIS — Impala — «Momento da Verdade», às 16, 21.30 e 24 (maiores de 12 anos)
CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Encontro Com o Amor», às 15.15 e 21.30 (maiores de 12 anos) — **Sala 2** — «O Caça-Polícias», às 15.30 e 21.45 (maiores de 12 anos)
CASCAIS — Oxford — «Comando Especial: Homem a Abater», às 16 e 21.30 (maiores de 12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «O Caça-Polícias», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
ALMADA — Cinestúdio — «O Caça-Polícias», às 15.30, 18.15 e 21.30 (maiores de 12 anos)
ALMADA — Incrível — «O Gendarme e os Extraterrestres», às 15.30 e 21.15 (não aconselhável a menores de 13 anos)
COSTA DE CAPARICA — Caparica Oceano — Sala 1 — «Os Piratas das Ilhas Selvagens», às 15.45 e 21.30 (maiores de 6 anos) — **Sala 2** — «Aos Nossos Amores», às 16.15 e 21.45 (maiores de 12 anos)

Porto

ÁGUIA DE OURO — «McQuade, o Lobo Solitário», às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 (maiores de 12 anos)
FOCO — «Os Amantes de Maria», às 14, 16.30 e 21.45 (maiores de 16 anos)
OLÍMPIA — «Fogo no Rabo», às 14.15, 16.45 e 21.30 (maiores de 18 anos)
PEDRO CEM — «A Amante do Tenente Francês», às 15, 18.30 e 21.30 (não aconselhável a menores de 13 anos)
SÁO JOÃO — «Christiane F.», às 15.30 e 21 (maiores de 18 anos)
TRINDADE — «Cidade Ardente», às 15.30, 18 e 21.45 (maiores de 12 anos)

Farmácias

Lisboa

PERMANENTE

ALTO DE SANTO AMARO: Teles, R. João de Barros, 2, frente (T. 638176); **ALVALADE: Zil**, Av. da Igreja, 9-D (T. 891780); **BAIRRO ALTO: Azevedo Irmão & Veiga**, R. da Misericórdia, 24 (T. 323540); **BENFICA - CEMITÉRIO: Simões**, C. do Tojal, 102-A (T. 749649); **CAMPO DE OURIQUE - PRAZERES: Ourique**, R. Freitas Gazul, 32-B (T. 671667)) **CAMPOLIDE - SETE RIOS: Nova**, R. de Campolide, 297-C (T. 687475); **ESTEFÂNIA: Estefânia**, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 544438); **GALINHEIRAS -CHARNECA - LUMIAR: São Bartolomeu**, Vila Paulo Jorge, 1 (T. 790969); **MARQUÊS DE POMBAL - PICOAS: Correia Almeida**, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (T. 547385); **OLIVAIS SUL: Marta**, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SAPADORES: Zema**, R. General Justiniano Padrel, 21-A (T. 832580); **BRANDOA - AMADORA: Correia**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912); **QUINTA DO MENDES - ODIVELAS: Almeida**, Pt. à R. Tomás da Anunciação, 38-B.

REFORÇO

AJUDA: Mendes Gomes, C. da Ajuda, 222 (T. 638256); **ALMIRANTE GAGO COUTINHO: Estados Unidos**, Av. dos Estados Unidos da América, 16-B (T. 885859); **ANJOS -RUA MARIA ANDRADE: Renascença**, R. Damasceno Monteiro, 104-A-B (T. 831504); **AVENIDAS NOVAS: Figueiras**, Av. Marquês de Tomar, 20-22 (T. 544995); **ENCARNAÇÃO: Zira**, P. das Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **HOSPITAL DOS CAPUCHOS: Capuchos**, R. Luciano Cordeiro, 2-A (T. 572076); **JANELAS VERDES; S. A. E. Silva Filhos**, R. de São João da Mata, 72-74 (T. 661010); **MERCADO DO CHILE: Alcalis**, R. Carvalho Araújo, 46-B (T. 841708); **PENHA DE FRABÇA: Dimar**, R. Conde de Monsaraz, 17-B (T. 842533); **RATO: Soares**, Av. Álvares Cabral, 1 (T. 684282); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA: Vitex**, E. de Benfica, 373-B (T. 780548); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda

ALMADA: Castro Rodrigues, R. de Olivença, 11-B (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Castro Rodrigues**, L. 5 de Outubro, 62 (T. 2750121). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T. 2290911). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Normal**, Av. Alfredo da Silva, 116 (T. 2073035). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Aliança**, E. Nacional, 178B (T. 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino**. Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Fonseca**, R. do Ribatejo, 2-A (T. 2211131). Até às 22 horas; **TORRE DA MARINHA: Alves Velho**, L. de Camões, 27 (T. 221132). Até às 22 horas; **MONTIJO: São Pedro**, Av. de Camões, 16 (T. 2311133). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Marques**, R. Arronches Junqueiro, 109 (T. 22783). Permanente; **Normal do Sul**, P. do Bocage, 137 (T.22216). Permanente; **Tavares da Silva**, R. das Gaivotas, 68 (T. 29316). Até às 22 horas.

Linha de Cascais

ALGÉS: H. Amaral, R. X, lote 146, Algés de Cima (T. 2104556). Permanente; **LINDA-A-VeLHA: Moderna**, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE; Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Mourão Vaz**, Av. de Moçambique, 18-C (T. 2437196). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 2478737). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. A. Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Grincho**, Av. da República, 87-A (T. 2471204). Permanente; **MURTAL: Primavera**, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T. 930019). Até às 22 horas; **Nova**, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530). Permanente; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ: Zeller**, R. da República, 83 (T. 950045). Até às 22 horas; **CAMARATE: Mendonça**, Apelação. Até às 19 horas; **CACÉM: Araújo e Sá**, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 9240781). Permanente; **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Araújo**. Até às 22 horas; **SINTRA: Teresa Garcia**. Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias

MOSCAVIDE: Pedro Gomes, B. 25 de Abril, lote 13 (T. 2519670). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Soares**, R. José L. Morais, 15-A (T. 2518025). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 2530027). Permanente.

Porto

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

LIDADOR, R. do Lidador, 265; **DINIZ**, R. Matias de Albuquerque, 247; **SILVA PEREIRA**, R. de Costa Cabral, 293; **BOAVISTA**, R. da Boavista, 601, à Carvalhosa; **SOUSA SOARES**, R. de Santa Catarina, 141.

DL TEATROS

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — — Tel. 89 70 17

(De quarta a sábado, às 21.45).

«CONFERÊNCIA DE ALTO NÍVEL».

Teatro Nacional D. Maria II

Praça D. Pedro IV — Tel. 37 22 48

(De segunda a sábado às 21.30. Sábados e domingos, às 16.00)

«O GEBO E A SOMBRA», de Raul Brandão. Cenários de João Hogan, figurinos de Teresa Paulo e música e execução de Carlos Paredes

— 12 anos

Sala Garrett

às 18.30

«ELA NÃO SABIA SONHAR», de Denise Chalen. Encenação de Jacinto Ramos.

Sala Experimental

«A PAIXÃO DE MESTRE AFONSO DMONGUES», de António Patrício. Encenação de José Gil. Com Mário Pereira, Lygia Teles, Lourdes Norberto e Carlos Duarte.

Academia Almadense

R. Capitão Leitão, 64 — Tel. 275 21 75

às 21.30

«SANTA JOANA DOS MATADOUROS», pelo grupo **A BANDA**

Teatro do Nosso Tempo

R. José Fontana — Tel. 57 40 37

(Às quintas, sextas e sábados, às 21.45).

«CANDIDATURA ZERO», interpretada por Adélia Loureiro, António Vasco, Elisa Lisboa e Maria José Pascoal.

Ocarina

Trav. do Poço da Cidade (ao Bairro Alto) — Tel. 37 29 99

(Às segundas, quartas, sextas e domingos, às 19.00).

«O PARAÍSO NÃO ESTÁ À VISTA», de R. W. Fassbinder, pelo **GRUPO DE TEATRO MAIZUM.**

Teatro Maria Vitória

Parque Mayer — Tel. 37 17 40

(De terça a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00, 20.30 e 22.45).

«NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO!», de Mário Zambujal, Henrique Santana e Francisco Nicholson.

Teatro da Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 32 00

(De terça a sábado, às 21.30.)

«A NOITE DAS TRÍBADES», de Per Olov Enqvist. Encenação de Fernanda Lapa. Cenários e figurinos de Jasmim com Françoise Ariel, António Capeto, Alexandre Sousa e Margarida Carpinteiro.

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

(De 2.ª a domingo, às 21.45. Sábados e domingos, às 21.45 e 16.00).

«FININHO MAS JEITOSINHO». Original de João Bettencour. Versão portuguesa de César Oliveira e Raul Solnado. Com Carlos Miguel, Simone de Oliveira e Filipe Ferrer. **(12 anos).**

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86

(De terça a sábado às 21.30. Domingos às 16.00).

«O BEIJO DA MULHER ARANHA».

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Cascais, 14 (ao Bairro Alto) — Tel. 66 15 15/66 92 05

(De terça a sábado, às 21.00; domingos às 16.00.)

«RICARDO III», de Shakespeare.

Teatro Infantil de Lisboa

R. Leão Oliveira — Tel. 63 99 74

(Todos os sábados, domingos e feriados, às 16.00).

«GRAÇAS E DESGRAÇAS NA CORTE D'EL-REI TADINHO».

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

(De terça a sexta, às 21.45; sábados, domingos e feriados, às 16.00 e 21.45).

«BOEING! BOEING!», de Marc Camoletti. Adapt.: César de Oliveira e Raul Solnado.

Teatro do Século

R. Século 41

De terça a sábado às 21.30

«ARTIMANHAS DE SCAPIN» de MOLIÉRE. Encenação de Rogério Carvalho. Cenografia de José Manuel Castanheira. Figurinos de Michel Ribó.

Teatro Experimental de Cascais

Espaço TEC — Tel. 286 79 33

Sextas e sábados, às 21.30; domingos às 17.00.)

«ARRAIA MIÚDA», de Jaime Gralheiro.

Comuna

Av. Calouste Gulbenkian — Tel. 720818

(Quintas, sextas e sábados, às 21.15. Domingos, às 17)

«QUATRO PARA QUATRO»

(Sábados e Domingos, ás 15.00)

«HISTÓRIA DE UMA COZINHA»

Teatro da Graça

Trav. de S. Vicente (à Voz do Operário) — — Tel. 87 56 26

(De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00 e 21.30)

«TODOS OS CÓMICOS ACABAM COM UMA CANÇÃO» de Catherine Hayes. Encenação: Carlos Fernando. Interpretação: Anna Paula, Carlos Fernando e Teresa Madruga. Grupo **TEATRO HOJE.**

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

(Sábados e domingos, às 11.00)

«O CAMINHO DO COMBOIO». Criação colectiva de Celina Afonso, Eurico Pires e Victor Pi. Grupo **Fio d'Água.**

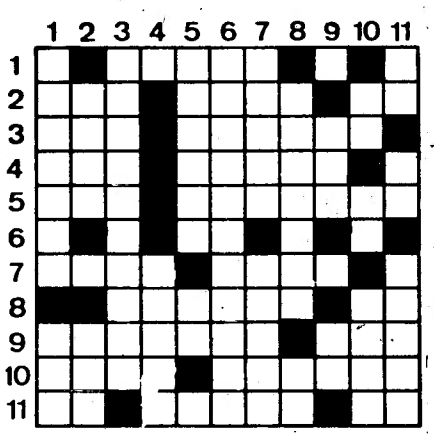
Ultimas sessões com este espectáculo para crianças.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14 452

HORIZONTAIS:

1 Artigo definido. Célebre ditador romano. Artigo definido.
2 Forma apocopada e proclítica de vale. Lavrei. Cério (s.q).
3 Sufixo que designa pequenez. Aragens.
4 Ente. Nome do deus peixe a quem os caldeus atribuíam o mérito de ter civilizado o seu país.
5 Cidade de Espanha. Inanimado.
6 Actínio (s.q).
7 Escarnecem. Serra de Portugal.
8 O mesmo que garçota (ave). Crença.
9 Cálidos. Uma das Espórades.
10 O mesmo que urso (ant). República da Europa Meridional entre o Mediterrâneo, os Alpes e o Adriático.
11 Duas vogais desiguais. Planta da família das armarilidáceas, utilizada no fabrico de tecidos grosseiros. Aparência.



VERTICAIS:

1 Ver. Pronome relativo.
2 Ímpio. Emprega.
3 Instrumentos musicais de sopro.
4 Tempo do verbo ser. Macacos.
5 Freguesia do concelho de Odemira. Item.
6 Desenraizareis.
7 Impera (fig). Apelido.
8 Livres. Alumínio (s.q).
9 Agarrei. Cloro (s.q).
10 Césio (s.q). Mulo. Pico na serra de Monchique.
11 Preposição. Germânio (s.q). Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 451

HORIZONTAIS:

1 Rande. NÃO.
2 Elias. Erada.
3 Sio. Coserei.
4 Pasto. Aló.
5 Or. Altos.
6 Chasco.
7 Dá. Oé! Mad.
8 Em. Sr. Atire.
9 Rem. Ás. Ates.
10 Lesmas. Ias.
11 Éaco. Amarra.

VERTICAIS:

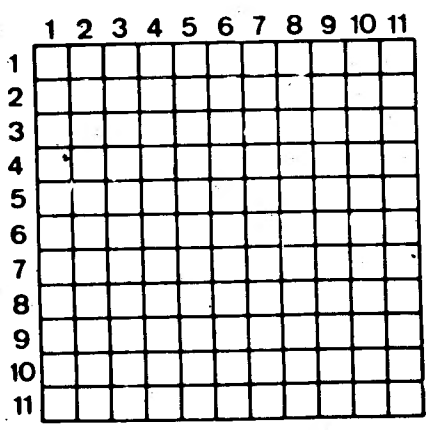
1 RESPONDER. É.
2 Aliar. Amela.
3 Nios. Mec.
4 Dá. Tacos. Só.
5 Escolheram.
6 Ta! Saa.
7 RESPOSTA. SM.
8 Re. SC. Ta!
9 Nara. Omitir.
10 Adela. Arear.
11 Oaio. Edessa.

PROVÉRBIO: Não responder, é resposta.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 292

HORIZONTAIS:

1 Entre os caldeus, o quinto mês. Comida de rancho de marinheiros (Bras). Lantânio (s.q).
2 Faz doação. Espaço de doze meses. Óxido de cálcio.
3 Verseja. Antiga moeda de Ormuz.
4 Desejaríamos ardentemente.
5 Chiste. Cinquenta e um em romano. Pega.
6 Desmontar.
7 Vinho de Maçã. Poente.
8 Patrão. Zombarás.
9 Rádio (s.q). Oásis. Campeão.
10 Alberga por esmola. Dá sinal.
11 Conjunção. Freguesia do concelho de Belmonte.



VERTICAIS:

1 Imposto aduaneiro que, nas Novas Conquistas (ex-Índia Port.), se pagava sobre bambus, lenha, etc. Curar.
2 Espécie de boné sem pala, redondo e largo. Magnetes naturais.
3 Que tem cor ou sabor de mel. Prefixo de negação.
4 O mais. Prasiodímio (s.q). Fileira.
5 Concede. Baterias as asas.
6 Reuniria. Irídio (s.q).
7 Boro (s.q). Grande quantidade. Antes de Cristo.
8 Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Sepultura.
9 Municípios. Distar.
10 Lugares. Ave da família dos láridas.
11 Desenrugado. Pequeno símio do Brasil.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 291

HORIZONTAIS:

1 Água. Batuca.
2 Par. Lenha.
3 Ás. Vi. Aliar.
4 Mês. Ga.
5 Ámen. Pastas.
6 Rocha. Ora.
7 Ad. Ás. AB.
Ota. Ois. Aso.
9 Caduca. Cl.
10 Asilassem.
11 Aos Amais.

VERTICAIS:

1 Aparar. Ocas.
2 Gas. Mortas.
3 Ur. Mec. Adia.
4 Venha. Ulo.
5 Eis. Adoças.
6 Ias.
7 Alagaras. Sa.
46 Telas. Cem.
9 Uni. TKO. Alma.
10 Chaparas.
11 Aar. Sabores.

Rádio

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; **17.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Musical; **20.15**: No estúdio e no estádio; **20.30**: A voz da solidariedade; **21.00**: Movimento; **21.30**: Noites de luar; **23.30**: Último jornal. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

15.30: A música de piano na era romântica; **16.00**: Música do século XX; **16.30**: Solos de violini; **16.45**: Trechos de óperas francesas; **17.00**: Ciclo Beethoven; **17.25**: «Morte e Transfiguração», poema sinfónico, de Richard Strauss; **18.00**: Um poema, de Manuel da Fonseca; **18.05**: Música vocal; **18.40**: Músida de tecla; **19.00**: Música, de Chopin; **19.45**: Música, de Wagner; **20.00**: Ciclo barroco; **20.40**: Sinfonia n. 12, em sol menor, de Mendelssohn; **21.00**: Antologia dos músicos portugueses; **21.22**: Canções, de Guarnieri; **21.38**: Música de câmara; **22.30**: O gosto pela música; **23.00**: Intercâmbio musical; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Tarde à portuguesa; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**: Azul e branco; **20.00**: Conta corrente; **21.00**: Espaço Informação; **21.30**: Quando o telefone toca; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Programas religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: Passatempo; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Pé de vento; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: A minha mãe o que é; **22.30**: Musical; **23.00**: Musical; **24.00**: Ondas luisianas; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Meia-tarde; **16.00**: Rua Capelo; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Memorando; **20.00**: Programa da LARR; **20.30**: Do dia para a noite; **21.00**: Horizonte; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Diário do desporto; **23.00**: Clube dos coleccionadores; **24.00**: Sessão da meia-noite; **02.00**: Estação de serviço.

FM-Estéreo

15.00: Estaminé do ritmo; **16.00**: A cor do som; **18.00**: Entre-Campos; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **21.00**: Vista alegre; **22.00**: Oceano Pacífico; **24.00**: Ultimo metro; **02.00**: Estação de serviço. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP 1

18.00 — Tempo dos Mais Novos
Para hoje, o «chefe» aconselha os Muminhos, Oum, o Golfinho Branco e Yakari.

18.35 — Notícias
Primeira síntese noticiosa do dia.

18.55 — «Século XX»
«Mundo em Guerra»: No Oriente, os japoneses estavam em guerra desde 1931 no território chinês. A 7 de Dezembro de 1941 deu-se o ataque a Pearl Harbour e começou a conquista de todo o Sudeste Asiático, que culminou com a tomada de Singapura, mostrando, aliás, a falta de preparação dos ingleses. Produção: Peter Batty.

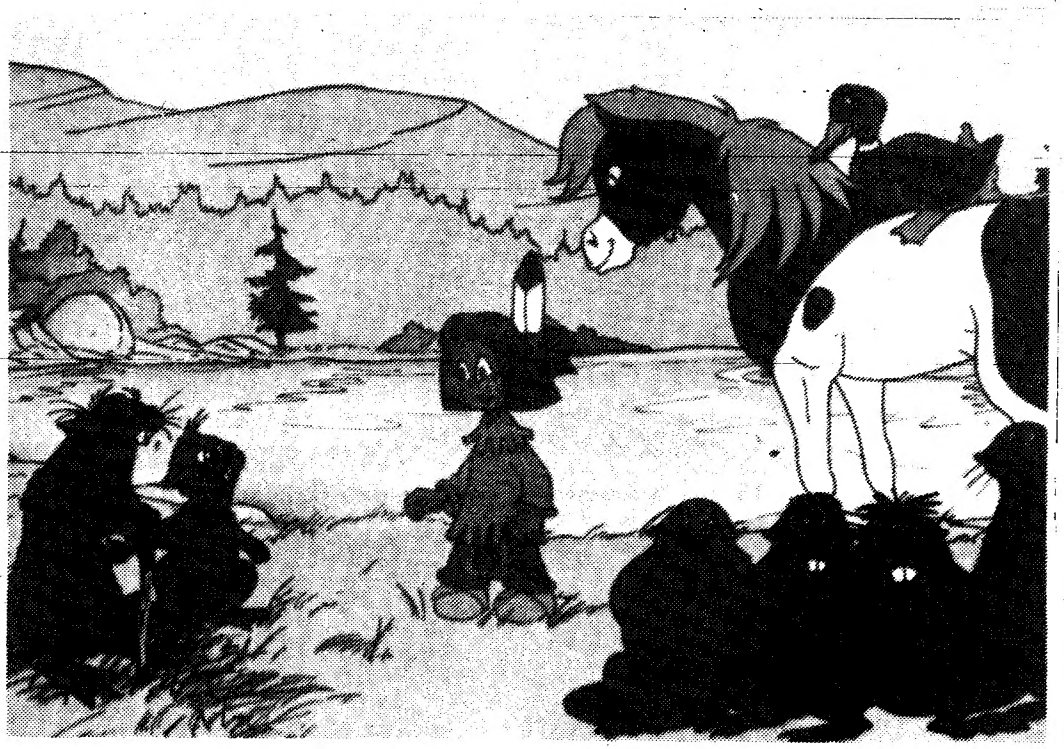
20.00 — Telejornal
Noticiário nacional e internacional segundo a RTP.

20.28 — Boletim Meteorológico

20.30 — Direito de Antena
PCP (Partido Comunista Português).

20.45 — «A Sucessora»
Vasco diz a Germana que desistiu de viajar. O dr. Moretti pede a Juliana que lhe devolva as páginas arrancadas do diário de Alice, mas ela jura que não estão com ela. Marina fica muito feliz com a visita de Miguel. Adélia encontra Luísa em casa de Marina e diz que está quase noiva de Pedro Monte e que ela e Miguel formariam um belo casal. Marina abraça Roberto dizendo que ficaria transtornada se ele deixasse de amá-la. Luísa dá a Miguel um desenho que fez com alguns versos escritos. Marina desce as escadas, ajudada por Roberto e António. Miguel pede ajuda a Guilhermina, contando-lhe que Marina está grávida. Guilhermina resolve visitar Marina.

21.30 — «O Corpo Humano»
«Água»: O corpo humano contém quarenta litros de água. Se desse total perdemos 5% ficamos com muita sede; se forem 10% ficamos doentes e se forem 20% morremos desidratados.



A «malta» miúda tem hoje mais um episódio de «Yakari»

22.00 — «Actual»
Margarida Marante entrevista Almeida Santos: as «últimas» sobre a crise política «inaugurada» pelo PSD.

23.05 — «Tudo em Família»
Jessica Tate entra em pânico quando o filho lhe diz que tem «um caso» com a professora. Burt tenta convencer Mary de que enquanto ele esteve prisioneiro no espaço, ela viveu com um estranho. Realização: JD Lobue.

23.30 — Último Jornal

Mais um episódio de «Tudo em Família» na RTP-1

RTP-2

19.30 — Desenhos Animados
«O Grupo do Urso Cabeludo»

20.00 — «Música da América»

20.30 — «O Mundo em Guerra»
Portugal 1939/45

21.00 — Sessão das Nove
«Conversa Acabada»: princípio do século em Portugal. Época de mutações e contradições, em que as definições políticas, económicas e sociais se esbatem e se renovam. À confusa I República portuguesa chegam os ecos de sublevação e inovação estética e artística oriundos sobretudo de França. Os «ismos» europeus, encabeçados pelo futurismo de Marinetti (que Santa-Rita Pintor e Almada lançam violentamente à opinião portuguesa perplexa), têm um impacto difuso na vida portuguesa, mas proporcionam o momento sublime do encontro único entre Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro. Pessoa desdobrando-se em personalidades, heterónimos e máscaras. Sá-Carneiro consumindo-se na vertigem da criação. Do encontro entre ambos, da reivenção que fazem da língua e literatura portuguesas, diz este filme, história de um encontro poético: os textos, a amizade e a morte. Filme que o realizador deliberadamente dirige aos sentimentos e à inteligência, reclamando uma participação activa e apaixonada do espectador, aposta na modernidade dos textos e poesias dos seus autores, enquadrando-os em referências pessoais e biográficas. Realizador: João Botelho. Intérpretes: Cabral Martins, André Gomes, Juliet Berto, Jorge Silva Melo. Ano de estreia: 1981. Género: Dramático. Fotografia: Cor. Origem: Portugal.

AMANHÃ

RTP 1
09.15 — 12 de Junho — Portugal na CEE
20.00 — Telejornal
20.28 — Boletim Meteorológico
20.35 — «12 de Junho — Portugal na CEE»
00.00 — Encerramento da emissão

RTP-2
19.30 — Abertura
19.32 — Desenhos animados
20.10 — «Memória dum Povo»
20.40 — O Mundo em extinção
21.40 — Filmoteca TV
22.30 — Jornal da noite

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES
SOS CTC
OS PROFISSIONAIS DO SOM, TELEVISÃO E DO VÍDEO
A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 — 89 98 26
Av. S. João de Deus, 13 B ● R. de Macau, 8-1.º LISBOA

SE QUER BEBER, O PROBLEMA É SEU
Se quer parar de beber o problema é nosso.
Venha falar connosco, venha a uma reunião dos
ALCOÓLICOS ANÓNIMOS
2.as 4.as 6.as às 19 horas
Trav. do Corpo Santo, 32

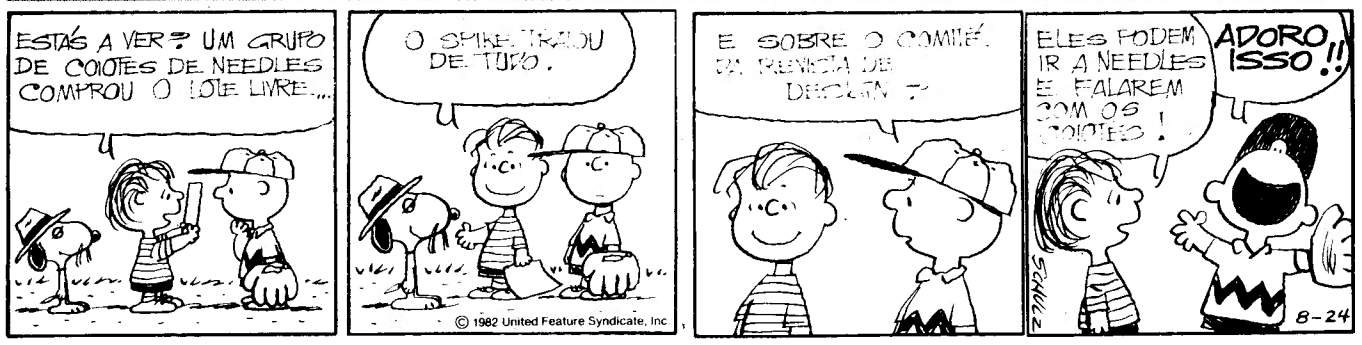
GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...
RTP 1 — 22.00 «Actual»
RTP 2 — 21.00 Sessão das Nove
Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

PORTE PAGO
Fundador **Joaquim Manso**

DL

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 - 32 02 71 / 2 / 3 Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro: 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 - 32 22 04 - 32 07 84
Preço do "DL" na Madeira 50$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
09.56 **3,10 m**	03.31 **1,70 m**
22.18 **3,30 m**	15.48 **1,60 m**
Dia 12	
10.57 **3,20 m**	04.29 **1,60 m**
23.18 **3,30 m**	16.48 **1,70 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	13º
VIANA DO CASTELO	13º
VILA REAL	13º
PORTO	12º
COIMBRA	13º
CABO CARVOEIRO	16º
PORTALEGRE	22º
LISBOA	16º
ÉVORA	19º
BEJA	16º
FARO	19º
SAGRES	17º
PONTA DELGADA	17º
FUNCHAL	19º

Delegação soviética visita Portugal

A delgação do Soviete Supremo da União Soviética que se encontra de visita a Portugal, reune-se hoje na Assembleia da República com o presidente do parlamento e presidentes dos grupos parlamentares.

A delegação, chefiada por um dos 15 vice-presidentes do Presidium dos Soviete Supremo da União Soviética e presidente do Soviete Supremo da República da Estónia, Arnold Ruitel, almoça no Restaurante Panorâmico do Monsanto, sendo depois recebida pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama.

A delegação assistirá, cerca das 17h00, à reunião plenária da Assembleia da República e jantará com o presidente a Assembleia, no Palácio da vila de Sintra.

Arnold Ruitel afirmou que a União Soviética está «invariavelmente a favor das boas relações com Portugal» e que «entre os dois países não exsitem litígios nem obstáculos».

Em relação ao apelo que os países membros da NATO, reunidos na Assembleia da Primavera que decorreu em Portugal, nos dias 7 e 8 de Junho, lançaram à União Soviética no sentido de «procurar melhorias tangíveis nas relações Leste-Oeste», Arnold Ruitel disse que «a URSS tem sempre boa vontade e quer encontrar possibilidades de entendimento e de melhorar a situação mundial».

D. Eurico Nogueira

"Não se tornem cúmplices de um genocídio da Nação"

O Arcebispo de Braga, D. Eurico Nogueira, exortou domingo «os nossos políticos e governantes a que estejam atentos, se não querem tornar-se cúmplices do eventual genocídio colectivo da Nação».

D. Eurico Nogueira referia-se aos riscos inerentes da integração de Portugal na CEE e falava na Catedral de Braga durante a eucaristia e Te-Deum integrados no programa da conferência «os portugueses e o mundo».

Ao contrário do que estava anunciado, não assistiram ao acto nem o Presidente da República nem o Primeiro-Ministro, estando presente a esposa do Chefe de Estado, Manuela Eanes e D. Duarte, Duque de Bragança.

D. Eurico Nogueira considerou na sua homilia que «a iminente integração de Portugal na CEE deverá traduzir-se, a médio e longo prazo, em vantagens económicas para o país, embora se prevejam perturbações imediatas para os seus débeis sectores produtivos e circuitos económicos».

Para o Arcebispo, «o maior risco está na possível destruição da identidade específica de Portugal, em confronto com os demais países da CEE».

Soares em Vale de Cambra

Justiça independente só com Democracia plena

O Primeiro-Ministro afirmou, sábado, que só com «uma justiça independente dignificada» será possível assegurar uma democracia em pleno.

Mário Soares, que falava em Vale de Cambra, aludia a declarações do presidente da edilidade sobre as instalações do tribunal da comarca, as quais, de acordo com António Fonseca, «em nada dignificam quem lá trabalha por não terem capacidade necessária solicitações».

«Não há nenhuma forma de assegurar uma democracia em pleno funcionamento senão através de uma justiça independente, dignificada e altamente prestigiada» — salientou o Primeiro-Ministro.

Para Mário Soares, «o fundamental, é o espírito e os homens», mas, acrescentou, «as instalações têm também um contributo a dar à própria dignificação da função da justiça».

O Primeiro-Ministro deslocou-se a Vale de Cambra para presidir à inauguração de uma série de obras de interesse local.

Mário Soares inaugurou um hospital-centro de saúde, cujo custo foi orçamentado em 220 mil contos, o Mercado Municipal (40 mil contos) e uma estação de tratamento de águas residuais (26 mil contos).

DECARAS

MICK JAGGER é apenas um dos muitos, e grandes, nomes que ho dia 13 de Julho participam no maior concerto de rock do Mundo, organizado por Harvey Goldsmith e cujos responsáveis esperam conseguir com ele 13 milhões de dólares para as vítimas da fome em África. O concerto realiza-se em Filadélfia e Londres e será transmitido por mais de 100 cadeias de televisão, incluindo a soviética e a chinesa. Em Londres cantarão Bootown, Rats, David Bowie, Phil Collins, Dire Straits, Elvis Costelo, Brian Ferry, Paul McCartney, The Who, Sting, entre outros. Em Filadélfia, actuarão Stevie Wonder, Mick Jagger, Duran-Duran, Eric Clapton, Neil Young, Paul Simon, etc. Os bilhetes para o concerto custarão mais de cinco contos, devendo o espectáculo durar 10 horas.

ERIC HONECKER, o líder da Alemanha Democrática, encontrou-se com o primeiro-ministro francês, Laurent Fabius, que se encontra em visita oficial de dois dias à RDA. Os dois políticos expressaram o seu desejo de que a União Soviética e os Estados Unidos consigam acordos «substanciais» nas suas negociações sobre desarmamento. Honecker e Fabius mostraram-se ainda satisfeitos pelas conversações entre os EUA e a URSS que começaram no dia 12 de Março em Genebra. A actual situação europeia e mundial foi tema do encontro entre os dois políticos.

FIDEL CASTRO exortou os países do Terceiro Mundo a encetarem uma greve geral de devedores em resposta à falta de interesse dos países desenvolvidos em dialogar sobre a dívida externa. O presidente cubano formulou esta proposta no discurso de encerramento do encontro de mulheres latino-americanas a que estiveram presentes cerca de 300 delegadas e observadoras de 24 países. «É mais importante a solução da dívida externa do que a revolução social», disse Castro que acrescentou: «as ideias não geram crises — isso é de loucos — mas são as crises que geram ideias, unidades e programas de luta». O líder cubano advertiu ainda os países credores de que, se não mudarem de atitude, «haverá explosões sociais».

LECH WALESA, o líder da proibida central sindical polaca Solidariedade, recebeu ontem uma convocação para comparecer, como testemunha, no julgamento de três destacados sindicalistas acusados de actividades ilegais. Walesa foi convocado para prestar testemunho por ter estado presente num encontro em Fevereiro passado, durante o qual a polícia deteve os três sindicalistas. Adam Michnik, Wladyslaw Frasniuk e Bogdan Lis são acusados de encabeçarem um sindicato ilegal e caso sejam condenados enfrentam penas máximas de cinco anos de prisão.

FIGUEIREDO LOPES, secretário de Estado da Defesa, deslocou-se numa visita oficial de quatro dias a França a convite do ministro francês da mesma pasta. Figueiredo Lopes, que abordou com o ministro francês temas das relações bilaterais no campo da defesa, visitou o salão internacional de Aeronáutica e do Espaço, no qual Portugal está representado com um pavilhão das oficinas gerais de Alverca. O secretário de Estado da Defesa apreciou também três aviões de treino que poderão vir a substituir os actuais aparelhos de treino elementar, os «Chipmunk», a atingir o limite de idade.

VASCO SANTANA, um dos mais populares actores do teatro de revista e de cinema, morreu há vinte e sete anos, em 13 de Junho de 1985. O actor iniciou a sua carreira aos 19 anos, conquistando de imediato uma grande popularidade. Em 1929 enfrentou, pela primeira vez, as câmaras de filmar na película «A Menina Endiabrada». No ano seguinte foi a vez de «Lisboa, Crónica Anedótica», não parando, desde então, de acumular êxitos sobre êxitos nas figuras que criou com António Silva e Ribeirinho. Vasco Santana foi também autor dos diálogos de vários filmes como, por exemplo, «O Pai Tirano» ou «Maria Papoila».

Se não houver totalista...

120 mil contos no próximo Totoloto

Aumentavam esta manhã as hipóteses de não haver qualquer totalista do Totoloto desta semana. Com pouco menos de três por cento de boletins por escrutinar, nãoi havia sido detectado qualquer apostador com seis resultados certos: 10, 11, 12, 15, 21 e 31.

Os serviços de escrutínio da Misericórdia de Lisboa admitiram ao «DL», à hora do fecho desta edição, não haver qualquer totalista. A confirmar-se tal previsão — o que acontecerá pela segunda vez em três meses de Totoloto e apenas com duas semanas de intervalo — o primeiro prémio da próxima semana rondará os 120 mil contos. Será um autêntico «jackpot», disse ao «DL» o mesmo funcionário.

As previsões quanto aos restantes prémios são estas: para o 2.º entre 23 a 25 apostadores (acertaram em cinco dos seis números atrás referidos e no 9 como «suplementar»); para o 3.º prémio, entre 687 e 745; o quarto prémio será repartido entre 41 411 e 45 040 apostadores, ao passo que ao 5.º prémio há entre 754 026 e 814 450 candidatos.

Os apostadores com cinco resultados certos mais o 9, arrecadarão cerca de 390 mil escudos; os que marcaram quatro números certos 900 escudos; e, por último, os dos três resultados (5.º prémio): menos de oitenta escudos (80$00).

Primeiro óbito da época balnear

Rapariga afogada na Caparica

Isabel Ruth, uma jovem de 17 anos, afogada ontem à tarde na praia do Clube de Campismo de Lisboa, na Costa da Caparica, é o primeiro caso mortal registado até agora nas praias portuguesas, desde o início da época balnear em 1 do corrente, pelo Instituto de Socorros a Náufragos. A jovem foi retirada da água com vida por um nadador-salvador, tendo o corpo sido transportado para o Hospital de Almada, devido à dificuldade de encontrar o delegado de saúde da comarca para confirmar o óbito.